

Aléxia Teles Duchowny

DE MAGIA (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library):

EDIÇÃO E ESTUDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Lingüística

Linha de pesquisa: Variação e mudança lingüística

Orientadora: Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Co-orientador: Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Minas Gerais

fevereiro/2007

D832d Duchowny, Aléxia Teles.
De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library) [manuscrito] : edição e estudo / Aléxia Teles Duchowny. – 2007.
323 f., enc. : il. fots., tabs., grafs., fac-sims. ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta de A. M. Cohen.
Co-orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Lingüística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Lingüística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 287-291.
Anexos: f. 304-323.

1. Lingüística histórica portuguesa – Teses. 2. Língua portuguesa – Até 1500 – Teses. 3. Filologia portuguesa – Teses. 4. Crítica textual – Teses. 5. Manuscritos medievais – Fac-símiles – Teses. 6. Aljama – Teses. 7. Escrita – Idade Média – Teses. 8. Judaísmo – Idade Média – Teses. 9. Astrologia – Idade Média – Teses. 10. Língua portuguesa – Variação – Teses. 11. Mudanças lingüísticas – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta A. de Mendonça. II. Cambraia, César Nardelli. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 469.09

Tese intitulada *DE MAGIA (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: EDIÇÃO E ESTUDO, de autoria da doutoranda Aléxia Teles Duchowny, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Antonieta A. de M. Cohen – Fale/UFMG – Orientadora

Prof. Dr. César Nardelli Cambraia – Fale/UFMG – Co-orientador

Profa. Dra. Célia Marques Telles – Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Newton Sabbá Guimarães - Unicentro - Irati - PR

Profa. Dra. Evelyne Jeanne A. A. Madeleine Dogliani – Fale/UFMG

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão – Fale/UFMG

Belo Horizonte, 8 de fevereiro de 2007

AGRADECIMENTOS

À Tila e ao César, pela orientação e por terem acreditado no meu trabalho desde o início;

à Stefania, cujos carinho, presença, dedicação e interesse me permitiram chegar até o fim;

à Profa. Aldina Quintana, sempre disponível, tão acessível;

à Profa. Célia Telles, tão generosa, pelas críticas e sugestões;

aos meus pais Cleusa e Marcos, ao Jimmy e à minha família;

ao meu sogro Roger, pela adorável moradia em Jerusalém;

à UFMG, pela oportunidade de desenvolver o trabalho;

à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ca, se as scripturas non fossem, qual sabedoria ou engenho d'homen se poderia recordar de todas cousas passadas, ainda que as no achasse de novo que he ja cousa muy mais grave? Certo nenhu-u~.

Crónica Geral de Espanha, cap. 1, fól. 1b (1344)

RESUMO

A presente tese consiste na edição e no estudo da obra inédita *De Magia* (*Ms. Laud Or. 282*), que se encontra na Seção Oriental da Bodleian Library, em Oxford, Inglaterra. Esse guia astrológico, da primeira metade do século XV, é um manuscrito aljamiado: os caracteres são hebraicos semicursivos e a língua o português arcaico. Os objetivos gerais da tese são a edição paleográfica do *De Magia* e a análise de características do português arcaico aljamiado. Foi dada ênfase à compreensão dos grafemas *bet*, *vet* e *vav*, equivalentes ao e <v> do português não-aljamiado. Na *Introdução*, apresentam-se os objetivos e justifica-se a edição da referida obra e a análise de *bet*, *vet* e *vav*; no *Capítulo 1*, apontam-se, de modo detalhado e atualizado, os aspectos codicológicos e paleográficos e a datação do códice; no *Capítulo 2*, estuda-se a representação grafemática do *De Magia* e indicam-se os critérios utilizados para a transcrição dos grafemas hebraicos em latinos. Para a transcrição, foi utilizada como base a *Crónica Geral de Espanha* (1344), através do programa de tratamento de dados *WordSmith Tools*; no *Capítulo 3*, justifica-se a opção pela edição paleográfica, descrevem-se as normas de transcrição adotadas e apresenta-se a edição do *De Magia*; no *Capítulo 4*, analisam-se os grafemas *bet*, *vet* e *vav*, comparados entre si e com os grafemas correspondentes no latim e no português arcaico não-aljamiado. A partir da interpretação dos dados, foi possível verificar o uso de três grafemas (*bet*, *vet*, *vav*) ao invés de dois (<v> e) para representar os mesmos sons, levando a repensar as opiniões vigentes principais relativas ao e ao <v> do português. O *Apêndice* é composto da transcrição paleográfica dos três primeiros fólios do manuscrito inédito 5-2-32 da Biblioteca Colombina, dos três primeiros fólios do manuscrito inédito *Ms. Laud Or. 310*, da Bodleian Library, do último fólio do ms. 282. O *De Magia* foi o primeiro texto aljamiado em português editado e analisado com rigor e detalhamento. Este estudo pioneiro contribui para uma visão mais próxima da realidade fônica do português arcaico da primeira metade do século XV e para uma melhor compreensão dos fatores codicológicos e paleográficos dos manuscritos medievais, devendo servir de estímulo para a continuidade dos estudos das aljamias portuguesas, mantidas inéditas nas estantes das bibliotecas.

ABSTRACT

This thesis consists of the edition and the study of the unedited manuscript *De Magia* (*Ms. Laud Or. 282*), kept in the Oriental Section of the Bodleian Library, in Oxford, England. *De Magia* is an astrological guide written in the first half of the fifteenth century and it is an aljamiado manuscript: the characters are in semicursive Hebrew and the language is Old Portuguese. The general goals of the thesis are to produce a semidiplomatic edition of *De Magia* and to make an analysis some characteristics of the aljamiado Old Portuguese. Emphasis has been given to the understanding of the graphemes *bet*, *vet* and *vav*, equivalent to <v> and of non-aljamiado Portuguese. In the *Introduction*, the objectives are presented and the edition of the manuscript and the analysis of *bet*, *vet* and *vav* are justified; in *Chapter 1*, the codicological and paleographic aspects of *De Magia* are detailed and the manuscript is dated; in *Chapter 2*, its graphematic representation is studied and the criteria used for the transcription of the Hebrew graphemes into Latin ones are described. The basis for the transcription was the *Crónica Geral de Espanha* (1344). Its data was handled through the computer program WordSmith Tools; in *Chapter 3*, the option for the semidiplomatic edition is justified, and the adopted norms of the transcription are described, before the presentation of the first 168 folios of *De Magia*; in *Chapter 4*, the graphemes *bet*, *vet* and *vav* are analyzed and compared between themselves and with the corresponding graphemes in the Latin and the non-aljamiado Old Portuguese. The interpretation of the data made it possible to conclude that three graphemes (*bet*, *vet* and *vav*) are being used instead of two (and <v>) to represent the same sounds, bringing better understanding to the subject. The *Appendix* is composed of the transcription of some folios of the unedited manuscript 5-2-32, of the Colombina Library, in Sevilla, Spain, of some folios of the unedited manuscript *Ms. Laud Or. 310*, of the Bodleian Library, and the last folio of ms. 282. *De Magia* was the first aljamiado text in Portuguese edited and analyzed with strictness to explicit norms and attention to details. This pioneering study contributes to a more realistic phonic perspective of Old Portuguese and for a better comprehension of the codicological and paleographical aspects of medieval manuscripts. Hopefully, it will stimulate more studies of the Portuguese aljamas, kept unknown in library bookshelves.

LISTAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

BK -	Bava Kama (em aramaico <i>A primeira porta</i>)
BM -	Bava Metsia (em aramaico <i>A porta do meio</i>)
C -	consoante
ca. -	<i>circa</i> (cerca)
cap. -	capítulo
cf. -	conforme
CGE -	<i>Crónica Geral de Espanha</i>
CIPM -	Corpus Informatizado do Português Medieval
cl. -	clássico
Cod. -	códice
corresp. -	correspondente
d.C. -	depois de Cristo (Era Comum)
DM -	<i>De Magia</i>
fól.; fol. -	fólio
JE -	<i>Jewish Encyclopedia</i>
lat. -	lat. - latim
MK -	Moed Katan (em aramaico <i>O tempo pequeno</i>)
Ms.; ms. -	manuscrito
N. -	número
Ned. -	Nedarim (em aramaico <i>Votos</i> ou <i>Promessas</i>)
Or. -	oriental
p.; pág. -	página
part. pas. -	particípio passado
PE	português europeu
port. -	português
r -	<i>recto</i>
RAE -	Real Academia Española
séc. -	século
v -	verso
V -	vogal
vol. -	volume
VPM -	<i>Vocabulário do Português Medieval</i>
[] -	alofone
/ -	limite de linha
/ / -	fonema
< -	originado de
> -	deu origem a
< > -	grafema, na tese; inserção por conjectura, na transcrição do manuscrito
* -	forma reconstituída, hipotética
~ -	varia com

ILUSTRAÇÕES - QUADROS E FIGURAS

FIGURAS

Figura 1 - Brasão do Arcebispo Laud	27
Figura 2 - Desenho presente no fôlio iv.....	29
Figura 3 - Filigrana do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	33

Anexos

Figuras 4a e 4b - Fac-símile da transcrição de González Llubera (1952)	304
Figura 5 - Fac-símile da transcrição de Strolovitch (2000)	305
Figura 6 - Capa de frente em couro do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	306
Figura 7 - Interior da capa de frente e fôlio <i>ir</i> em pergaminho do <i>Ms. Laud Or. 282</i> .	307
Figura 8 - Fólios <i>iv-iiir</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	308
Figura 9 - Fólios <i>iiiv - iiir</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	309
Figura 10 - Fólios <i>iiiv-ivv</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	310
Figura 11 - Fólios <i>ivv - vvr</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	311
Figura 12 - Fólios <i>vv</i> e <i>1r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	312
Figura 13 - Fólios <i>84v</i> e <i>85r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	313
Figura 14 - Fólios <i>416v</i> e <i>417r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	314
Figura 15 - Fólios <i>417v</i> e <i>418r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	315
Figura 16 - Fólios <i>418v</i> e <i>419r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	316
Figura 17 - Fólios <i>419v</i> , <i>420</i> (cortado) e <i>421r</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	317
Figura 18 - Interior da capa de trás e fôlio <i>421v</i> do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	318
Figura 19 - Capa de trás em couro do <i>Ms. Laud Or. 282</i>	319
Figura 20 - Fôlio <i>1r</i> do <i>Ms. Laud Or. 310</i>	320
Figura 21 - Fólios <i>183r</i> e <i>182v</i> do <i>Ms. Laud Or. 310</i>	321
Figura 22 - Fólios <i>242r</i> e <i>243v</i> do <i>Ms. Laud Or. 310</i>	322
Figura 23 - Fôlio <i>1v</i> do <i>Códice 5-2-32</i> da Biblioteca Colombina	323

QUADROS

Quadro 1	Grafemas simples	Encarte
Quadro 2	Nexo	Encarte
Quadro 3	Dígrafos e trígrafos	Encarte
Quadro 4	Numerais	49
Quadro 5	Grafemas que representam exclusivamente numerais	50
Quadro 6	Obras citadas para a datação da linguagem	59
Quadro 7	Vogal temática do particípio passado dos verbos da 2ª conjugação	59
Quadro 8	Pronomes possessivos <i>minha, tua, sua</i>	60
Quadro 9	Síntese sobre a datação da linguagem do <i>De Magia</i>	61
Quadro 10	Recursos utilizados para a transcrição	87
Quadro 11	Evolução de /b/, /v/ e /B/ no português	261
Quadro 12	Representações grafemáticas dos sons derivados de [u̟] latino	265
Quadro 13	Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de [u̟] latino	266
Quadro 14	Vocábulos com <i>bet</i> inicial categórico derivado de [u̟] latino	266
Quadro 15	Vocábulos com <i>vet</i> inicial categórico derivados de [u̟] latino	267
Quadro 16	Vocábulos com <i>vav</i> inicial categórico derivados de [u̟] latino	267
Quadro 17	Representações grafemáticas dos sons derivados de [-u̟] latino	269
Quadro 18	Vocábulos em variação iniciados por grafema derivados de [-u̟] latino	269
Quadro 19	Vocábulos com <i>bet</i> medial categórico derivado de [-u̟] latino	271
Quadro 20	Vocábulos com <i>vet</i> medial categórico derivados de [-u̟] latino	271
Quadro 21	Vocábulos com <i>vav</i> medial categórico derivados de [-u̟] latino	272
Quadro 22	Representações grafemáticas dos sons derivados de [b-] latino	273
Quadro 23	Vocábulos com <i>bet</i> inicial categórico derivado de [b-] latino	273
Quadro 24	Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de [b-] latino	274
Quadro 25	Representações grafemáticas dos sons derivados de V[-b-]V latino	275
Quadro 26	Vocábulos com <i>bet</i> inicial categórico derivados de V[-b-]V latino	275
Quadro 27	Vocábulos com <i>vet</i> inicial categórico derivado de V[-b-]V latino	276
Quadro 28	Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de V[b]V latino	276
Quadro 29	Vocábulos com <i>bet</i> inicial categórico derivado de C[-b-] latino	278
Quadro 30	Representações grafemáticas dos sons derivados de [-b-]r latino	279
Quadro 31	Representações grafemáticas dos sons derivados de V[-p-]V latino	279
Quadro 32	Vocábulos com <i>bet</i> inicial categórico derivado de V[-p-]V latino	280
Quadro 33	Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de V[-p-]V	281
Quadro 34	Representações grafemáticas dos sons derivados de [-f-] latino	282
Quadro 35	Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de [-f-] latino	282
Quadro 36	Comparação entre o português aljamiado e o não-aljamiado	283

SUMÁRIO

Introdução	14
1 Descrição do códice Laud Or. 282 da Bodleian Library	
1.1 Astrologia e Judaísmo na Idade Média	18
1.2 <i>De Magia</i> : a obra e sua tradição textual	21
1.3 Identificação e descrições prévias	24
1.4 Descrição codicológica	25
1.4.1 Suporte material	26
1.4.2 Cadernos	32
1.4.3 Foliação	32
1.4.4 Filigranas	32
1.4.5 Ilustrações	33
1.5 Autoria da cópia	33
1.6 Escrita	42
1.6.1 Classificação.....	45
1.6.2 Aspectos paleográficos	46
1.6.2.1 Grafemas	47
1.6.2.2 Abreviaturas	47
1.6.2.3 Sinais diacríticos	47
1.6.2.4 Sinais de valor numérico	48
1.6.2.5 Sinais de pontuação	50
1.6.2.6 Separação intra e intervocabular	50
1.6.2.7 Gerenciamento de linha	50
1.6.2.8 Sinais de correção e anulação	53
1.6.2.9 Rubricação e decoração	53
1.6.2.10 Reclamos	54
1.6.2.11 Notas marginais e interpolações dos leitores do <i>De Magia</i>	54
1.7 História do códice	56
1.8 Datação do códice	57
1.9 Datação da linguagem do texto	58
1.9.1 Vogal temática do participio passado dos verbos da 2ª conjugação	59
1.9.2 Pronomes possessivos <i>minha, tua, sua</i>	60
1.9.3 Conjugações <i>ca, pois</i> e variantes	60
1.10 Conteúdo	61
2 A representação grafemática do <i>De Magia</i>	
2.1 O hebraico	64
2.2 A aljamia	66
2.3 Grafemas simples	69
2.3.1 Grafemas que representam vogais	70
2.3.1.1 <i>Álef</i>	70
2.3.1.2 <i>Hei</i>	71
2.3.1.2 <i>Vav</i> vocálico	71
2.3.1.4 <i>Yud</i> simples	72

2.3.2	Grafemas que representam consoantes	72
2.3.2.1	<i>Bet</i>	72
2.3.2.2	<i>Bet</i> com diacrítico (<i>Vet</i>)	73
2.3.2.3	<i>Guímel</i>	73
2.3.2.4	<i>Guímel</i> com diacrítico	74
2.3.2.5	<i>Dálet</i>	74
2.3.2.6	<i>Dálet</i> com diacrítico	75
2.3.2.7	<i>Vav</i> consonantal	75
2.3.2.8	<i>Zain</i>	75
2.3.2.9	<i>Het</i> com diacrítico	75
2.3.2.10	<i>Tet</i>	75
2.3.2.11	<i>Kaf</i> com diacrítico	76
2.3.2.12	<i>Lámed</i>	76
2.3.2.13	<i>Mem</i>	76
2.3.2.14	<i>Nun</i> e <i>nun</i> final	76
2.3.2.15	<i>Samech</i>	77
2.3.2.16	<i>Ain</i>	77
2.3.2.17	<i>Pei</i>	77
2.3.2.18	<i>Pei</i> com diacrítico (<i>Fei</i>)	78
2.3.2.19	<i>Tsadik</i>	78
2.3.2.20	<i>Kuf</i>	78
2.3.2.21	<i>Resh</i>	79
2.3.2.22	<i>Sin</i>	79
2.4	<i>Álef</i> e <i>lámed</i> em nexos	80
2.5	Dígrafos e trígrafos	80
2.5.1	<i>Yud</i> duplo	80
2.5.2	<i>Lámed</i> seguido de <i>yud</i> duplo	81
2.5.3	<i>Nun</i> seguido de <i>yud</i> duplo	81
2.5.4	<i>Álef</i> e <i>lámed</i> em nexos seguidos de <i>yud</i> duplo	82

3 Edição do *De Magia*

3.1	A escolha do tipo de edição	83
3.2	Normas de transcrição adotadas	84
3.3	Texto da edição paleográfica	87

4 Estudo lingüístico: análise comparativa entre *bet*, *vet* e *vav*

4.1	[b] e [u] no latim vulgar	256
4.1.1	[b]	256
4.1.2	[u]	257
4.2	[b] e [v] no português arcaico	258
4.2.1	[b]	258
4.2.2	[v]	259
4.2.3	Evolução dos valores fônicos dos grafemas e <v> no português	260
4.3	Análise de <i>vav</i> , <i>bet</i> e <i>vet</i>	262
4.3.1	[ụ] latino	264
4.3.2	[-ụ] latino	269
4.3.3	[b-] latino	273
4.3.4	V[-b-]V latino	274

4.3.5	C[-b-] latino	278
4.3.6	[-bb-] latino	278
4.3.7	[-b-]r latino	278
4.3.8	V[-p-]V latino	279
4.3.9	[-f-] latino	281
4.4	Considerações finais	283
Conclusão		285
Referências		287
Apêndice		
1	<i>Aebdar e aebdamento</i>	292
2	Transcrição dos três primeiros fólhos do códice 5-2-32 da Biblioteca Colombina	293
3	Transcrição do fólho 416 do <i>De Magia</i> , contendo colofão	295
4	Transcrição dos três primeiros fólhos do <i>Ms. Laud Or. 310</i>	296
Anexos		304

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é constituída de duas partes interligadas:

i) a edição paleográfica dos 84 fólhos iniciais do texto inédito em português arcaico, em caracteres hebraicos, *De Magia*, manuscrito encontrado na Bodleian Library, Oxford, Inglaterra, notação *Ms. Laud Or. 282*. Para a apresentação desta edição, propõe-se, principalmente, a transcrição dos caracteres hebraicos para os latinos, a partir da criação de um corpo de normas. Uma pesquisa complementar sobre sua tradição e uma descrição codicológica e paleográfica do manuscrito também são apresentadas, servindo como suporte para a transcrição. Ademais, será feita uma análise da escrita do texto sob o ponto de vista da grafemática, em que se analisa detalhadamente a relação entre os grafemas, verificando as conseqüências do uso de um alfabeto semítico para a expressão do português arcaico, língua românica. A escolha de se analisarem apenas os 84 primeiros fólhos se deve ao fato de haver mudança de punho a partir do fólho 85r, o que implicaria em diferentes estudos codicológicos, paleográficos e grafemáticos.

ii) a análise comparativa entre os grafemas *bet*, *vet* e *vav*, para a identificação das suas representações fônicas. Ao se fazer a transcrição do *De Magia*, observa-se a existência de três grafemas equivalentes a apenas dois grafemas em um texto não aljamiado. Conseqüentemente, impôs-se saber quais seriam as representações fônicas dos grafemas *bet*, transcrito como , *vet*, transcrito como <β>, e *vav*, transcrito como <v> do texto aljamiado. A hipótese proposta é de que, se há três grafemas na aljâmia, então há três sons no português coetâneo ao texto: *bet* seria a representação grafemática de [b]; *vav* seria a representação grafemática de [v]; *vet* seria a representação grafemática de [β].

A realização desses estudos se justifica por várias razões. Os manuscritos medievais judaicos, devido às circunstâncias históricas que espalharam as comunidades judaicas por toda a bacia do Mediterrâneo e mesmo além dela, foram colocados em contato com culturas, sociedades e tradições diversificadas. “As a result, Hebrew manuscripts are cross-cultural agents and significant artifacts for studying the history of handwritten book in all other civilizations around the Mediterranean, predominantly those of Islam and Christianity.”¹

¹ Tradução nossa: “Como resultado, os manuscritos hebraicos são agentes transculturais e artefatos significativos para o estudo da história do livro manuscrito em todas as civilizações do Mediterrâneo, principalmente as islâmicas e as cristãs.”

(BEIT-ARIÉ, 2003, p.14). Ao se compreender um manuscrito hebraico, como o *De Magia*, entende-se também a história dos manuscritos de um modo geral.

Além do mais, o conteúdo do *De Magia* oferece informações tanto aos Estudos Judaicos, quanto à História, Sociologia, Astrologia, Geografia e Medicina, pois a obra abrange temas relacionados a todas essas áreas. Como afirma Carvalho (1949:128), o *Ms. Laud Or. 282* “É um dos textos que desejaríamos publicar (ou ver publicado), pelo subsídio que prestará à história dos conhecimentos científicos da grande geração dos ‘altos Infantes’”.

Ao se abrir qualquer obra relativa à lingüística histórica portuguesa, nota-se que os textos aljamiados são literalmente ignorados, sendo os textos de Lopes (1897) e Teyssier (1977) exceções. Hegyi (1981) também cita as aljamias portuguesas, mas sem entrar em detalhes de interesse a este estudo. Mesmo assim, tratam de textos em caracteres árabes e em língua portuguesa. Apenas Strolovitch (2000) estuda especificamente as aljamias em caracteres hebraicos e língua portuguesa. Esse mesmo autor publicou também sua tese de doutorado *Portuguese language, Hebrew script: convention, contact and convivência* (2005), que inclui a transcrição dos 27 primeiros fôlios do *De Magia*. No entanto, os critérios do autor não estão explicitados, além de serem difíceis de serem inferidos.

Na medida em que se quer sanar estes pontos fracos dos estudos lingüísticos, esse trabalho de edição e estudo da escrita do *De Magia* se justifica.

Os estudos relativos às línguas judaicas - e o *De Magia* é aqui definido como um texto em língua judaica *lato sensu* - no Brasil, especificamente, mantiveram-se extremamente restritos até os dias de hoje. Há grupos de Estudos Judaicos em Minas Gerais (UFMG), São Paulo (USP) e no Rio de Janeiro (UERJ e UFRJ), que tratam dos vários aspectos do judaísmo (Literatura, História, Sociologia, etc.). Mais recentemente, a partir de 1996, pesquisadores da UFMG, encabeçados por Maria Antonieta Cohen, desenvolveram pesquisas relacionadas às línguas judaicas².

No *De Magia*, os elementos fônicos do português arcaico são representados por sinais distintos dos empregados na escrita latina. Isso pode ser uma desvantagem em alguns aspectos – regras para uma língua semítica misturam-se com regras para uma língua românica, as normas de transcrição acabam se tornando bem mais complexas –, mas, por outro lado, e esta é a hipótese central do Capítulo 4, a compreensão da representação gráfica da aljâmia pode

² O estudo pioneiro foi a pesquisa de Iniciação Científica da autora desta tese sobre o judeu-espanhol na cidade de Belo Horizonte, em 1996 (COHEN; GUIMARÃES; MENACHE, 1998). Após essa pesquisa, houve uma tese de Doutorado (GUIMARÃES, 1998), duas dissertações de Mestrado (GUIMARÃES, 2000 e SCHEINBEIN, 2006) e mais uma Iniciação Científica em 2001 que trataram de línguas judaicas.

oferecer importantes contribuições para os estudos fônicos e ortográficos do português arcaico, muitas vezes obscurecidos pelo sistema de escrita latina. Teyssier (1997, p.60), por exemplo, em relação à evolução do sistema de sibilantes, verificou que, ao contrário do sistema latino tradicional, “nos textos aljamiados escritos no Marrocos em 1517 a transposição das palavras portuguesas em grafia árabe não deixa transparecer nenhuma confusão entre as duas séries [de sibilantes].”

Finalizando, estudar um texto de judeus portugueses preencheria a distância que há entre a quantidade de estudos sobre os judeus espanhóis. Metzger (1977, p.3) tenta entender:

La vie juive fut aussi ancienne et aussi continue qu'en Espagne; les communautés y prospérèrent et y souffrirent de la même façon. Les penseurs, les savants, les hommes politiques les illustrèrent et les fidèles pieux en maintinrent les structures comme en Espagne. La demande en copies bibliques, en livres de prières et en ouvrages d'éthique, de mystique, en traités juridiques, etc., devait s'y faire sortir comme en Espagne. Pourquoi ne reste-t-il donc par comparaison avec les manuscrits d'origine espagnole assurée, qu'un nombre si restreint de manuscrits copiés sûrement au Portugal? On en connaît en effet seulement vingt-trois (...)³

A autora não consegue achar uma resposta satisfatória para a pergunta proposta, mas sugere que a raridade dos documentos conservados – não é demais lembrar que, em 1496, o Rei Manuel mandou destruir todos os livros hebraicos do reino (KAYSERLING, 1971, p.114) – poderia explicar a falta de estudos sobre os manuscritos portugueses. Os judeus portugueses são praticamente ignorados, e essa pesquisa sanaria essa lacuna nos Estudos Judaicos como um todo, mesmo não sendo prioridade da tese.

Em síntese, a pesquisa teve como objetivos gerais: (a) Edição paleográfica do *De Magia*, texto português da primeira metade do século XV, tendo como público-alvo o linguista diacronista desconhecedor do alfabeto hebraico (lingüistas em geral, historiadores, sociólogos, antropólogos, astrólogos, entre outros, também se beneficiarão do estudo como um todo); (b) Compreensão e análise das características da língua portuguesa do *De Magia* e das suas idiossincrasias decorrentes da aljama para que, através de um sistema gráfico diferente do usual, se possa caracterizar melhor, futuramente, fenômenos grafemáticos e fônicos do português arcaico, aumentando-se o escopo da variação e podendo-se até mesmo chegar a variantes ainda desconhecidas.

³ Tradução nossa: [Em Portugal] “a vida judaica foi tão antiga e tão contínua quanto na Espanha; as comunidades ali prosperaram e sofreram do mesmo modo. Os pensadores, os sábios, os políticos as ilustraram os piedosos fiéis mantiveram suas estruturas como na Espanha. A demanda por cópias bíblicas, por livros de orações, por obras de ética e de mística e por tratados jurídicos, etc., deveria acontecer como na Espanha. Então, por que há um número tão restrito de manuscritos copiados seguramente em Portugal, em comparação com os manuscritos seguramente escritos na Espanha? Conhecemos, na verdade, apenas 23 deles (...)”

Os objetivos específicos, em relação à edição paleográfica são: (1) desenvolvimento de critérios de transcrição dos caracteres hebraicos para os latinos; (2) análise dos encontros vocálicos; (3) análise dos grafemas da aljâmia sem correspondência direta e inequívoca com os grafemas latinos; (4) compreensão dos processos de representação dos grafemas do português arcaico a partir do paradigma da aljâmia. Em relação ao estudo lingüístico em si: (1) análise dos grafemas *bet*, *vet* e *vav*; (2) levantamento dos estudos relativos a [b, v, β] do latim vulgar e do português arcaico e (3) estudo do *bet*, *vet* e *vav* do português arcaico aljamiado.

Assim, no primeiro capítulo, são feitas as análises codicológica e paleográfica do manuscrito. No segundo, as vogais e as consoantes do testemunho são analisadas sob o aspecto grafemático. No terceiro capítulo, é apresentada a edição paleográfica do texto, antecedida de seu corpo de normas. O capítulo final compreende o estudo dos grafemas *bet*, *vet* e *vav*.

1 DESCRIÇÃO DO CÓDICE *LAUD OR. 282* DA BODLEIAN LIBRARY

1.1 ASTROLOGIA E JUDAÍSMO NA IDADE MÉDIA

O objeto de estudo desta tese, o guia astrológico *De Magia*, insere-se no contexto cultural esboçado a seguir.

O interesse em desvelar as mensagens dos astros está presente em vários manuscritos medievais. Esses textos astrológicos são compostos por ferramentas e princípios da Astrologia, quadros e textos relativos à influência e à natureza dos planetas, assim como horóscopos, isto é, mapas dos céus que fornecem respostas a problemas dos mais variados tipos. Ao contrário da Astrologia atual, a medieval permeava vários níveis da sociedade, fazendo parte da visão de mundo dos indivíduos: previsões, tipos de personalidade, destinos individuais, amor, poder, negócios, teoria cosmológica, alquimia, agricultura e medicina (PAGE, 2002, p.5).

Na Idade Média, a *Astrologia* e a *Astronomia* chegam da Grécia ao Ocidente de forma fragmentada, através de textos tecnicamente pouco refinados e sempre condenados pela Igreja católica, conforme Page (2002). No Oriente, a Astrologia grega foi transmitida ao mundo árabe, chegando, através dele, à Península Ibérica, por volta do final do século X. No século XII, a Astrologia adquire grande ímpeto com a redescoberta e tradução para o latim, do grego, de textos preservados pelos árabes e de textos árabes relacionados a ela, e também à Astronomia e à Filosofia. Segundo Page (2002, p.9),

Scholars from across Europe travelled to centres in Spain, Sicily and the Middle East where – *often in collaboration with Jews* – they translated works from Arabic into Latin and returned home in possession of a body of scientific knowledge which included astrological, alchemical and magical texts⁴ (Grifo nosso).

Em muitas cortes da Europa Medieval, os governantes recebiam aconselhamento astrológico de médicos e membros da corte. Apesar de regularmente condenada pelos teólogos, o uso freqüente da Astrologia pode ser evidenciado por vários manuscritos medievais que chegaram até os dias de hoje.

A arte da Astrologia era dividida em duas partes principais: a mundana (também chamada de geral ou natural) e a judicial. A primeira concernia às influências celestes sobre

⁴ Tradução nossa: “Acadêmicos de toda a Europa viajaram para centros na Espanha, Sicília e no Oriente Médio onde – geralmente em colaboração com judeus – traduziram trabalhos do árabe para o latim e voltaram para casa de posse de um conhecimento científico que incluía textos astrológicos, mágicos e relacionados à alquimia.”

os fenômenos naturais, tais como o tempo e a previsão de acontecimentos em geral. A segunda preocupava-se com a vida do indivíduo e o momento certo para realizar alguma ação, vista com suspeita pela Igreja católica e pelo Judaísmo tradicional, já que poderia ameaçar o conceito de livre arbítrio da divina providência de Deus. Uma resposta comum a essa crítica, por parte dos astrólogos, era a de que a Astrologia preparava os seres humanos para eventuais desastres, diminuindo seu impacto. Ademais, apenas os corpos, paixões e multidões eram regidos pelas estrelas, e não a razão, as almas e o livre arbítrio dos indivíduos. Segundo Page (2002, p.49), é difícil saber o quão abrangente era a disseminação das idéias astrológicas. O hábito usual de leitura em voz alta teria aumentado a transmissão das crenças e práticas astrológicas, mas o mais provável é que a prática da medicina astrológica tenha sido a forma mais comum de exposição a essa área do conhecimento.

Ao longo de toda a Idade Média, a Astrologia foi praticada pelos judeus, tanto profissional quanto cientificamente. De acordo com a *Encyclopaedia Judaica* (1971, v. 3, p.787-807), a Astrologia não é mencionada explicitamente na Bíblia, mas os profetas tinham consciência das práticas dos “observadores de estrelas”. Vários textos judaicos criticam a crença dos judeus na Astrologia, afirmando que se trata de uma ilusão (*Os Oráculos sibílicos*, o primeiro *Livro de Enoch*, o *Livro dos Jubileus*). Maimônides⁵ também rejeitava a Astrologia, referindo-se às crenças astrológicas como superstições vãs e indignas de serem chamadas de ciência, mesmo que o Talmud⁶ e os Textos Midráshicos⁷ indiquem a influência das estrelas sobre os seres humanos: apesar do prestígio de Maimônides, suas palavras não influenciaram todos os escritores subsequentes a ele.

Condenada, acreditava-se, no entanto, que a Astrologia tinha origem celestial, tendo sido revelada à Humanidade por anjos rebeldes. A maioria dos sábios talmúdicos acreditava no papel decisivo dos corpos celestiais na determinação dos eventos humanos, no mundo sublunar. Em vários pontos do Talmud, afirma-se que todo ser humano tem um corpo celestial (*mazzal*), em especial uma estrela-guia da concepção e do nascimento (Shabat, 53b; BK 2b). “Not only human beings are influenced by the stars; but there is not a blade of grass that has

⁵ Moises Ben Maimon (1135-1204) foi uma autoridade rabínica de grande prestígio para os judeus (BEL BRAVO, 1995).

⁶ Um dos livros básicos da religião judaica (séc. III-IV), que contém a lei oral, a doutrina, a moral e as tradições (ROSENBERG, 1992).

⁷ Gênero da literatura rabínica constituído por uma antologia e uma compilação de homilias.

not its star in the heavens to strike it and say to it: grow!”⁸ (Ned. 39b; BM 30b), conforme a *Encyclopaedia Judaica* (1971, v; 3, p.789).

A divisão do zodíaco⁹ em doze é mencionada no Judaísmo no antigo texto *Sefer Yetsirah*¹⁰, no qual as constelações correspondem aos signos do zodíaco e aos doze meses do ano. Os signos eram designados, também, de acordo com certas partes do corpo e as doze constelações representariam as doze tribos judaicas.

Pode-se encontrar uma descrição detalhada da influência dos planetas e das constelações em obras judaicas (no *Tsedah la Derek* de Menahem ibn Zerah e no *‘Abbi‘ah Hidot* de Abraham Hamawi). No entanto, conforme a *Encyclopaedia Judaica* (1971, v.16, p.689), entende-se que

the righteous Jew is above the “mazzal” (constellation or planet) and need not fear any evil fate. In support of this teaching the passage “be not dismayed at the signs of heaven; for the heathen are dismayed at them” (Jeremias, x, 2) is frequently quoted and it is contrary to the Jewish religion to consult the predictions of astrologers or to depend on them¹¹ (Deuteronomio, xviii, 11).

A crença de sábios como R. Akiva, R. Johanan, Mar Samuel, Rav Nahman b. Isaac de que os judeus seriam imunes às influências planetárias pode justificar o fato de o zodíaco não ser mencionado no Talmud (EJ, 1971, v. 16, p.1491). Na verdade, os sábios não tinham uma opinião consensual e tem-se um problema teológico e religioso que não cabe ser resolvido aqui¹². Rava, por exemplo, afirmava que “Life, children and sustenance – these things depend not on merit, but on stars”¹³ (MK 28a), conforme *Encyclopaedia Judaica* (1971, v. 3, p. 790). Já o *Zohar*¹⁴ leva a Astrologia em consideração, empregando imagens e terminologia astrológica. De um modo geral, no entanto, o sistema cabalístico do *Zohar* não dá importância às crenças astrológicas.

⁸ Tradução nossa: “Não somente os seres humanos são influenciados pelas estrelas; mas não há uma única folha de grama que não tenha sua estrela nos céus para influenciá-la e dizer-lhe: cresça!”

⁹ Zona imaginária celestial que contém os doze signos, que serve de caminho para os planetas principais e através do qual o sol passa anualmente.

¹⁰ *Livro da Formação*: tratado rabínico, escrito em aproximadamente 200 d.C., sobre filosofia cabalística.

¹¹ Tradução nossa: “O judeu justo está acima da sina (constelação ou planeta) e não precisa de temer nenhum destino ruim. Para legitimar esse ensinamento, o trecho “não se desanime com os signos dos céus; porque o descrente se enfraquece diante deles” (Jer. x. 2) é geralmente citado, sendo contrário à religião judaica consultar as predições dos astrólogos ou de depender deles.”

¹² Dan (1986) apresenta uma discussão instigante sobre Astrologia, misticismo e Ética judaicas, que foge, entretanto, aos objetivos da tese.

¹³ Tradução nossa: “A vida, as crianças e a subsistência – estas coisas não dependem do mérito, mas das estrelas.

¹⁴ *Livro do esplendor*, em hebraico. Texto principal da literatura cabalística, composto por vários livros/seções que incluem pequenas afirmações midráshicas, longas homilias e discussões sobre assuntos variados.”

1.2 DE MAGIA: A OBRA E SUA TRADIÇÃO TEXTUAL

Conforme Levi (1995, p.131), no século XI, até 1062, o muçulmano Abenragel escreveu em árabe um trabalho astrológico em oito volumes, intitulado *O excelente livro completo sobre os decretos das estrelas*, que tem hoje três exemplares: uma cópia é parte do *Código do rei Tipu-Sahib*, a outra se encontra no Museu Britânico e a terceira, incompleta, no Escorial (Cod. Escorial 918).

Em 1254, a mando de Afonso X (1252-1284), começa-se a tradução dessa obra em castelhano¹⁵. Ela foi redigida por Yehuda b. Moseh Ha-Kohen e outros tradutores, com o título de *Libro conplido de los juizios de las estrellas*. A tradução em castelhano conservou-se em quatro manuscritos:

- uma cópia na Biblioteca Vaticana (*Codice Urbinate 510*)
- outra na Biblioteca Nacional de Madrid (códice 3065), datada do século XIII, editada por Gerold Hilty em 1954 (HILTY, 1954) e composta de cinco partes apenas, faltando as três últimas.
- uma terceira na Biblioteca de Santa Cruz de Valladolid (ms. 253)
- uma quarta no Arquivo da catedral de Segóvia (ms. 115)

Tendo o castelhano como base, a obra foi traduzida depois duas vezes para o latim. As versões em latim foram feitas, uma, por um certo Alvarus e, a outra, por Egidius de Thebaldis e Petrus de Regio, sob o título *Praeclarissimus liber magnus et completus in judiciis astrorum, quem edit Albohazen Haly filius Abenragel*. Ambas as cópias se encontram na Biblioteca do Escorial em Madrid (LEVI, 1995, p.132-133).

Da tradução latina, derivaram várias versões, dentre elas:

- alemão (essa edição foi impressa por Erhard Ratdolt e seu colofão apresenta o nome de Bartolomeum de Alten de Nusia, germanum (LEVI, 1995, p.137).)
- catalão - perdida
- francês - perdida
- hebraico: há duas traduções. Da primeira tradução, traduzida por Salomão Doyen, temos dois exemplares: (i) Cod. 187 do Catálogo Kraft e Deutsch, em Viena. (ii) Cod. 1067, em Paris. Da segunda versão, de 1498, há apenas um exemplar (Cod. ebr. Bodleiano 452), traduzido por Ishaq ben Samuel Abu'l Khair.

¹⁵ Roth (2006) sustenta que Escola de Tradutores de Afonso X nunca existiu e a atividade de tradução acontecia por toda a Espanha.

- holandês

Versão que se encontra na Bodleian Library, em mau estado de conservação (O autor não indica a notação).

- inglês

Versão que se encontra na Bodleian Library, em mau estado de conservação (O autor não indica a notação).

Levi (1995, p.137 e nota 101) também afirma que:

Do Libro conplido existem hoje duas versões em português, inéditas, ambas escritas em caracteres hebraicos. Apesar de ser ambos completos, os MSS. não contêm a obra inteira - isto é, livros I-VIII - porém só os livros IV-VIII. Esses códigos estão preservados actualmente na Bodleian Library, em Oxónia, em dois volumes, o primeiro composto por 416 e o segundo por 242 fólios. MS. Laud Or. 282 e MS. Laud Or. 310 respectivamente.

O mesmo autor (LEVI, 1995, p.150) garante que o ms. 282 e o ms. 310 são cópias da mesma versão em português, a partir do mesmo texto-fonte. Ademais, não contêm a obra inteira, mas apenas os livros IV a VIII.

No entanto, não se pode concordar com Levi (1995):

(i) ao lermos os fólios 1v e 2r do ms. 282, vemos uma enumeração, com o verbo no presente, do que será tratado nas partes do *De Magia*, começando pela parte I. Ora, não parece lógico fazer-se isso na parte IV.

(ii) ao compararmos os fólios obtidos do ms. 310 (seus três primeiros se encontram transcritos no Apêndice) com o ms. 282, não vemos semelhança de conteúdo entre eles. No ms. 310 (1r-17 a 21), afirma-se que a primeira parte apresenta um conteúdo sem correlação com o do ms. 282¹⁶:

O C<A>PITULO primeyro f<a>la na criança · e digo en este c<a>pitulo / e en os outros c<a>pitulos deste libro as c<o>sas que no(n) / son espldeneyds enos lib(r)os antigos e son dit<a>s por sinaaes e encoberta / mente e lhe suas cous<a>s pldinhas e a(s) que son p<a>recid<a>s enos libros desta / cianciq (Ms. 310)

De Magia (1v-20 a 31):

ena parte pr(im)eyra trotarey quantos son os / ceos e que ay estrel<a>s e as propedades dos signos · e dos termi<<os>> / e dos grados que son ena es(f)era estrelada · e das estrelas fis / as grandes que son ena es(f)era out<a>ba que e q es(f)era estrelada / e as propedades das pr<a>netas e das cas<a>s e das conjunçoes e / dos espeytos e das trasmudaçoes e dos recebimentos e dos{{c}} / rips{{t}}es delas · e das partes que son s<a>cadas por elas · e das /

¹⁶ Sempre que for feita a citação de uma transcrição, ela virá em fonte 12, espaço simples, em itálico e margem esquerda de 4cm.

propiedades das estrelas nobas que parecen alguas vezes e das com<e>ta<<s>> / e das cintiadações e dos arcos que parecen en da redor dos lумеares / e sobre tera · e das propiedades das crimas que son enos sitos da / tera · e o que adebdan c<a>dq uq praneta en cada signo <<e>> en cada c / casa · e os juizos geeraaes e as p<a>laβras e as proβas dos / sabyos : (Ms. 282)

Hilty (1982, p.233) afirma que as versões latinas e as demais acima citadas não derivam da espanhola. Apenas uma das portuguesas, o *Ms. Laud Or. 310*, derivaria dessa versão. Esta tradução teria sido feita em 1411 e o tradutor “tinha diante de si uma versão espanhola do *Livro cunplido* escrita em caracteres latinos, que traduziu para o português directamente e por escrito” (HILTY, 1982, p.249). Ademais, Hilty (1982) não correlaciona o ms. 310 com 282 em nenhum momento do seu texto. Tende-se a crer em G. Hilty e duvidar de A. J. Levi.

O *Manuscrito Laud Or. 310* foi analisado pela autora da presente tese na sua consulta à Bodleian Library, além de terem sido adquiridas as fotos digitais dos cinco primeiros e dos cinco últimos fólhos, incluindo as capas, como se pode ver no Apêndice. Efetivamente, a semelhança entre o ms. 282 e o 310 sob os aspectos paleográficos e codicológicos é muito impressionante. Também o primeiro punho do *De Magia*, até o fólho 84v, se não for o mesmo punho do ms. 310, é muito semelhante a ele. O ms. 310 é menor do que o ms. 282, apresentando apenas 248 fólhos (ao contrário dos 416 fólhos do *De Magia*). Devido à semelhança citada, fica a dúvida: o ms. 282 teria parentesco com o ms. 310?

Os dados de Sá (1960) não são compatíveis com os de Levi (1995). O *De Magia* seria uma tradução do século XV de uma cópia do *Lybro de Magyka*, este último possivelmente em catalão, do qual se desconhece o paradeiro. Sá (1960) afirma que a Biblioteca Colombina (Sevilha, Espanha) possui uma tradução em castelhano, do século XV, de uma parte do *Lybro de magyka* de João Gil, sob a notação 5-2-32, descrita no *Registorum librorum don Ferdinandi Colon* como

N. 4162 O. 935 – Juan Gil en astronomia tercera parte en lengua castellana y de mano. In la parte tercera del libro de Juan Gil. D. al padre y a la madre. Esta en quarto enquadernado em pergamino con otras obras. Costo asi enquadernado en Sevilla por Junio año de 1527 Real y medio (SÁ, 1960, p.569).

Esta parte em castelhano que se encontra na Biblioteca Colombina, já adquirida pela autora da tese, e cuja transcrição dos três primeiros fólhos se encontra no Apêndice 2, refere-se a uma seção sem paralelo à selecionada para esta edição e não pôde ser utilizada para comparação.

No entanto, após a leitura das três primeiras linhas, pode-se inferir que o ms. 282 e o ms. 5-2-32 apresentam o mesmo conteúdo e poderiam ser cópias de um mesmo manuscrito:

La parte tercera del libro de Juan gil que / fabla enlos nascimentos delos honbres (A) . / en sus estados (Ms. 5-2-32)

De Magia (2r-6 a 9):

e <<e>>(n)a parte terceyra trotarey das nacenças dos omees e / das vidas e das mortes e das riquezas e d{{a}}<<o>>s estados dos mestere<<s>> / e dos o(f)icios e das propedades deles · e das rolações que an os / uus con os outros (Ms. 282)

Levi (1995) afirma que esta tradução em castelhano da Biblioteca Colombina não tem relação com o *Libro conplido en los iuzios de las estrellas de Abenragel* (ver seção 1.5) e concorda com Silva (1924) que ela seria a terceira parte do “grande liuro de estronomia” de João Gil de Burgos, escrivão do rei Pedro de Aragão.

Segundo Hilty (1982, p.262), em relação ao *De Magia*, “da obra atribuída a João Gil não existe tradução latina e dos pouquíssimos manuscritos conservados deve deduzir-se que a obra estava pouco divulgada.” Entende-se aqui como *manuscritos conservados* o ms. 282 da Bodleian Library e o 5-2-32 da Biblioteca Colombina.

Concluindo: com as informações existentes até o momento, não se pode afirmar que o ms. 282 tenha parentesco com o ms. 310 da Bodleian Library. No entanto, os indícios levam a crer que ele o tenha com o ms. 5-2-32 da Biblioteca Colombina.

1.3 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÕES PRÉVIAS

O Manuscrito *Laud Or. 282* da Bodleian Library em Oxford, Inglaterra, era identificado anteriormente pelo número de chamada *Hebr. Uri. 434*.

González Llubera (1952, p.271) transcreveu, de modo bastante consistente, utilizando metodologia diferente da empregada aqui e explicitada em González Llubera (1951), um pequeno excerto do ms. que começa no fôlio 2v, linha 24 (<TODO o que e n<a>atural>...) até o fôlio 3r, linha 24 (...<out/ras vezes>), como se pode verificar nas Figuras 4a e 4b do Anexo. Strolovitch (2005) transcreve (p.191-232) e traduz para o inglês moderno (p. 233-260) os quatorze primeiros fôlios da obra, além de fazer alguns comentários (cf. início da transcrição

na Figura 5 do Anexo). Concluindo, o *Manuscrito Laud Or.* 282 já foi descrito nas obras abaixo:

GONZÁLEZ LLUBERA, I. Two old astrological texts in Hebrew characters. *Romance philology*. 1952, p. 267-272.

MAY, R. A. (ed.) *Catalogue of Hebrew manuscripts in the Bodleian Library; supplement of addenda and corrigenda to vol.1*. Oxford: Clarendon, 1994. p. 381.

NEUBAUER, A. *Catalogue of Hebrew manuscripts in the Bodleian Library*, v. 1. Oxford, 1886, n. 2067, p. 706b

SÁ, A. M. de. A próxima edição de três traduções portuguesas inéditas do século XV. *Boletim internacional de bibliografia luso-brasileira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v.1, n.1, 1960. p. 562-585.

STROLOVITCH, D. *Old Portuguese in Hebrew script: convention, contact and convivência*. (tese de doutorado em Filosofia, Cornell University, agosto/2005) Disponível em: <<http://www.jmrg.org/strolovitch/disspage/>> Acesso em: 16 março 2006.

1.4 DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA

Para a coleta de dados resultante da consulta feita na Bodleian Library, em abril de 2006, ao original do manuscrito conhecido, partiu-se das informações obtidas em Beit-Arié (1972) e Cambraia (2005). A descrição de González Llubera (1952) do manuscrito também foi levada em conta. Foi possível, assim, fazer-se um levantamento geral das características codicológicas do *De Magia*, para que o leitor que, se presume, não terá acesso ao original, possa ter uma visão abrangente e realista do texto. Índices e marcas de carimbo não foram encontrados na parte analisada, não recebendo seções para análise. Na consulta ao volume na Bodleian Library, o regramento dos cadernos não foi analisado.

1.4.1 Suporte material

O testemunho observado na Bodleian Library é composto de 416 fólhos de papel, com dimensão média de 280mm de altura por 210mm de largura. Se levarmos em consideração os fólhos em branco após o texto em si, tem-se 420 fólhos. O volume se encontra em excelente estado de conservação, com poucos e pequenos orifícios feitos por traças.

Os fólhos tinham, originariamente, dimensões maiores, tanto na largura quanto na altura. O formato foi diminuído quando, no século XVII (GONZÁLEZ LLUBERA, 1952, p.267), a encadernação original foi substituída pela de couro. Quando se diminuiu o formato dos fólhos, algumas das notas das margens externas foram mantidas, sem serem cortadas, o que sempre está indicado nas notas de rodapé da edição. Outras, por sua vez, foram parcialmente cortadas. Isso leva a indicar que, antes da encadernação, houve uma análise das notas marginais feitas: as consideradas importantes foram mantidas e as sem relevância simplesmente ignoradas.

A encadernação foi feita nos moldes dos livros em hebraico: o *recto* dos fólhos tem sempre a margem interior à direita do leitor. O leitor não habituado aos livros em hebraico tem a impressão de estar lendo o manuscrito de trás para frente. O volume inicia-se com cinco fólhos em branco. Os quatro primeiros encontram-se numerados em caracteres romanos de i a iv. A seqüência seria a seguinte (as figuras se encontram no Anexo), a partir da capa de frente:

- capa de frente - couro - Figura 6
- fólho *ir* - pergaminho - Figura 7
- fólho *iv* - pergaminho - Figura 8
- fólho *iir* - papel - Figura 8
- fólho *iiv* - papel - Figura 9
- fólho *iiir* - papel - Figura 9
- fólho *iiiv* - papel - Figura 10
- fólho *ivr* - papel - Figura 10
- fólho *ivv* - papel - Figura 11
- fólho *vr* - papel - Figura 11
- fólho *vv* - papel - Figura 12
- Fólho cortado - Figura 12

Fólhos 1 a 416 com o texto propriamente dito - papel

Após o fólho 416v, quando o texto termina, tem-se:

- fólho 417r - papel - Figura 14
- fólho 417v - papel - Figura 15
- fólho 418r - papel - Figura 15
- fólho 418v - papel - Figura 16
- fólho 419r - papel - Figura 16
- fólho 419v - pergaminho - Figura 17
- Fólho cortado - Figura 17
- fólho 420r - pergaminho - Figura 17
- fólho 420v - pergaminho - Figura 18
- capa de trás - Figura 19

A capa é de couro marrom brilhante, com algumas manchas pretas pequenas. Seus quatro cantos encontram-se ligeiramente gastos. No meio da capa, encontra-se um brasão dourado incrustado, medindo 104mm por 83mm, que segundo Brassington (1891, p.xliv) pertencia ao Arcebispo Laud¹⁷. Ao se comparar a figura abaixo, retirada de Brassington (1891, p.xliv) com as Figuras 6 e 19 (Anexo), é evidente que se trata do mesmo:

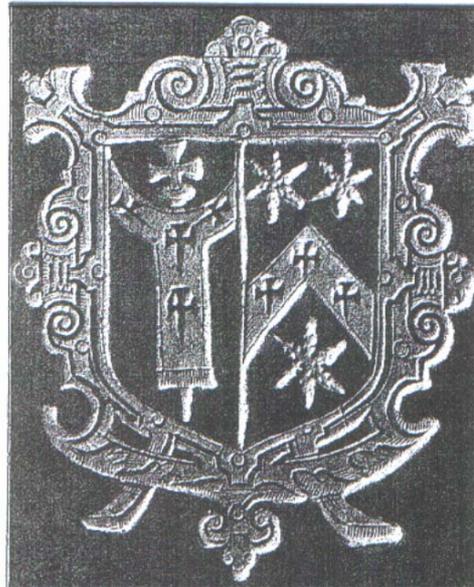


Figura 1 – Brasão do Arcebispo Laud

¹⁷ William ou Guilherme Laud (1573-1645), arcebispo inglês. Em 1629 torna-se chanceler da Universidade de Oxford, trazendo valiosas reformas à instituição. Fundou e apoiou o ensino de hebraico e árabe, além de ter obtido mais de 1300 manuscritos para a Bodleian Library, adicionando uma nova ala para conter essas doações. (*Encyclopaedia Britannica*, 1910, v. XVI, 276-278).

Na capa de frente, o brasão encontra-se ligeiramente inclinado para a esquerda.

O couro do lombo da capa está gasto, sendo possível visualizar, na parte superior, que, após a camada de couro, há camadas de papel. Esse couro do lombo apresenta nervos e relevos decorativos na horizontal. Há duas etiquetas de papel coladas no lombo: uma de 23mm por 20 mm, na qual se encontra escrito, em caracteres latinos <Laud / B/ [...]>, aproximadamente no meio do lombo; outra de 15mm por 21mm, na qual se encontra escrito, em caracteres arábicos <282>, encontrada na parte inferior do lombo.

O verso da capa se encontra coberto por um papel, escrito em caracteres latinos, em língua latina. Tem-se a impressão de que há dois fólhos servindo de fundo para o verso da capa, um ao lado do outro. A tinta dos caracteres é marrom escuro, e as letras capitulares são vermelhas. O texto é composto de cinco colunas, que podem ser visualizadas apenas parcialmente por estarem cobertas pelas bordas de couro da capa (margem de cabeça 30mm, margem de pé 23mm e guarda 43mm). No canto superior do verso da capa, encontra-se colado um papel amarelado e retangular, em branco. No canto superior direito do papel, há uma etiqueta colada com <S. C. 671> em caracteres latinos e arábicos, impresso em tinta preta. Na parte inferior do papel retangular, encontra-se escrito <B. 136>, em caracteres latinos e arábicos. No canto inferior, há um outro papel amarelado e retangular em branco.

No corte de dianteira, na parte superior, encontra-se escrito em caracteres latinos, com tinta preta <Astrologia: / Hebr: / pars. j^{ma} / M. S.>. Os cortes encontram-se pintados de vermelho.

No corte de cabeça, o papel dos fólhos encontra-se escurecido, mas pode-se verificar que a cor original era o vermelho. Já no corte de pé, o avermelhado dos fólhos se manteve e está escrito, com tinta preta, <282>.

- fólho *ir* - pergaminho - Figura 7

Logo em seguida à capa, há um fólho em branco de pergaminho amarelado, com manchas variadas. Devido ao contato com a borda de couro que cobre parcialmente o verso da capa, suas bordas estão escurecidas.

- fólho *iv* - pergaminho - Figura 8

No verso dessa folha de pergaminho, está escrito em caracteres hebraicos algo próximo a יואה ססברון ou יואה ססברון (<(inaq ççbron)>? (O grafema transcrito como *nun* pode ser um *vav* e o transcrito como *het* pode ser um *hei* ou um *álef*.) Logo abaixo dessa seqüência de

caracteres hebraicos, há um curioso desenho semelhante ao esboçado abaixo, de aproximadamente 12mm por 55mm:

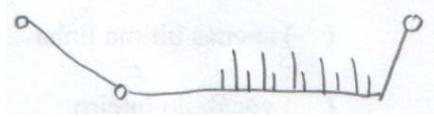


Figura 2 – Desenho presente no fólho iv

- fólho iir - papel - Figura 8

Fólho em papel amarelado, em cuja parte superior, ao centro, há a seguinte escrita em caracteres latinos, tinta marrom claro: <Laud. 282. / Ms. Hebr. Uri. / CCCXXXIV.>. Escrito a lápis, abaixo do citado antes, pode-se encontrar <N. 2067>, de outro punho. Falta um pedaço do canto superior deste fólho de papel, mas pode-se visualizar, escrito a lápis, <ii>.

- fólho iiv - papel - Figura 9

Em branco.

- fólho iiir - papel - Figura 9

Fólho de papel amarelado. No seu canto superior, encontra-se <iii> escrito a lápis e, no seu, centro, mais próximo à margem, há uma filigrana (ver seção 1.4.5).

- fólho iiiv - papel - Figura 10

Fólho em branco, no centro do qual se pode visualizar a filigrana citada no fól. iiir.

- fólho ivr - papel - Figura 10

Fólho de papel amarelado, em branco. No canto superior, está escrito <iv> a lápis.

- fólho ivv - papel - Figura 11

Fólho de papel amarelado, em branco. No canto superior, está escrito <iv> a lápis.

- fólio *vr* - papel - Figura 11

Fólio de papel. No canto superior do seu *recto*, vê-se escrito a lápis <v (ult.)>. Aqui também há a mesma filigrana já encontrada, no meio do fólio, mais próxima da margem. No entanto, ela se encontra invertida, se se toma a anterior como parâmetro.

- fólio *vv* - papel - Figura 12

Neste fólio, na parte superior, encontram-se, em tinta marrom escura, os seguintes dizeres:

*De magiâ, Linguâ Portugallicâ, Authore Johanne Gel de Burgo
Jacobi Armachani
These Bookes were wrytten by a Jewe in Hebrew Charactes / but in a
vulgar language, whereof Dr Dee did make spe= / ciall Account. And
howsoeuer for ye mayne Argument ~ / they be but friuolous, yet haue
they oftentimes some / Astronomicall obseruacons intermixed with
them, that / are quantiuis pretij. / .*

- Fólio cortado

Entre o fólio acima citado e o primeiro fólio do texto do *De Magia* propriamente dito, há uma folha cortada rente à encadernação, com apenas 15mm de comprimento.

Fólios 1 a 416 com o texto propriamente dito - papel

- fólio 417r - papel - Figura 14

O *recto* deste fólio de papel amarelado apresenta o numeral <417>, escrito a lápis no canto superior. As suas bordas encontram-se escurecidas. Encontram-se escrito em caracteres latinos, de tinta marrom clara:

- No meio do fólio, <Jaques>
- Logo abaixo, ligeiramente para a esquerda <Jaques> novamente
- Na parte inferior do fólio:

*João Gil
~~Ab Ragel~~
Author ~~Juan Gil~~ de Burgos.
Septemlibri de Magicâ Hispani(a).*

<Ab Ragel> e <Juan Gil> encontram-se riscados com traços grossos e de tinta marrom escura. O punho que os fez também escreveu <João Gil>.

- fólio 417v - papel - Figura 15

Em branco.

- fólio 418r - papel - Figura 15

O *recto* deste fólio de papel amarelado apresenta o numeral <418>, escrito a lápis no canto superior. As suas bordas encontram-se escurecidas. No seu verso, pode-se observar a mesma filigrana encontrada no fólio *iiir*.

- fólio 419r - Figura 16

O *recto* deste fólio de papel amarelado apresenta o numeral <(419)>, entre parênteses, escrito a lápis no canto superior. As suas bordas superior e de corte encontram-se escurecidas, talvez em decorrência de umidade.

- fólio 419v - Figura 17

No seu verso, há algumas manchas e, na parte superior, o que poderia ser uma assinatura escrita em tinta marrom, provavelmente em caracteres latinos. Na parte inferior do fólio, à direita, há escrito em tinta marrom algo parecido com <#?>, isto é, um N minúsculo riscado na horizontal seguido de um ponto de interrogação sem o ponto embaixo.

- fólio 420 - cortado - Figura 17

Na parte superior deste fólio, está escrito <420>, a lápis. Ele foi cortado rente à encadernação, com apenas 15mm de comprimento.

- fólio 421r - Figura 17

Folha de pergaminho amarelado, com manchas variadas. No seu *recto*, há um texto composto de nove linhas, em caracteres hebraicos. Não foi possível fazer sua transcrição, devido à insuficiência de legibilidade. O punho é diferente do punho do texto principal, e os grafemas medem 4mm. A língua parece ser o árabe, mas não se pode afirmar com certeza pela falta de conhecimento dessa língua e pela falta de precisão da imagem adquirida. No canto superior, encontra-se escrito a lápis, em caracteres latinos, <421/(ult.)>. Na parte inferior do *recto*, em

escrita latina e a lápis, encontramos: <Really V + 4 – 25 leaves for 211, 223, 230, 324 are double.>.

- fólio 421v - Figura 18

Fólio em branco. Devido ao contato com a borda de couro que cobre parcialmente o verso da capa, está com as bordas escurecidas.

- capa de trás - Figura 19

A capa de trás é idêntica à capa da frente, mas se encontra bem menos desgastada. Ademais, o brasão encontra-se na vertical, sem inclinação. Seu verso pode ser descrito da mesma maneira que o verso da capa de frente.

1.4.2 Cadernos

Segundo May (1994), os cadernos do *De Magia* são compostos de seis bifólios, do fólio 1 ao 84. A partir do fólio 85 até o 416, os cadernos são compostos de cinco bifólios¹⁸. No entanto, os reclamos dos fólios 12v, 24v, 36v, 60v, 72v, 84v apresentam um número bem maior de pontinhos, que poderiam indicar final de caderno. No fólio 48v, o copista teria se esquecido de usar tal estratégia.

1.4.3 Foliação

No *recto* de todos os fólios examinados, à esquerda da margem de cabeça, encontra-se uma numeração em algarismos arábicos. Assim, no fólio 1r tem-se o numeral <1> .

A partir deste fólio, que recebe o número 1, todos os versos dos fólios encontram-se numerados. Os números foram feitos a lápis, em algarismos arábicos, sempre à esquerda da margem de cabeça.

1.4.4 Filigranas

No centro dos fólios, encontra-se uma filigrana, com 80mm de altura, cuja representação é semelhante ao desenho abaixo:

¹⁸ Na consulta ao volume na Bodleian Library, os cadernos não foram analisados.

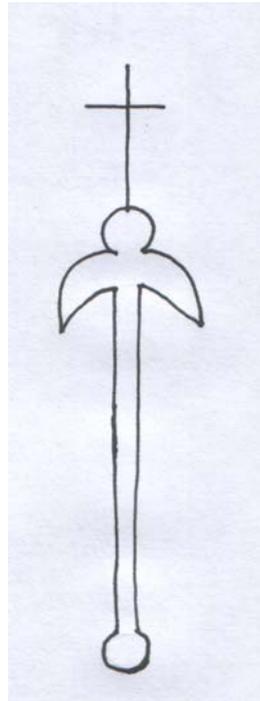


Figura 3 - Filigrana do Ms. *Laud Or.* 282

1.4.5 Ilustrações

Devido ao valor predominantemente prático dos textos relativos a princípios e ferramentas da Astrologia, eles não eram, de modo geral, ricamente decorados (PAGE, 2002, p.14)¹⁹. Ademais, o Judaísmo, assim como o Islamismo, tem uma tradição anti-icônica, baseada na observância estrita de alguns trechos bíblicos, que proibiriam a representação, principalmente, da figura humana (ROTH, 1971, p.71). Esta pode ser uma razão para o *De Magia* não apresentar qualquer tipo de desenho, iluminura ou embelezamento feito pelo copista, salvo se os pontinhos acima do reclamo forem entendidos como algum tipo de embelezamento (ver seção 1.6.2.10).

1.5 AUTORIA DA CÓPIA

É bastante arriscado fazer uma afirmação segura quanto a quem seriam o autor, o tradutor e o copista do *De Magia*, como se verá em seguida.

¹⁹ No entanto, a própria S. Page apresenta iluminuras magníficas de textos astrológicos.

Na primeira metade do século XV, os judeus constituíam, em Portugal, uma população minoritária essencialmente urbana, composta de aproximadamente 75.000 falantes de português. A este número, com a expulsão da Espanha em 1492, irão se juntar 100.000 falantes de castelhano (TEYSSIER, 1959, p.200).

Vários astrônomos e astrólogos judeus trabalharam nas cortes européias: Judah b. Moses ha-Kohen na corte de Afonso X de Castilha (1252-84); Jacob Alcorsono e Crescas de Vivers nas cortes aragonesas de Pedro IV (1336-87) e de João I (1387-89); Abraham Zacuto (1450-1510) na corte de Manuel I de Portugal, de 1494 até 1497 (EJ, 1971, v. 3, p.794). A *Encyclopaedia Judaica* (1971, v. 3, p.806) afirma que, até 1500, mais de 250 astrônomos foram listados.

Os judeus foram de grande importância para a Europa escolástica e no início do Renascimento, fornecendo uma ligação entre as traduções, comentários e compilações em árabe de textos como o *Almagesto*²⁰ de Ptolomeu e os astrônomos cristãos, geralmente através de traduções e comentários em hebraico ou latim (EJ, v. 3, p.799).

Em comparação à quantidade de traduções, há poucos trabalhos originais compostos por astrônomos judeus. Os profissionais dos séc. VIII e XIX foram de grande importância para a Astrologia e a para a Astronomia, mas poucos de seus trabalhos chegaram até nós. Alguns foram traduzidos do árabe ou do hebraico para o latim, espanhol, francês e poucos foram encontrados em hebraico. Em relação a livros de um modo geral, a situação é diferente: antes da expulsão dos judeus da Península Ibérica (1492, da Espanha e 1497, de Portugal), havia uma rica e variada atividade relacionada à produção de manuscritos judaicos, muitos levados pelos judeus expulsos, mas também perdidos, queimados, confiscados, banidos (SCHMELZER, 1997, p.261).

De acordo com Beit-Arié (2003, p.61-63), ao contrário dos manuscritos medievais católicos, os judaicos nunca foram produzidos em centros clericais, acadêmicos ou comerciais. Eles eram manufaturados por iniciativa privada, sendo mantidos e utilizados por indivíduos. Eram encomendados a um escriba independente ou, na maioria dos casos, copiados pelo próprio futuro usuário, como se pode verificar nas informações contidas em aproximadamente 4200 colofões que chegaram até os dias de hoje. Poucos eram encomendados por uma comunidade ou sinagoga. Esse autor supõe que a maioria dos colofões que não indica a destinação do manuscrito deve ter sido copiada pelos próprios usuários, que não sentiriam necessidade de afirmar que copiavam para si mesmos. Para Sirat

²⁰ Detalhada exposição de astronomia matemática, de grande influência no desenvolvimento da Astronomia.

(2002, p.214), talvez metade dos manuscritos judaicos medievais escritos por um escriba seriam para seu próprio uso e de seus descendentes.

Os copistas de manuscritos judaicos tinham um papel mais atuante na interpretação do texto copiado, devido ao modo de produção de textos extraordinariamente individualista nas sociedades judaicas, ao alto número de livros copiados pelo próprio leitor e à falta de uma autoridade oficializada sobre a reprodução e disseminação dos textos. Apesar disso, a apresentação visual dos textos medievais não era um ato totalmente autônomo da parte do escriba, que deveria levar em conta considerações materiais, sociais, econômicas, estéticas e escolares (BEIT-ARIÉ, 2003, p.49).

Em relação ao *De Magia*, o leitor é levado a crer que João Gil é o seu autor, a partir da informação encontrada no colofão do manuscrito, fôlio 416 (Figura 14 do Anexo):

*aqui se ac<a>ba o seteno libro de magica que conpos jo(an) gil d(e)
burgos lobado / s(e)j(a) dio am<e>n tam venišlam tehilá la‘el olam*

<tam venišlam>, em hebraico, significa *feito e completo*; <tehilá la‘el olam>, também em hebraico, significa *louvado seja o dono do universo*²¹.

Ademais, na margem de corte do fôlio 2v, em frente às linhas 6 e 9, está escrito em caracteres hebraicos, de punho diferente do texto principal: <penso joan gil *que* toda voluntad era mudable i variable i nengora perpetua>. Esta nota foi preservada no momento da encadernação, ultrapassando os limites da página.

No entanto, o conceito de autor da época é bem diferente daquele usual a partir do século XVIII. “que conpos joan gil” poderia indicar apenas que João Gil foi o organizador do códice, seu compilador, e não necessariamente o copista (TELLES, 2006, p. 5; LEVI, 1995;144). Sirat (2002, p.209), por sua vez, alerta para o fato de os copistas medievais copiarem *ipsis litteris* o colofão redigido pelo autor da obra.

No fôlio 417r (Figura 14), existe a seguinte informação, escrita em caracteres latinos, conforme já dito em 1.4.1:

*João Gil
Ab-Ragel
Author ~~Juan Gil~~ de Burgos.
Septemlibri de Magicâ Hispani(a).*

²¹ Sobre cada um dos cinco últimos vocábulos, *tam venišlam tehilá la‘el olam*, há três pontos distribuídos sob a forma de triângulo.

<Ab Ragel> e <Juan Gil> encontram-se riscados com traços grossos e de tinta marrom escura. O punho que os fez também escreveu <João Gil>.

<Ab Ragel> ou Ali aben Ragel seria Abu'l-Hasan 'Ali b. Abi'r-Rigal, nascido no Magreb, por volta de 965. Entre 1016 e 1037 trava relações com a corte de al-Mu'izz em Quayrawan onde termina a sua principal obra, o *Livro cunprido en os juizos das estrellas*, por volta de 1050 (HILTY, 1982, p.214). Já em relação a João Gil, nada de muito específico se encontrou sobre ele; apenas se sabe que foi um escriba na corte real do rei Pedro de Aragão (LEVI, 1995, p.144).

Sá (1960, p.579) supõe que o copista do *De Magia* seria o mesmo do *Ms. Laud. Or. 310*, cópia do *Lybro conprido en os juyzos das estrelas*, de Ali aben Ragel. Levi (1995, p.138) afirma serem os ms. 282 e 310 de mesma época, mas não de mesma mão: “têm um mesmo estilo mas uma grafia diferente”. No entanto, o próprio autor afirma não ter tido acesso ao ms. em si, mas apenas a dados de terceiros. Se assim for, apenas o primeiro copista do *De Magia* o seria (até o fôlio 84v); o segundo punho pertence inquestionavelmente a outro, como se pode ver na Figura 13 do Anexo.

No colofão do *Lybro conprido...*, o ms. 310, vem a indicação do nome do copista (e tradutor?), Joçef ben R. Gedalyah Franco e a data, 1411 (Figura 22). Assim como o *De Magia*, o manuscrito *Lybro conprido* foi comprado em Louvain por John Dee²², pertenceu a William Laud em 1633, que o doou à Bodleian Library (Figura 20).

Gedalyah era um nome conhecido e respeitado entre os judeus ibéricos. Maimônides tinha um sobrinho chamado Gedaliah ben R. Joseph ben Don David ben Joseph Jachia, famoso jurista, historiador, filósofo e predicador entre as comunidades judaicas ibéricas. Há também R. Gedaliah ben Jacia, originado de Lisboa, famoso jurista e médico, que viveu em Constantinopla no século XV. O sobrenome *Franco* não foi encontrado em um só documento (LEVI, 1995, p.153).

O *Ms. Laud Or. 310* foi analisado pela autora da presente tese na sua visita à Bodleian Library, além de terem sido adquiridas as fotos digitais dos 10 primeiros fôlios e dos 10 últimos fôlios, incluindo as capas, como se vê no Anexo. Efetivamente, a semelhança entre o ms. 282 e o 310 sob os aspectos paleográficos e codicológicos é impressionante, como se pode ver nas figuras de 20 a 22 que se encontram no Apêndice. No entanto, pensa-se que os

²² Curioso personagem, Jonh Dee (1527-1608) foi uma matemático e astrólogo que muito viajou pelos países da Europa. Possuiu uma biblioteca que foi parcialmente queimada pela população local, enfurecida por suas magias. Morreu miserável, tendo tido que vender seus livros para sobreviver (*Encyclopaedia Britannica*, 1910, v. 7, p. 920).

copistas não são os mesmos. Esta opinião é corroborada por Cambraia (2006) e Engler (2006).

Conforme Silva (1924, p.45), Pedro III, em 24 de março de 1350, escreve carta em que manda dar a João Gil de Castiello a *Instituta*, o *Digesto*, as *Clementinas* e a *Suma* de Gofredo. Em outra carta de 10 de julho de 1351, o rei recomenda a Mestre Alfonso diligência em “el comprovar e romançar aquell livro de figuras et astronomia, el qual vos levo el fiel de la scrivania nostra Joan Gil de Castiello”. González Llubera (1952, p.269) acredita que o original a ser traduzido para o catalão estaria em hebraico.

Rubio y Lluch (1921, v.1, p. 124 *apud* Silva (1924, p.44) e González Llubera (1952, p.269)), citam uma carta escrita por Pedro III, Rei de Aragão, de 9 de dezembro de 1352, em que manda

que o seu tesoureiro Bernardo de Ulzinellis pague 600 soldos de Barcelona ao fiel da sua escrivania, João Gil de Castiello, pelo trabalho que este teve que escrever dois livros, um das Ordenações da Casa real e o outro de astronomia, por seu especial mandado. Este último é, sem dúvida, o livro citado pelo rei português D. João I.

Para Silva (1924, p.47), não pode restar dúvida, pelo que se tem exposto, que o ‘grande livro de astronomia’, tantas vezes citado pelo rei D. João I, era o *De Magia* e foi escrito por João Gil de Castiello, fiel da escrivania do rei de Aragão, no meado do século XIV, e que dele existe ainda a terceira parte na Colombina de Sevilla (5-2-32), em cópia feita no século imediato.

Esta não é a opinião de González Llubera (1952, p.269): “Juan Gil’s participation does not appear to have gone beyond the exercise of his professional skill as a copyist”²³, concluindo que, em relação ao *De Magia*,

We can safely conclude that the present Portuguese text (a) is not the a[s]trotological compilation commissioned by Peter the Ceremonius, but does represent the Catalan one translated by Master Alfonso in 1351-2; and (b) that its attribution to Juan Gil probably arose from the mention of the latter in the colophon of the codex copied by him.²⁴

Também nada se encontrou sobre Mestre Alfonso.

Já Levi (1995, p.146) assevera que

²³ Tradução nossa: “A participação de Juan Gil não parece ter ido além do exercício das suas habilidades profissionais como copista.”

²⁴ Tradução nossa: “Podemos concluir com segurança que o presente texto português (a) não é a compilação astrológica comissionada por Pedro, o Cerimonioso, mas representa o texto catalão traduzido por Mestre Alfonso em 1351-2; e (b) a sua atribuição a Juan Gil provavelmente vem da menção deste último no colofão do códice copiado por ele.”

podemos com certeza dizer que o *Liuro conplido en o[s] juizos das estrelas* não é nem o trabalho astrológico ordenado pelo rei Pedro III, o cerimonioso, rei de Aragão e Catalunha (1336-1387), e nem a obra de astronomia de João Gil. A atribuição do *Liuro conplido* a João Gil é talvez devida ao facto do seu nome aparecer no colofão do código por ele copiado.

Como podemos observar então, o *Libro conplido en los iudizios de las estrellas* de Abenragel e o *grande liuro de estronomia* de João Gil são dois trabalhos distintos e separados, feitos por dois autores diferentes.

Hilty (1982), ao analisar notas interlineares encontradas no *Livro cunprido*, fruto de uma correção do texto feita pelo “emendador”, tira algumas conclusões que poderiam colaborar para se entender melhor as questões relacionadas à autoria do *De Magia*. Apesar de no prólogo do *Livro cunprido* haver referência a apenas um tradutor, Yhuda fi de Mosse Alcohen, a tradução foi feita por pelo menos dois tradutores, utilizando-se uma técnica comum da época de Afonso, o Sábio, que reunia um tradutor judeu e outro cristão. O judeu faria uma tradução oral do texto, e o co-tradutor cristão a anotava por escrito²⁵: “A influência que por isto tinha sobre a forma lingüística da tradução era considerável, porque apontando o que ouvia o co-tradutor cristão não podia desfazer-se, por exemplo, do próprio dialecto” (HILTY, 1982, p.231). Ademais, o co-tradutor teria o papel de discutir o conteúdo do texto com o tradutor judeu, devendo ser versados no assunto da obra traduzida.

Em seguida, o trabalho dos tradutores seria controlado e corrigido por um “emendador”, que às vezes discutiria os problemas com os tradutores. A revisão era primeiramente de ordem técnico-astronômica e só em segundo lugar lingüístico-estilística.

De acordo com Sá (1960, p.563) e Silva Neto (1956, p.119), no manuscrito 3390 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fólio 163v, transcreve-se o catálogo dos livros que possuía D. Duarte (1433-1438)²⁶. Dentre as obras em português arroladas, tem-se “Livro d’Estrologia, encadernado e cuberto de couro branco” e “Outro d’Astrologia, encadernado e cuberto de couro preto”. Quais seriam esses livros de astrologia? Dom João I (1385-1433), no *Livro da montaria* (ALMEIDA,1981), copiado entre 1415 e 1433, refere-se a um certo “Joam Gil” como sendo um “grande estrologo” e autor de um “grande livro de estronomia”. João Gil é comumente apontado como sendo autor de um livro intitulado *De astrologia*, o qual foi mandado escrever por Pedro III, rei de Aragão, em 1352, e que parece ser o livro citado por Dom João I (grifos nossos):

Ora sabede que **diz Joam Gil no seu grande liuro de estronomia**, que todallas cousas que som feitas, todas som feitas per natura naturante, que he Deus, ou por

²⁵ O autor não cita em quais caracteres, se hebraicos ou latinos.

²⁶ A data que vem em seguida ao nome de rei refere-se ao seu reinado, conforme <www.casareal.co.pt>.

natura naturada, que Deus fez, que por elle he ordenada, segundo a ordenaçom que lhe elle pos, a qual ordenaçom chamamos nos outros natureza, que por ella segundo seu ordenamento fossem feitas todallas cousas, assi que nenhũa cousa nom he feita, que nom seia por Deus, ou por este seu ordenamento, a que nos chamamos natureza, destas cousas que naturalmente som feitas. (ALMEIDA, 1981, p.73)

[...] ca **Joam Gil o grande estrologo no seu grande liuro disse** que Mars he de color uermelha, e Mercurio, e a Lua de color branca, e esso meesmo disse que o Sol, Jupiter, e Venus som de color amrela como ouro, e Saturno fez certo que auia color negra, e assi pos a estas pranetas accidentes, e ainda lhes deu calidades, ca deu a Saturno frio, a Jupiter quente e humedo, e a Mercurio frio e seco, e a Lua fria e humeda, e estas meesmas calidades pos que auiam os signos: **ca destes signos disse Joam Gil**, e Albamazar no seu liuro das deferenças e dos juizos, e o author da sphaera, e da theorica das pranetas, e todos estes disserom que no ceo octauo, a que os estrologos dizem octava sphaera, esta sphaera partirom os sabedores em doze partes, ca este partimento disserom os astrologos zodiaco, porque estas doze partes comprehendem os doze signos. **E disse este Joam Gil** que estes signos eram adoptados as quatro partes desta sphaera, e disse que os tres son orientaaes, e os tres meridionaes, e os tres occidentaes, e os tres septentrionaes, e esto pollas calidades que am [...](ALMEIDA, 1981, p.74)

ca assi o disse este Joam Gil na segunda parte do seu liuro que falla da tempestade, e uentos, e chuyuas, e pedriscos: ca elle diz que quando for a conjunçom do Sol e da Lua em noue graaos de capricornio, e Saturno em quatro graaos de sagitario, e Jupiter em sexto graao de aquario, acerca de sextil de Saturno, e de Mars e Mercurio em dezasete graaos de capricornio, que fara grande uento dabrego, e que non chouera com elle, e se chouer que sera pouco: (ALMEIDA, 1981, p.76)

Sá (1960, p.569) acredita, no entanto, que o códice citado – que possui vários títulos, sendo um deles *Lybro de magyka* – foi escrito por Mestre Alfonso, possivelmente em catalão, antes de 1532; foi copiado, nesta data, a pedido de Pedro III, por João Gil de Castiello ou de Burgos; foi traduzido, no século XV, para castelhano, só nos restando a terceira parte, em Sevilha; foi traduzido para o português no mesmo século, da cópia por João Gil.

Já Hilty (1982, p.262) apenas afirma que o *Ms. Laud Or. 282* foi “traduzido do espanhol para o português”.

Se o *De Magia* é uma tradução que tem como texto de origem um texto em catalão ou em espanhol em caracteres latinos, o tradutor só poderia ser pelo menos bilingüe, que dominava tanto o hebraico quanto o português. No entanto, a tradução poderia ter sido feita também por duas pessoas: um traduzia em voz alta do catalão ou espanhol para o português, enquanto o outro copiava do que ouvia em português em caracteres hebraicos (HILTY, 1954, p.xxxviii).

O *Lybro de magyka* recebeu, no século XVII, na tradução portuguesa o título, provavelmente em latim, *De Magia*, tendo em conta a informação presente na margem superior do verso do fólio anterior ao primeiro fólio, em que aparecem os seguintes dizeres em caracteres latinos, tinta marrom escura, letra humanística cursiva (ver Figura 12 do Anexo), que González Llubera (1952, p.268) afirma se tratar de um punho do século XVII:

<De magiâ, Linguâ Portugallicâ, Authore Johanne Gel de Burgo>

Em caracteres hebraicos ou no corpo do texto em si, não há indicação de título.

Em seguida aos dizeres acima, encontra-se em letra humanística cursiva, ou uma “clear and elegant Italian hand”²⁷ (GONZÁLEZ LLUBERA, 1952, p.268):

These Bookes were wrytten by a Jewe in Hebrew Charactes / but in a vulgar language, whereof Dr Dee did make spe= / ciall Account. And howsoeuer for ye mayne Argument ~ / they be but friuolous, yet haue they oftentymes some / Astronomicall obseruacons intermixed with them, that / are quantiuis pretij. / .²⁸

O trecho acima foi feito por um punho diferente do que escreveu <De magiâ...>, sendo a tinta preta ou cinza escura.

A partir da seção de Teyssier (1959, p.199-226) relativa à língua dos judeus na obra de Gil Vicente, século XVI, tentou-se verificar se, além do fato de os caracteres serem hebraicos, a língua portuguesa do texto indicaria traços da linguagem dos judeus para, assim, se poder afirmar com mais certeza que o texto foi pelo menos escrito por um judeu.

O autor analisa alguns traços lingüísticos presentes na fala dos personagens judeus. Esses traços, por sua vez, serão comparados com a linguagem do *De Magia*, mesmo havendo uma distância de um século entre os textos:

- Uso de *oi* por *ou*

Conforme Teyssier (1959, p.213), na boca dos personagens judeus de Anrique da Mota (final do séc. XV) a Gil Vicente e deste a António de Lisboa existia uma tradição do “*oi des Juifs*” (*oi* dos judeus) no lugar de *ou*. Esta particularidade fonética seria percebida por Gil Vicente como especificamente judaica e contituía um dos indicativos dessa categoria de personagens. A partir do século XVI, a língua tendia a transformar *ou* em *oi* em numerosos vocábulos. Os judeus teriam feito esta evolução antes do português comum.

As palavras *afoitado*, *coisa*, *doirado*, *hoiver*, *loisa*, *moiro*, *oiro*, *oitro*, *oivir*, *poico*, *repoisar*, *toiro*, *dois*, *açoite* apresentavam-se sempre com *oi* na fala dos personagens judeus. No *De Magia*, elas aparecem da seguinte maneira:

dourado: 2 <oy>; 2 <ou>

houver: 13 <ou>

mouro: 3 <oy>

²⁷ Tradução nossa: “Punho italiano claro e elegante.”

²⁸ Tradução nossa: “Estes livros foram escritos por um judeu em caracteres hebraicos, mas em uma linguagem vulgar, do qual o Dr. Dee tinha estima especial. E apesar de alguém poder argumentar que eles são sem valor, há, frequentemente, observações astronômicas misturadas a eles, que são de grande valia.”

ouro: 25 <oy>

touro: 1 <oy>; 6 <ou>

dois: 14 <oy>

coisa: 465 <ou>

outro: 395 <ou>

Assim, há maior uso de *ou* do que de *oi* no *De Magia*, em relação às palavras coletadas por P. Teyssier.

- Hebraísmos

Na seção analisada, isto é, dos fólhos 1 a 168, não foi encontrada um único vocábulo em hebraico. Apenas o colofão (fólio 416) apresentou uma fórmula de fechamento em hebraico.

- Uso de *Deu* por *Deos/Deus*

No DM, há 17 ocorrências de *deus* e apenas uma de *deu*. Assim mesmo, esta última apresenta um <s> sobreposto (1r-21).

- Uso de *chanto*, *guai*, *guaia*, *guaiado*, *lodo*, *enlodar*

Chanto/s foi localizado 32 vezes no *De Magia*; os demais vocábulos não ocorrem.

A partir dos dados acima, não se pode afirmar com certeza, tendo como parâmetros aqueles de Teyssier (1959), que a linguagem do *De Magia*, além do fato de estar em caracteres hebraicos, apresenta características do linguajar dos judeus portugueses. O linguajar dos judeus e cristãos-novos, que viviam essencialmente no meio urbano, apresentam arcaísmos²⁹ e semelhanças com o linguajar de personagens rústicos, como os camponeses. Teyssier (1959, p.215), porém, afirma que

il n'est pas étonnant qu'on les attribue à la fois à deux des éléments les plus conservateurs de la population portugaise: les paysans et les Juifs. Les premiers devaient conserver, au fond des campagnes, beaucoup de traits linguistiques que les seconds maintenaient eux aussi dans leurs *comunas* urbaines.³⁰

²⁹ Blondheim (1925, p.lxxxvii) também aponta a tendência dos dialetos judaicos ao conservadorismo.

³⁰ Tradução nossa: “não é surpreendente que se atribuam [arcaísmos] concomitantemente aos dois elementos mais conservadores da população portuguesa: os camponeses e os judeus. Os primeiros deviam conservar, no interior do meio rural, muitos traços lingüísticos que os segundos mantinham também em suas *comunas* urbanas.”

Apesar da dificuldade em definir o autor da cópia, o fato de o texto estar em caracteres hebraicos, em uma sociedade como a portuguesa da época, torna possível inferir que o copista era judeu. Serão necessárias mais pesquisas para tornar o aspecto da autoria do *De Magia* mais claro.

1.6 ESCRITA

De acordo com Minervini (1992, p.12), a prática da escrita entre os judeus, na Europa Medieval, era relativamente difusa, graças a um sistema de ensino que permitia pelo menos os rudimentos do hebraico, para uso religioso.

Inicialmente, garante Lopes (1897, p.xii), a palavra *aljamia* era empregada pelos árabes a toda língua que não fosse a sua: para os muçulmanos que viviam na Península Ibérica, os dialetos peninsulares eram *aljamias*. A primeira atestação do termo é de 1348, no poema de Afonso XI: “Bos escudero / sabedes bien la aravía / sodes bien verdadero / de tornarla em aljamía” (MINERVINI, 1992, p.17). No dicionário da Real Academia Española (1992), existem as seguintes definições para o termo: “1. Nombre que daban los moros a las lenguas de los cristianos peninsulares; 2. Textos moriscos en romance, pero transcritos con caracteres árabes; 3. Por extensión, *texto judeo-español transcrito con caracteres hebreos*”³¹ (grifo nosso). Houaiss; Villar; Franco (2001, p.160) relaciona o termo apenas com o árabe. Escolar (1993, p.151) a define como “la transcripción en caracteres hebreos, ya sea del árabe, del castellano o de otra lengua, costumbre universal de la diáspora judía”³². No presente estudo, qualquer texto em língua diferente de seus caracteres será denominado de *aljamia*. O *De Magia* é, então, um texto aljamiado por estar em língua portuguesa e em caracteres hebraicos. Sua leitura deve ser feita da direita para a esquerda, como nos textos hebraicos. Segundo Sirat (2002) e a *Enciclopedia Judaica Castellana* (1950, p.270), textos em romances, porém transcritos com caracteres hebraicos, não são incomuns:

Muchos manuscritos con caracteres hebreos no están escritos en ese idioma, sino en vernáculo o en el idioma del país. Actualmente se escriben el ladino y el idish con caracteres hebreos, pero hay textos en arameo, árabe, persa, griego, latín, italiano, francés, español, portugués, inglés, turco, tártaro, y otros idiomas.³³

³¹ Tradução nossa: “1. Nome que davam os mouros às línguas dos cristãos peninsulares; 2. Textos mouriscos em romance, porém transcritos com caracteres árabes; 3. Por extensão, texto judeu-espanhol transcrito com caracteres hebraicos.”

³² Tradução nossa: “A transcrição em caracteres hebraicos, seja do árabe, do castelhano ou de outra língua, costume universal da diáspora judaica.”

³³ Tradução nossa: “Muitos manuscritos em caracteres hebraicos não estão escritos nesse idioma, mas sim no vernáculo ou no idioma do país. Atualmente o ladino e o ídiche são escritos em caracteres hebraicos, mas há

Minervini (1992, p.14) também confirma que a “contaminação” de sistemas de escrita diferentes uns dos outros não é exclusiva dos judeus: há tanto textos em escrita árabe e língua românica quanto escrita tibetana em língua chinesa.

É importante tentar entender a razão pela qual um texto em português se encontra em caracteres hebraicos. Uma hipótese é que se desejava que o seu conteúdo não fosse conhecido pelos não-judeus. É evidente que o entendimento do texto acaba ficando extremamente restrito dessa forma, pois apenas os alfabetizados em hebraico teriam acesso às informações ali contidas. Um texto em caracteres hebraicos poderia ter grande importância nas mãos de um astrólogo judeu no século XV, dando-lhe poder até sobre os reis. Um outro fator poderia ser o do uso do hebraico como um ato de resistência em relação ao hostil ambiente cristão, funcionando como símbolo de identidade étnica e cultural judaica. Para Hegyi (1981, p.92), o nascimento das aljamiadas se dá pelo desejo de as comunidades minoritárias³⁴ salvarem a memória de seu passado lingüístico e expressarem sua própria individualidade. Outra razão poderia ser a seguinte: sendo freqüente o aprendizado pelo menos dos rudimentos do hebraico por uma boa parte dos judeus do sexo masculino (para a manutenção divulgação das palavras de Deus), pode-se supor que o alfabeto hebraico pudesse ser usado também pela familiaridade que os judeus homens tinham com ele, fazendo-os entender o texto com mais fluência. Como afirma Minervini (1992, p.13),

Quando si tratta di mettere per iscritto non la lingua sacra [...] ma la lingua d'uso [...], sembra naturale continuare servirsi dell'alfabeto ebraico. Questo non vuol dire che l'alfabeto latino sia sconosciuto in ambito ebraico, poiché molti, funzionari, commercianti, artigiani, intellettuali, ne fanno costantemente uso; e la stessa lingua latina non è del tutto ignota agli Ebrei, anche se fra di essi non è chiamata a svolgere la funzione di prestigioso superstrato linguistico tipica del mondo cristiano.³⁵

Até a Segunda Guerra Mundial, a despeito da existência do alfabeto latino de domínio de todos, os judeus europeus utilizavam com freqüência os caracteres hebraicos em textos escritos a mão e impressos, mesmo para representar línguas românicas. Isso porque, como lembra Kohring (1991, p.133) “na Idade Média ler e escrever eram prerrogativas do clero (cristão e islâmico): para os judeus europeus – os sefarditas e os asquenazitas – os caracteres latinos tinham simplesmente uma conotação muito forte para que se tivesse vontade de empregá-los”.

textos em aramaico, árabe, persa, grego, latim, italiano, francês, espanhol, português, inglês, turco, tártaro e outras línguas.”

³⁴ O autor se refere às comunidades judaicas e árabes da Espanha medieval, que se assemelhavam bastante com as portuguesas.

³⁵ Tradução nossa: “Quando se trata não de colocar por escrito a língua sagrada, mas a língua de uso, parece natural continuar a se servir do alfabeto hebraico. Isso não quer dizer que o alfabeto latino seja desconhecido no âmbito judaico, já que muitos, empregados, comerciantes, artesãos, intelectuais faziam uso constante dele; e a mesma língua latina não é desconhecida pelos judeus, mesmo que entre eles não seja chamada a desenvolver a função de prestigioso superstrato lingüístico, típica do mundo cristão.”

Para o uso do alfabeto hebraico em línguas românicas, fez-se uso de dois processos para a representação das vogais, usualmente inexistentes na escrita hebraica. O processo de vocalização linear, já existente no final do século I, no qual um grafema pode representar não só consoantes, mas também vogais. Uma análise inicial do processo empregado pelo tradutor de *De Magia*, que não difere das aljamias em romances da Península Ibérica, indica que um mesmo grafema pode representar mais de um fonema. Exemplos: *vav*³⁶ < ם > representa / o, u, v/; *yud* < ך > representa /i, e, y/. Infere-se que se o leitor do texto aljamiado não for usuário nativo da língua ou se não a conhecê-la bem, terá grandes dificuldades de compreensão.

O outro processo é o da vocalização infralinear ou pontual, em que toda vogal da escrita quadrada hebraica tem uma representação através de pontos colocados abaixo ou acima da consoante. Esse processo foi usado temporariamente pelos judeus ibéricos, principalmente nas traduções literais de textos sagrados, que tinham como resultado textos em ladino, na Espanha. Apesar de a vocalização infralinear reproduzir as vogais das línguas ibéricas sem ambigüidades, ela não se impôs de modo generalizado, como em romances e jornais. As razões poderiam ser não apenas a dificuldade técnica da transcrição dos pontinhos, mas principalmente o fato de em hebraico esse processo ser restrito aos textos sagrados (KOHRING, 1991, p.114). Os problemas relacionados à transcrição, transliteração e interpretação dos textos aljamiados estão distantes de soluções³⁷.

Teyssier (1977, p.183) apenas analisa as aljamias em caracteres arábicos, apontando um problema também presente nas aljamias em caracteres hebraicos: “Pour transcrire certains phonèmes portugais l’alphabet arabe est donc d’une pauvreté désolante, alors que pour certains autres il est surabondant.”³⁸

A transcrição dos caracteres hebraicos para os latinos do *De Magia*, como pôde ser visto, apresenta problemas complexos que requerem análises do português da época e comparações com este, além da análise da escrita hebraica da época. As informações etimológicas, por exemplo, servem de apoio para a representação adequada dos sons e, em especial, das vogais.

³⁶ Berezin (1995) foi a referência para os nomes dados às letras hebraicas. No entanto, houve algumas pequenas alterações na grafia.

³⁷ Veja-se, no entanto, Busse (2003).

³⁸ Tradução nossa: “Para transcrever certos fonemas portugueses, o alfabeto arábico é de uma pobreza desoladora, agora que para outros ele é superabundante.”

1.6.1 Classificação

Havia dois tipos básicos de modo de escrita medieval judaica: a escrita quadrada e a não-quadrada. Esta última se apresentava de duas formas: semicursiva ou média³⁹. Assim, há três gradações na escrita: a quadrada, a semicursiva e a cursiva. Beit-Arié (2003, p.68) define *modo* como “not the regional or temporal style of the Hebrew script but to generic manner of its execution selected by users of each type of script.”⁴⁰ Para Bernheimer (1924, p.19), os tipos diferentes de escrita hebraica “non sono determinabili sulla scorta di norme precise e stabili, il che è quanto dire che in alcuni casi il giudizio può essere incerto e quindi diverso.”⁴¹ Este autor estabelece, em seguida, o critério da forma dos caracteres, deixando de lado a dimensão do caractere.

Não se sabe quais os critérios utilizados para tal classificação, mas May (1994, p.381) classifica os caracteres do *De Magia* como hebraicos sefarditas semicursivos. González Llubera (1952, p.267) afirma que a escrita é semicursiva espanhola, típica do século XV. González Llubera (1952) não faz qualquer comentário relativo à mudança de punho a partir do fólio 85r. Não há dúvida quanto a essa mudança, como se vê claramente nos fólhos 84v e 85r (Figura 13). No entanto, é provável que o autor se refira ao primeiro punho, porque o compara com aquele do Ms. *Laud Or. 310*, muito próximo ao do *De Magia*, como se verificou pessoalmente na Bodleian Library.

Alguns caracteres do *De Magia* assemelham-se mais aos caracteres que Bernheimer (1924) aponta como cursivos do que aos caracteres denominados por ele de semicursivos. Quando se comparam os caracteres do *De Magia* com os modelos apresentados nas páginas 21 a 24, a maioria dos caracteres tratados aproxima-se mais dos cursivos (*álef, guímel, tet, samech, tsadik, sin*). Porém, ao se compararem os caracteres do *De Magia* com os caracteres do *corpus* completo utilizado por Bernheimer (1924, cap. 2), começa-se a acreditar, novamente, que a escrita do códice estudado é semicursiva. A diferença entre as duas escritas é, na verdade, bastante tênue. O *álef*, por exemplo, não se assemelha a nenhum dos nove exemplos de escrita semicursiva. Aproxima-se, no entanto, de três exemplos de cursiva apontados por esse autor.

³⁹ Alguns autores empregam o termo *rabínico*, criado pelos hebraístas cristãos no século XVI, considerado inadequado por Beit-Arié (2003, p. 68). O termo não será utilizado aqui, sendo sempre substituído por *semicursiva*, mesmo que tenha sido o empregado pelos autores citados.

⁴⁰ Tradução nossa: “não o estilo regional ou temporal da escrita hebraica, mas a maneira genérica da sua execução pelos usuários de cada tipo de escrita.”

⁴¹ Tradução nossa: [Os tipos] “não são determináveis amparados por normas precisas e estáveis, e em alguns casos o julgamento pode ser incerto e portanto diverso.”

Ao se compararem os grafemas do *De Magia* com o *Quadro de Alfabetos* de Kautzsch (1985), que apresenta as diversas formas dos grafemas do hebraico, a maioria deles está em conformidade com o alfabeto semicursivo espanhol do século XV. No entanto, encontram-se também algumas semelhanças com outros alfabetos, principalmente com o alfabeto cursivo oriental.

Conclusão: apesar de ligeiras discrepâncias apontadas ao longo desta seção, o *De Magia* estaria, então, redigido em escrita semicursiva do século XV, o que não é surpresa, já que 75% dos textos medievais datados se encontram com essa escrita⁴² (BEIT-ARIÉ, 2003, p.74).

1.6.2 Aspectos paleográficos

Definir as diferenças entre os vários tipos de escrita não é tarefa simples, porque envolve os mais variados aspectos (morfológicos, estilísticos, etc). Como dito anteriormente, segundo Beit-Arié (1972, p.46), os livros judaicos medievais eram produto de um escriba profissional ou de um homem culto que copiava o manuscrito para uso pessoal, ao contrário dos livros cristãos, elaborados nos *scriptoria*. O mesmo autor completa:

we have no information about any kind of institutional copying and production of Mss. These facts, together with other historical conditions, explain the absence of an established typology of medieval Hebrew book-scripts until now, and challenge us not only to search for synchronic and diachronic typology, but also to try to discover non-institutional centers of copying, schools and local traditions, and to clarify the ways in which Hebrew texts were transmitted during the Middle Ages.⁴³

Ademais, não se pode ignorar que a manutenção das formas da escrita em caracteres hebraicos, ao longo da história dos judeus, foi freqüentemente interrompida pela instabilidade dos indivíduos e das comunidades. A expulsão freqüente de comunidades ou populações inteiras, por um lado, e o vagar dos indivíduos por outro, trouxe influências e misturas que obscurecem a identificação das marcas dos diferentes tipos de escrita (BEIT-ARIÉ, 1972, p.47). Bernheimer (1924, p.29) também chama a atenção para a inegável influência das escritas não-hebraicas das várias regiões sobre a respectiva hebraica e também para a influência de algumas escritas arábicas e da arte decorativa hispano-mourisca sobre os caracteres semicursivos e cursivos espanhóis.

⁴² A cursiva foi encontrada em apenas 3% dos textos.

⁴³ Tradução nossa: “Não temos qualquer informação sobre qualquer tipo de cópia e produção de textos institucionais. Estes fatos, juntos com outras condições históricas, explicam a ausência de uma tipologia estabelecida da escrita dos livros judaicos medievais até agora, e nos desafia não somente a buscar por uma tipologia diacrônica e sincrônica, mas também para tentar descobrir centros de cópia não-institucionais, escolas e tradições locais, e esclarecer os modos como os textos judaicos foram transmitidos durante a Idade Média.”

Serão feitas, em seguida, análises de alguns aspectos paleográficos considerados relevantes, de acordo com Cambraia (2000). Apenas a parte feita pelo primeiro punho, que vai até o fôlio 84v, será analisada. O segundo punho, que vai até o final do códice, a partir do folio 85r, deverá ser estudado e editado em outro momento. A escrita foi distribuída, ao longo de todo o códice, em uma única coluna.

1.6.2.1 Grafemas

Os grafemas do *De Magia* serão analisados com detalhamento no Capítulo 2 e na seção 1.6.4.2 dos sinais de valor numérico.⁴⁴

1.6.2.2 Abreviaturas

Não foram encontradas abreviaturas no texto principal estudado do *De Magia*. No entanto, é freqüente a ausência do grafema que representa a vogal /a/, e bem mais raramente a ausência dos demais grafemas representantes de vogais. Apenas o colofão, escrito pelo segundo punho, que não é objeto deste estudo, apresenta abreviaturas nos vocábulos hebraicos que foram desfeitas mas não serão aqui analisadas, por fugirem ao escopo do estudo.

1.6.2.3 Sinais diacríticos

Vários são os sinais e marcas encontrados no *De Magia*. Em muitos dos casos, mesmo com o manuscrito original em mãos, é difícil identificar com segurança se foram feitos pelo copista ou por outro punho. Ademais, o uso dos sinais é irregular, como já observado por Huber (1986, p.43) em relação aos manuscritos antigos de um modo geral. Os sinais diacríticos encontrados na seção analisada do *De Magia* que poderiam ter sido feitos pelo próprio copista, seriam os seguintes (há outros em 1.6.2.8):

- um ponto acima do grafema

Diacrítico que aparece acima de grafemas variados, em contextos variados. Assim, não foi possível chegar a alguma conclusão em relação ao seu significado.

- dois pontos paralelos acima do vocábulo

Diacrítico que aparece acima de grafemas e vocábulos variados, em contextos também variados. Teriam sido eles feitos por um punho diferente do copista? Não foi possível chegar

⁴⁴ A partir daqui, o leitor deverá ter o Encarte sempre em mãos, para melhor compreensão da pesquisa, e não se esquecer de fazer a identificação dos grafemas da direita para a esquerda.

a alguma conclusão em relação ao seu significado, mas alguns casos pareciam indicar anulação do vocábulo.

1.6.2.4 Sinais de valor numérico

Os valores numéricos dos grafemas do alfabeto hebraico nos textos aljamiados em judeu-espanhol são (BUNIS, 1999, p.223):

א <i>álef</i> = 1	ה <i>hei</i> = 5	ט <i>tet</i> = 9
ב <i>bet</i> = 2	ו <i>vav</i> = 6	י <i>yud</i> = 10
ג <i>guímel</i> = 3	ז <i>zain</i> = 7	
ד <i>dálet</i> = 4	ח <i>het</i> = 8	

As formas compostas são:

11 = יא	14 = יד	17 = יז
12 = יב	15 = יו	18 = יח
13 = יג	16 = יז	19 = יט

O numeral 15 é representado através de 9 + 6 e o 16 através de 9 + 7, para se evitar a escrita de uma das abreviaturas do tetragrama YHVH, que se refere ao nome de Deus, formado pelas consoantes *yud* י *hei* ה *vav* ו *hei* ה (*Encyclopaedia Judaica*, 1971, v. 2, p. 743).

Em seguida:

כ <i>kaf</i> = 20	נ <i>nun</i> = 50	פ <i>pei</i> = 80	קי = 110
ל <i>lámed</i> = 30	ס <i>samech</i> = 60	צ <i>tsadik</i> = 90	etc.
מ <i>mem</i> = 40	ע <i>ain</i> = 70	ק <i>kuf</i> = 100	

No *De Magia*, fazendo-se um paralelo com o citado acima, encontraram-se os seguintes números escritos com sinais de valor numérico (e não por extenso):

Quadro 4 - Numerais

Valor numérico e transcrição	Escrita quadrada	Localização (fólio, face-linha)
1	א	21r-30
2	ב	21r-30
3	ג	21r-11; 21r-23; 21r-23; 21r-24
4	ד	8v-13; 8v-17; 21r-6; 21r-11; 21r-17; 21r-30; 21v-6; 21v-9; 21v-19
5	ה	21r-17; 21r-25
6	ו	20v-5; 21r-11; 21r-25; 21r-30; 33r-14
7	ז	21r-26; 33r-14; 33r-14
8	ח	21r-17; 21r-26
9	ט	20v-10; 21r-11; 21r-26
10	י	21r-27
11	יא	20v-18; 21r-27; 21v-27; 21v-29
12	יב	8v-5; 8v-12; 14v-8; 21r-11; 21r-27; 46r-6; 46r-6
1(3)	(יג)	5v-13
15	טו	9r-24; 9r-27
16	יו	10r-27; 10v-9
19	יט	9r-25
21	כא	33r-10; 33r-11; 34r-31; 35v-3; 46r-8
(27)	כז	9r-26
28	כח	9r-25
35	לה	33r-12; 33r-13; 46r-20; 47v-13
41	מא	50v-17
42	מב	33r-11; 33r-13
45	מה	48v-7
112	קיב	33r-14; 33r-15
120	קכ	33r-9; 33r-15; 33r-16; 46r-5; 48v-9
1(3)<<5>>	קלה	48v-9
150	קנ	48v-10
172	קעב	5r-30
180	קפ	48v-11

Em todos os casos, os grafemas com valor numérico apresentam-se com um ponto ou mais pontos ou um traço sobreposto, em geral na horizontal.

Het e *kaf* são os dois únicos grafemas que representam exclusivamente sinais de valor numérico, não compondo vocábulos:

Quadro 5 - Grafemas que representam exclusivamente numerais

Nome	Escrita quadrada	Grafema no <i>De Magia</i>	Transcrição	Exemplos
Het com diacrítico	'π		<8>	 <8> (21r-26)
Kaf com diacrítico	'כ		<20>	 <21> (33r-10)

1.6.2.5 Sinais de pontuação

Os sinais de pontuação empregados pelo copista do *De Magia* são o ponto medial  (61v-6), transcrito como <•>, e os dois pontos verticais  (84v-8), transcritos como <: >. Será necessária, no futuro, uma análise sobre suas funções.

1.6.2.6 Separação intra e intervocabular

Em final de linha, o critério principal utilizado pelo copista para separar as partes de uma palavra é o respeito ao limite da mancha. Assim, é bastante comum encontrar um vocábulo partido, sem se levar em conta os limites das sílabas. Alguns exemplos: <eng / anos<a>s> (46v-6); <ade / bdan> (66r-12); <quere / nças> (80r-4).

A separação entre as palavras é a regra geral, seguindo, basicamente, o critério fonológico, e não o mórfico como no português moderno. Exemplos: (i) vocábulos morfologicamente distintos, mas apresentados em uma única seqüência gráfica: <oceo> (1v-15); (ii) um único vocábulo, com elementos separados: <jus ticias> (55v-20).

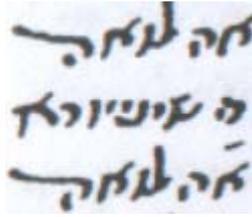
1.6.2.7 Gerenciamento de linha¹

As estratégias utilizadas pelo copista do *De Magia* relacionadas ao gerenciamento das linhas nos manuscritos hebraicos, para se alcançar a margem esquerda, são as seguintes (adaptado de BEIT-ARIÉ, 2003, cap. 2):

1) Alongamento ou compactação da última e/ou antepenúltima letras

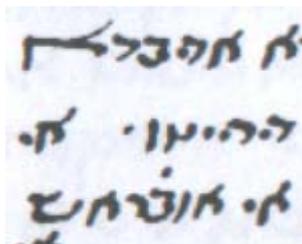
Exemplo: No final das linhas 18 e 20 do fólio 52r, a haste horizontal do *hei* de <lua> alonga-se até alcançar o final da mancha, à esquerda:

¹ *Gestione della riga*, termo cunhado por Maniaci (1997) como informa Beit-Arié (2003, p.33).



2) Flexibilização do espaçamento das palavras em uma linha: aumento ou diminuição do espaço antes da palavra final, para que ela se mantenha alinhada

Exemplo de aumento do espaço (24v-13):

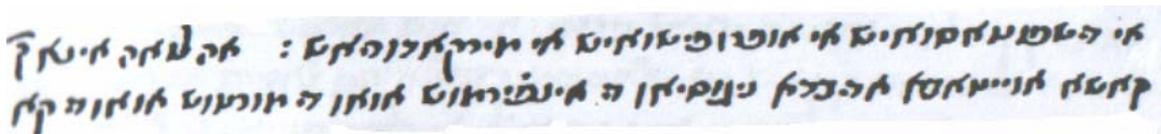


3) Inserção de  (*til medial*) (22r-24)

As vinte ocorrências do sinal que aqui está sendo chamado de til medial aparecem sempre em final de linha e foram transcritas por <~> na edição. A sua principal função é a de fazer com que a linha alcance a mancha. De um modo geral, há um espaço entre ele e o caractere que o antecede. O seu uso é bastante restrito porque o copista utiliza outras estratégias para a manutenção da mancha.

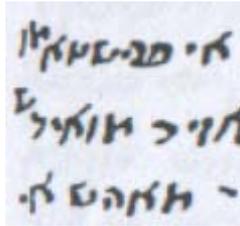
4) Preenchimento da linha com o(s) primeiro(s) grafema(s) do próximo vocábulo

Como o hebraico não possui lexemas de um único grafema, não há possibilidade de confundir o leitor. O lexema, no entanto, é escrito por inteiro na linha seguinte. Exemplo abaixo (fólio 31r): como sobrou espaço no final da linha 9, e a próxima palavra era <casa>, que não caberia por inteiro na linha, o copista escreve *kuf* (transcrito como <c>) com um traço em cima e, na linha seguinte escreve a palavra inteira começada por essa letra.

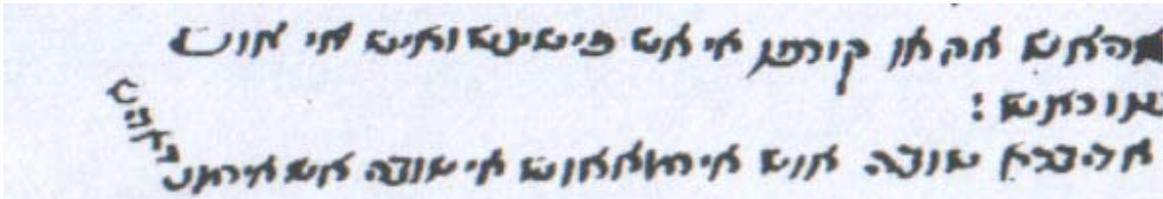


5) Escrita da última e/ou últimas letras acima ou abaixo da linha

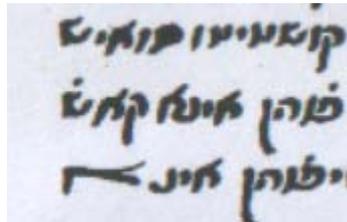
Exemplo: ao final das linhas 26 e 27 do fólio 51v, <mo> de <prestamo> e <s> de <moed<a>s encontram-se acima da linha.



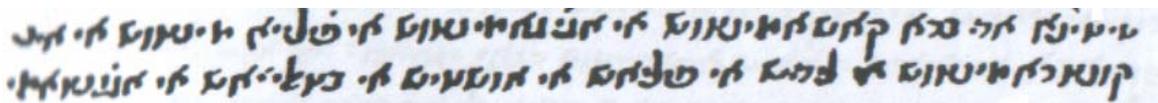
- 6) Escrita das letras excedentes diagonalmente para cima, ao longo da linha da margem
Exemplo (15r-31):



- 7) Omissão da última letra e inscrição de um ponto acima do penúltimo grafema do vocábulo. Exemplo 43r-15, no qual o *álef* final de <casa> foi omitido e colocou-se um ponto acima do sin: *איין פון די קינדער פון די קינדער פון די קינדער*



- 8) Lexitomia: divisão do vocábulo, escrevendo-se um segmento no final da linha e o restante da palavra na linha seguinte. Exemplo em 31r-5, <en / contramentos>:



Estas escolhas para a manutenção da integridade da mancha demandavam do escriba um estado de atenção e previsão, ao se aproximar da margem esquerda, demonstrando preocupação com o aumento da legibilidade e da praticidade do texto. “It also clearly

demonstrates the preference for fluency of reading over rapidity of copying, resulting in higher costs of production.”² (BEIT-ARIÉ, 1993, p.37).

1.6.2.8 Sinais de correção e anulação

Os sinais encontrados na seção analisada do *De Magia* que poderiam ter sido feitos pelo próprio copista, seriam os seguintes:

- ponto acima e abaixo do grafema

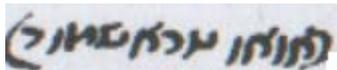
De uma maneira geral, um grafema com um ponto acima e outro abaixo dele indica sua anulação. É freqüente também que, além dos pontos, o grafema se encontre também riscado.

Exemplo:



(52r-27)

- Os parênteses < () > são utilizados para suprimir um vocábulo ou um conjunto deles, considerados erros pelo próprio copista. Exemplo:



(84v-2)

Quando o trecho começa em uma linha e termina na outra, é comum não haver o parêntese <) >, que fecha os primeiros parênteses. Exemplo: <e se o sol for en boon espeyto deles adebdan (roubos / (e perdid<a>s e perdimento)> (62v-4,5).

Como os parênteses também foram utilizados para indicar leitura duvidosa, letra mal-traçada e modificação por conjectura, sempre que aparecerem no texto original, feitos pelo copista, haverá indicação em nota de rodapé.

1.6.2.9 Rubricação e decoração

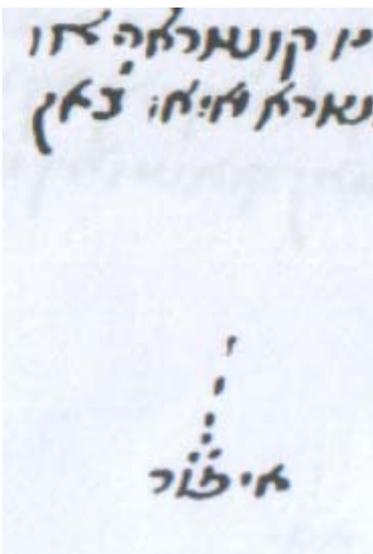
² Tradução nossa: “Isso também demonstra claramente a preferência por fluência da leitura em detrimento da rapidez em copiar, resultando em maiores custos de produção.”

Inexistem rubricação e decoração no *De Magia*. As possíveis causas já foram explicadas em 1.4.5.

1.6.2.10 Reclamos

Os reclamos aparecem no verso de todos os fólhos, a uma distância equivalente a quatro ou cinco linhas da mancha do texto. Eles indicam o(s) primeiro(s) vocábulo(s) do *recto* do fólho seguinte. Algumas vezes, há variação na ortografia ou na separação intra e intervocabular entre o vocábulo do reclamo e o vocábulo ao qual ele se refere no fólho seguinte. Apenas o reclamo do fólho 79v <oytab<<o>>> não remete a vocábulo(s) idêntico(s) no fólho 80r (<ou eno dozeno>).

Acima dos reclamos, há sempre pontos - de quantidade variável - distribuídos em forma de pirâmide, composta de 4 a 6 linhas horizontais. Exemplo (32v):



Nos fólhos 12v, 24v, 36v, 60v, 72v, 84v há um número bem maior de pontos, que poderiam indicar final de caderno. No fólho 48v, teria o copista se esquecido de usar tal estratégia? A dúvida surge porque esperava-se um número maior de pontinhos e a quantidade é regular.

1.6.2.11 Notas marginais e interpolações dos leitores do *De Magia*

São tantas as interferências escritas feitas por outros punhos que não o do copista que elas mereceriam uma pesquisa por si só. Eles não só fazem correções de vocábulos, como também redigem anotações nas várias margens, mais freqüentemente na interior e na de corte. As línguas variam: português, latim, espanhol, assim como o tipo de escrita: hebraica, latina (humanística, gótica). González Llubera (1952, p.268) afirma ter encontrado, na análise das primeiras cinquenta fólhos do *De Magia*, pelo menos oito punhos diferentes, de leitores ou revisores que poderiam ir do século XV ao XVII. Todas essas interferências se encontram apontadas nas notas de rodapé da presente edição paleográfica.

Foram feitos também símbolos muito semelhantes aos utilizados por alquimistas em geral (<http://www.sacredspiral.com/Database/alchemy/alky10.html> e <http://www.alchemylab.com/dictionary.htm>) e especificamente do século XVII (VALENTINE, 1671). No entanto, é muito freqüente o leitor indicar por um sinal no ponto do texto ao qual a nota marginal se refere através de alguns destes símbolos da alquimia também:

- Três pontos em forma de pirâmide $\cdot \cdot \cdot$, que muitas vezes se repetem à frente da nota na margem. Este sinal é um símbolo para *espíritos* na Alquimia (VALENTINE, 1671).
- Três circunferências em forma de pirâmide, que também podem se repetir na frente da nota que se encontra na margem. Este sinal é também um símbolo para *espíritos* na Alquimia (VALENTINE, 1671).
- Um traço horizontal seguido e/ou antecedido por uma circunferência: $\text{—} \circ$. O traço antecedido por uma circunferência é o símbolo do *sal de amoníaco* na Alquimia (VALENTINE, 1671).

Essa variedade de formas de indicações de notas poderia indicar que pessoas diferentes as fizeram ou que a passagem do texto se relaciona com elementos distintos da Alquimia.

No *recto* de todos os fólhos, à esquerda da margem de cabeça, foi escrito um vocábulo em caracteres latinos e tinta marrom claro. Alguns foram cortados pela encadernação. Caso contrário, eles serão transcritos na nota de rodapé.

Além de vocábulos e símbolos, observa-se também, na parte analisada, poucos desenhos feitos provavelmente por usuários do manuscrito. Um é o desenho de um vaso de bojo ovalado (8r-26):

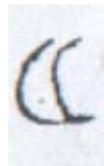


O outro desenho (14r-18) é uma cabeça de um animal com língua para fora, representando um dragão (<a c<a>beça do dragon do sol e da lua> (14r-18)) ou qualquer outro animal referido nas linhas seguintes (<e acrecenta en<a>s suas naturas · boas das pr<a>netas que foren enela e adebda sobre q c<a>beça de todo / animal> (14r-20 e 21)):

:



Há também desenhos de luas, indicados nas notas de rodapé. Um exemplo (13v-24):



Um leitor do *De Magia* utiliza 19 vezes uma outra forma de *kuf*, que foi transcrita como <ç>, para diferenciá-la da forma de *kuf* mais freqüente. Exemplo:



(1v-26)

Esta forma aproxima-se de uma forma também semicursiva, conforme Bernheimer (1924, p.81)³.

³ As 19 ocorrências são as seguintes, seguidas das linhas às quais os vocábulos estão sobrepostos: <(ç)rips{{t}}es> (1v-26); <(ç)onveniencias> (3v-31); <çomo; çorocion; çonpaşion; çonposicion; çovenen> (4r-5); <çonveniencias> (4r-6); <escentaçô> (5r-23); <çonçod> (17v-9); <(ç)on> (20v-8); <çon(j)un(s)ion de / çen (q)> (58r-22); <çon(j)ucion de [.]> (59r-28); <çon(j)uncion de çen (q)> (60r-12 e 30); <çon(j)uncion da çen (y)> (61r-24).

1.7 HISTÓRIA DO CÓDICE

Até 8 de janeiro de 1562, o manuscrito em questão foi comprado em Louvain (Bélgica) pelo matemático John Dee, se forem verdadeiras as informações escritas na margem de cabeça, em tinta marrom, mas mais fraca do que a utilizada no texto, com letra humanística cursiva (Figura 12 do Anexo):

Joannes Dee 1562 Louanij emit./ Januarij .8.

John Dee foi um estudioso inglês, com grande vocação para línguas. É muito provável que tenha comprado o manuscrito em questão com a intenção de lê-lo. Entre 1548 e 1550, estudou em Louvain, após passagem pela Holanda em 1547. Em 1562 volta para a Holanda, onde se ocupa da aquisição de obras raras. Entre elas, encontrava-se o *Livro cumprido* (HILTY, 1982, p.265) e, provavelmente, o *De Magia*. Supõe-se que o *De Magia* foi produzido em Portugal, mas que teria sido levado até a Bélgica. Sabe-se que, em 1497, o rei Manuel decretou que nenhum judeu poderia possuir livros judaicos, que deveriam ser depositados nas sinagogas. No entanto, os exilados tentaram levar consigo seus valiosos livros (SCHMELZER, 1997, p.262). Os relatos da época das perdas, dos roubos e trajetórias dos livros e dos próprios exilados são comoventes, demonstrando o valor desses livros para os judeus medievais. Esta expulsão e tantas outras fugas e exílios podem ter levado o códice para fora de Portugal.

Em seguida, o manuscrito teria passado para as mãos de James Ussher (1581-1656), arcebispo de Armagh, Irlanda, quando esteve na Inglaterra, conforme a informação presente na margem superior do verso do fólio anterior ao primeiro fólio, em que aparecem os seguintes dizeres (Figura 12 do Anexo):

Jacobi Armachani

James Ussher só pode ter comprado o *De Magia* depois de 22 de março de 1625, quando foi nomeado arcebispo. Apesar de Ussher saber hebraico, Hilty (1982, p.266) infere que o manuscrito foi adquirido apenas por interesse bibliófilo, quando John Dee foi obrigado a se desfazer de sua biblioteca devido a dificuldades financeiras.

Das mãos de Ussher, o *De Magia* passou para as do seu conhecido William Laud, que se encontrava na Grã-Bretanha, antes ou em 1633, conforme informação encontrada na

margem de pé do fólio 1r, escrita em tinta preta ou cinza escura, com letra humanística cursiva (Figura 12 do Anexo):

*Liber Guilielmi Laud Archiepi Cantuãr./ et Cancellarij Vniuersitatis
Oxõn / 1633.*

Finalmente, o Arcebispo Laud doa o manuscrito à Bodleian Library, em cuja Seção Oriental o mesmo se encontra até o presente momento (HILTY, 1982).

1.8 DATAÇÃO DO CÓDICE

O texto principal do *De Magia* não apresenta, na parte analisada, informações explícitas relativas à data em que foi copiado. Presume-se que a cópia seja anterior a 8 de janeiro de 1562, data que figura na nota escrita por John Dee na margem de cabeça do fólio 1r (ver Figura 12 do Anexo).

May (1994, p.381) afirma que a cópia seja de *circa* 1400, porque as filigranas presentes no texto, dos grupos *Ancre*, *Trois monts* e *Tête de boeuf*, são similares às expostas por Briquet, datadas entre 1397 e 1402. A autora da presente tese, porém, encontrou apenas uma filigrana, se se considerar que uma delas estaria apenas de cabeça para baixo.

González Llubera (1952, p.267) afirma que se trata de uma tradução do século XV.

Assim, pode-se afirmar que, provavelmente, o códice tem como datação o século XV, com maiores probabilidades de estar inserido na primeira metade desse século.

1.9 DATAÇÃO DA LINGUAGEM DO TEXTO

O códice *De Magia* não apresenta nenhuma datação explícita, mas todos os autores consultados afirmam que a língua do *De Magia* seria o português da primeira metade do século XV (SÁ, 1960, p.579, por exemplo). Mesmo havendo consenso, faz-se necessário verificar a veracidade de tal asserção e melhor precisar a história do *De Magia*. Além do mais, apesar de, nesta tese, não se estar estabelecendo o *stemma codicum*, espera-se dar continuidade aos estudos relacionados ao ms. 282 e, eventualmente, identificar cópias e testemunhos. Assim, será identificada a que época o manuscrito pertenceria, através de uma análise da sua linguagem. Será tomado como base, principalmente, o trabalho de Cambraia

(2003), que codificou os dados, permitindo seu uso. Este autor, por sua vez, baseou-se em Bechara (1985), Mattos e Silva (1984) e Cambraia (2000), também consultados pela autora da tese, os quais delimitam as fases do português através de critérios intralingüísticos.

Foram selecionados apenas os seguintes traços lingüísticos para a análise do *De Magia*: (i) vogal temática do particípio passado dos verbos da 2ª conjugação; (iii) pronomes possessivos *ma*, *ta* e *sa*; (v) conjunções *ca* e *pois*.

Os demais traços lingüísticos selecionados pelos autores citados foram evitados pela dificuldade de análise dos dados/contexto lingüístico em que eles se encontram, o que poderia ocasionar perda de rigor e criteriosidade. O traço representação gráfica dos hiatos com vogais de mesma abertura *versus* de crase foi deixado de lado, pela necessidade de analisar com mais profundidade os encontros vocálicos do *De Magia* e pela própria opacidade do sistema.

As obras utilizadas para a análise dos fatos foram (CAMBRAIA, 2003, p.55):

Quadro 6 – Obras citadas para a datação da linguagem

Título	Sigla	Data da linguagem do texto
<i>Livro das Aves</i>	<i>LA</i>	séc. XIV
<i>Diálogos de São Gregório - versão A</i>	<i>DSGA</i>	anterior a 1375
<i>Barlaão e Josafat</i>	<i>BJ</i>	1370-1400
<i>Horto do Esposo</i>	<i>HE</i>	1385-1400
<i>Diálogo de Robim e de um Teólogo</i>	<i>DRT</i>	1400-1425
<i>Diálogos de São Gregório - versão C</i>	<i>DSGC</i>	1416
<i>Crónica de Dom Pedro</i>	<i>CDP</i>	1430-40
<i>Leal Conselheiro</i>	<i>LC</i>	1435
<i>Imitação de Cristo</i>	<i>IC</i>	1468
<i>Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	<i>CPVC</i>	1500
<i>Os Lusíadas</i>	<i>LU</i>	1572

1.9.1 Vogal temática do particípio passado dos verbos da 2ª conjugação

Na evolução do português, ocorreu uma progressiva substituição da vogal temática /u/ pela /i/ nos particípios passados regulares dos verbos da 2ª conjugação (WILLIAMS, 1975, 188-190; MATTOS E SILVA, 1993, p.42-44, CARDEIRA, 2005, p.204). A partir de Cambraia (2003, p.59), tem-se:

Quadro 7 - Vogal temática do particípio passado dos verbos da 2ª conjugação

Texto	Vogal temática /u/	Vogal temática /i/
<i>LA</i> - séc. XIV	100%	-
<i>DSGA</i> - anterior a 1375	100%	-
<i>BJ</i> - 1370-1400	50%	50%
<i>HE</i> - 1385-1400	51,9%	48,1%

<i>DRT</i> - 1400-1425	47,4%	52,6%
<i>DSGC</i> - 1416	17,7%	82,3%
<i>LC</i> - 1435	7,8%	92,2%
<i>IC</i> - 1468	4,3%	95,7%
<i>CPVC</i> - 1500	-	100%
<i>De Magia</i>	17,6% (46)	82,4% (216)

Foram encontradas 46 ocorrências de participios passados dos verbos da 2ª conjugação com vogal temática -u-⁴ e 216 ocorrências com vogal temática -i-⁵. A análise dos participios passados indica que o *De Magia* seria posterior ao *DRT* (1400-1425) e anterior ao *LC* (1435), colocando na mesma época do *DSGC* (1416).

1.9.2 Pronomes possessivos *minha, tua, sua*

No português, os pronomes possessivos proclíticos diferenciavam as formas átonas das tônicas. As formas proclíticas, paulatinamente, foram sendo substituídas pelas tônicas (WILLIAMS, 1991, p.159-160; MATTOS E SILVA, 1993, p.27-29, CARDEIRA, 2005, p.247). Em relação a este fato, e a partir de Cambraia (2003, p.59), no *De Magia* tem-se:

Quadro 8 - Pronomes possessivos *minha, tua, sua*

Textos	Pronomes					
	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	<i>m/h/a/s</i>	<i>minha/s</i>	<i>ta/s</i>	<i>tua/s</i>	<i>sa/s</i>	<i>sua/s</i>
<i>DSGA</i> - anterior a 1375	100%	-	100%	-	100%	-
<i>DSGC</i> - 1416	-	100%	-	100%	30,1%	69,9%
<i>LC</i> - 1435	-	100%	?%	regular	50%	50%
<i>IC</i> - 1468	-	100%	-	100%	-	100%
<i>De Magia</i>	-	100% (2)	-	-	0,5% (1)	99,5% (195)

Das 198 ocorrências de pronomes possessivos femininos (exceto de 1ª e 2ª pessoa do plural), apenas uma é proclítica (*sa*), equivalente a 0,5%. As demais foram *minha/s* (1% - 2) e *sua/a/s* (98,5% - 195), equivalentes a 99,5%. Depreende-se, assim, que o *De Magia* seria posterior ao *DSGC*, isto é, a 1416 e anterior ao *Imitação de Cristo*, de 1468, quando os proclíticos já não existiam.

1.9.3 Conjunções *ca, pois* e variantes

⁴ Entendido, escondido/a/s, recebido/a, sabudo/a/s, vencidos, venduda.

⁵ Conhecida, devida/o, escondido, nacido/s, parecido, perdido/a/s, roidos, tangido, tolhida, vencido/s, vendido/a/s.

Segundo Olinda (1991, p.78 apud MATTOS E SILVA, 1994, p.262), *ca* explicativo apresenta alta frequência nos séculos XIII e XIV, ao contrário do *pois* explicativo. Nesse mesmo período, *pois* temporal era frequente. No século XV, o uso de *ca* e *pois* se equilibra⁶. Ademais, *pois* temporal desaparece, sendo substituído por *depois que* temporal. No século XVI, *ca* inexistente.

No *De Magia*, foram encontradas 23 ocorrências de *ca*, todas explicativas, e 47 ocorrências de *poys* e 7 de *pois*, todas explicativas também. Estes fatos encaixariam o testemunho no século XV. No entanto, não se verificou o equilíbrio de *ca* (23 ocorrências) e *pois/poys* (54 ocorrências).

À guisa de conclusão, os dados até agora analisados podem ser organizados do seguinte modo:

Quadro 9 - Síntese sobre a datação da linguagem do *De Magia*

Fato lingüístico	<i>Terminus a quo</i>	<i>Terminus ad quem</i>
Vogal temática do part. pas. da 2ª conjugação	1400	1435
Pronomes possessivos <i>minha, tua e sua</i>	1416	1468
Conjunções <i>ca, pois</i> e variantes	posterior a 1399	anterior a 1500

Dois fatos que não fazem parte do quadro devido ao restrito número de ocorrências foram o morfema da 2ª pessoa do plural, que ocorre apenas duas vezes na parte analisada do códice (verbo *acharedes*), e a concordância entre objeto direto e particípio passado, com apenas uma ocorrência constituída pelos verbo *haver* - <avendo visto partida> (1r-1) - e nenhuma com *ter*. Ambos inserem o *De Magia* antes de 1435, tendo-se o *Leal Conselheiro* como parâmetro.

Os dados analisados nesta seção inserem o *De Magia* no século XV, corroborando o posicionamento dos autores pesquisados.

1.10 CONTEÚDO

De Magia é um guia astrológico em prosa dividido em sete partes, que tratam dos seguintes assuntos (SÁ, 1960, p.569):

Parte I: número de esferas celestes, estrelas, signos, planetas e suas influências, conjunções, cometas e climas;

⁶ Esse equilíbrio não se verificou no *De Magia*, como se verá em seguida.

Parte II: o tempo

Parte III: o nascimento dos seres humanos e seus estados

Parte IV: a influência do sol na vida humana

Parte V: as mudanças e tumultos nos reinos, guerras e outras calamidades

Parte VI: escolha do tempo favorável para se realizarem certas ações

Parte VII: meios de se tratar doenças, epidemias e pestes causadas pelas influências astrais

A descrição das partes se encontra no fôlio 1v do próprio texto, a partir da linha 20, até 2r-31:

e quero fazer este liβro sete p<a>rtes .. ena parte pr(im)eyra trotarey quantos son osceos e que ay estrel<a>s e as propedades dos signos · e dos termi<<os>> e dos grados que son ena es(f)era estrelada · e das estrelas fisas grandes que son ena es(f)era out<a>ba que e q̄ es(f)era estreladae as propedades das pr<a>netas e das cas<a>s e das conjunções edos espeytos e das trasmudações e dos recebimentos e dos {{c}}rips{{t}}es delas · e das partes que son s<a>cadas por elas · e das propedades das estrelas nobas que parecen alguas vezes e das com<e>ta<<s>> e das cintildações e dos arcos que parecen en da redor dos lumeares e sobre tera · e das propedades das crimas que son enos sitos da tera · e o que adebdan c<a>dā uq̄ praneta en cada signo <<e>> en cada ccasa · e os juizos geeraaes e as p<a>laβras e as proβas dos sabyos :

e ena parte segunda trotarey enos tenporaes dos anos e en<a>s rebolações dos anos · e enos adebdamentos dos cri(p)ses e das conjunções e dos ofigoções e dos outros espeytos das pr<a>net<a>s enos tenporaes de cada tempo do ano · e das tenpestas e das pr<a>netas en c<a>da ano e en c<a>da tera · e en<a>s rebolações dos reis ·

e <<e>>(n)a parte terceyra trotarey das nacenças dos omees e das vidas e das mortes e das riquezas e d{{a}}<<o>>s estados dos mestere<<s>> e dos o(f)icios e das propedades deles · e das rolações que an os uus con os outros

e en q̄ parte quarta trotarey enos adebdamentos das rebolações dosol sobre cada omen e das venturas que lhes an de veer en cada tempo e os enderençamentos e dos casa mentos e das gueras e das lides o bralhas e das pa{{(c)}} <<z>>es e das avenças e das gan<a>nças e das doenç<a>s e dos gozos e dos panos e das armas e dos gados · e dos b<a>salos · e dos tenpos e que se an de conprir os adebdamentos que adebdaron as pranetas en<a>s nacenç<a>s aos omees por seus enderençamentos ·

e ena parte quinta trotarey das tremudações dos reygnos e das le<<y>>s e de outros estebelicimentos geeraaes e as

pobramentos das vilas e das estroicoes dest<a>s cous<a>s de das gueras (j)ereaaes e dos estiramentos e os pelegançoas e se eredan os (f)ilhos dos reys · o se ~seran dese{{ree}}redados e as rebolaçoas deles e os boos e os malesque veen en deles ·

e ena p<a>rte sesena trotarey en terogaçoas e enos escolhimentos das oras pera fazer as obras e as cous<a>s fisicales e en<a>s sabedorias das cous<a>s se son verdade o<<u>>mentira e o que pode seer obrado e o que se seguira das cous<a>s queson en dubida

e ena parte setena trotarey p(o)ra tolher doenç<a>s celestriaaes asi como febres e as doenç<a>s lunaticas e outra<<s>>doenças e pera avenças de mal querenças · e pera tolher as sanhas ernias q os poderosos e pera abonegar as compresoes dos omee<<s>> e pera tolheras tenpestas do ayre e pera m<a>tar q lagosta e as outras serpentes danosas ou (f)azer as (f)u(j)ir do logar que quigermo<<s>>

O códice não é dividido em capítulos e não há nenhuma indicação, ao longo do texto, das partes acima citadas. Ademais, esta tese abarca apenas o primeiro punho, equivalente aos 168 primeiros fólhos. Assim, não é possível afirmar a qual ou quais partes se refere o primeiro punho e se as sete partes citadas integram, efetivamente, o ms. 282. A seção transcrita, com certeza, abarca a primeira parte.

2 A REPRESENTAÇÃO GRAFEMÁTICA DO *DE MAGIA*

Os textos ibérico-românicos escritos em caracteres hebraicos representam sistemas independentes, e não meros calcos do sistema românico. Revelam uma estrutura própria, além de um individualismo tipológico. Para sua compreensão, é necessário partir de suas características de origem, tal como se apresentam para textos hebraicos (HEGYI, 1981, p.99). Assim, serão apresentadas algumas características do hebraico, de interesse imediato para este estudo, para logo em seguida se exporem os grafemas do *De Magia*.

2.1 O HEBRAICO

O hebraico é uma língua semítica, cujo alfabeto é composto de 22 consoantes⁷, sempre escritas da direita para a esquerda. *Kaf* (כ), *mem* (מ), *nun*(נ), *pei* (פ) e *tsadik* (צ) apresentam formas diferentes em final de palavra (ך, ם, ן, ף, ץ, respectivamente). Com exceção do *mem*, as demais letras apresentam uma cauda descendente, ao invés de terminar na horizontal. As letras *bet* (ב), *guímel* (ג), *dálet* (ד), *kaf* (כ), *pei* (פ) e *tet* (ט) representam dois sons, o oclusivo e o aspirado. Na escrita, o som oclusivo é representado por um ponto, o *daguesh qal*: כּ גּ דּ פּ טּ (GREENBERG, 1965). Estes sons se tornam aspirados, geralmente, depois de uma vogal.

Sampson (1996, p.80) pensa que a mais importante característica estrutural das línguas semíticas é a existência de grafes para as consoantes, mas nenhum para as vogais. Pressupõe-se que os grafes semíticos foram criados de acordo com o princípio acrofônico: atribuição ao desenho ou ao ideograma de um objeto do valor fonético da letra ou da sílaba inicial do nome desse objeto. Todas as palavras das línguas semíticas começam por consoantes. As palavras iniciadas por sons que soam como vogal são percebidas pelos falantes nativos como se estivessem iniciando por uma oclusiva glotal.

No hebraico bíblico, as consoantes oclusivas simples /p, t, k, b, d, g/ são representadas por grafemas que representam fones fricativos [f, θ, x, v, δ, γ] quando ocorrem depois de uma vogal. Esta distinção entre oclusiva e fricativa, contrastiva nas línguas indo-européias, é meramente alofônica no hebraico bíblico.

⁷ Álef, bet, guímel, dálet, hei, vav, zain, het, tet, yud, kaf, lámed, mem, nun, samech, ain, pei, tsadik, kuf, resh, sin, tav.

De um modo geral, quando uma consoante ocorre entre duas vogais, das quais a primeira é breve e átona, ela será geminada. No entanto, a escrita hebraica registra as consoantes geminadas e simples da mesma forma, com letras únicas.

A distinção entre vogais reduzidas e plenas quase nunca é contrastiva. As alternâncias entre as vogais dependem do acento tônico. Esta é uma das razões pelas quais um sistema gráfico que incluísse as vogais seria relativamente pouco atraente para o hebraico: poucas famílias de palavras manteriam uma forma ortográfica constante. Para Sampson (1996, p.89),

o fato mais importante quanto às vogais do hebraico e de outras línguas semíticas, bem como a principal razão pela qual é menos útil marcá-las na escrita dessas línguas do que nas indo-européias, é que, em grande parte, os contrastes lingüísticos realizados pelas vogais são mais gramaticais que lexicais. Isto significa que, mesmo se os contrastes não forem registrados pela escrita, eles poderão, em sua maioria, ser determinados a partir do contexto, e significa também que tendem a ser menos decisivos para os objetivos práticos da comunicação.

Grande parte do vocabulário de uma língua semítica como o hebraico consiste de palavras derivadas de uma raiz (com significado de verbo ou adjetivo) que é formada apenas por consoantes (normalmente três), entre as quais diferentes padrões de vogais, representando diferentes flexões gramaticais, são interpostos; também podem ocorrer prefixos ou sufixos. As palavras são compostas de, no mínimo, duas consoantes. Havendo uma partícula de apenas uma consoante, ela se junta à palavra precedente ou seguinte (LAMBERT, 1946, p.11).

Tendo em vista o papel limitado das vogais como elementos distintivos nas línguas semíticas, uma escrita que indica apenas as consoantes não é, na prática, exorbitantemente ambígua para um usuário nativo da língua. Nos inícios do hebraico como língua escrita, não havia qualquer indicação das vogais. Entretanto, existem desvantagens quando as vogais são completamente ignoradas pela escrita, mesmo para uma língua semítica. Problemas decorrentes desse fator foram resolvidos em algumas línguas semíticas atribuindo-se a certas letras representando consoantes uma função dupla, o que as faz indicar também as vogais. As letras que funcionam dessa forma são chamadas de *matres lectionis*, “mães da leitura”.

O uso das *matres*, no hebraico, foi evoluindo lentamente, à medida que os textos bíblicos eram registrados por diferentes escribas, de modo que é possível encontrar exceções a quase todas as afirmativas feitas sobre o assunto. No entanto, é possível estabelecer regras que são válidas para a grande maioria das palavras (SAMPSON, 1996, p.92):

- Regra 1: As vogais breves e reduzidas são ignoradas
- Regra 2: Entre as vogais longas, /i, u/ são obrigatoriamente escritas com *yud* e *vav*, respectivamente

- Regra 3: As vogais longas /e, o/ podem ser opcionalmente escritas com *yud* e *vav*, respectivamente
- Regra 4: Como a consoante /h/ quase nunca ocorre em final de palavra no hebraico, ela funciona de maneira inequívoca como *mater* nessa posição, sendo usada para indicar a vogal longa não indicada por *yud* ou *vav*, ou seja, /a/ longa. A escrita de /a/ longa, em final de palavra, como <h> é obrigatória, constitui-se em caso especial da regra seguinte
- Regra 5: As vogais em final de palavra devem ser indicadas por uma *mater*. Esta regra anula a Regra 1. Como é muito comum que uma palavra termine em consoante, sem a Regra 5 o leitor poderá não notar toda uma sílaba

O sistema de *matres* só resolve algumas ambigüidades gráficas com a introdução de outras. No geral, a chamada escrita *plena* – a escrita com *matres* – é menos opaca, em termos fonológicos, que a escrita sem *matres*, mais ainda conserva muitas ambigüidades. Entretanto, os usuários da escrita hebraica nunca sentiram a necessidade de adotar um sistema fonográfico mais completo para seus objetivos ordinários⁸. O leitor da prosa hebraica comum identifica as palavras usando as informações fornecidas pelas consoantes, sua compreensão do assunto e seu conhecimento dos padrões morfológicos e sintáticos característicos da língua. Já nos primeiros tempos da escrita hebraica, eram deixados espaços entre as palavras, o que mostra a necessidade do leitor de reconhecer os padrões das palavras.

Em contraste com o sistema gráfico das línguas européias, a escrita hebraica é incrivelmente desprovida de redundâncias. Sampson (1996, p.98) contrasta a escrita hebraica com a inglesa: 1) Em hebraico, o leitor é forçado a examinar o contexto de maneira mais cuidadosa; o leitor tem que examinar fisicamente partes do contexto; 2) A idéia de que se pode ler a partir de partes selecionadas e predizer o todo provavelmente não se aplica apenas à distribuição das palavras, mas também a seu interior.

2.2 A ALJAMIA

Tendo como núcleo da tese a transposição dos caracteres hebraicos em latinos do *De Magia*, surgiu a questão se o resultado deveria ser denominado uma transcrição ou uma transliteração. O termo preferido foi *transcrição*, pelos motivos que se seguem.

⁸ Os textos sagrados, os livros infantis e a poesia são os únicos materiais escritos normalmente com o sistema de pontuação, estabelecido nos séculos IX e X.

Busse (2005, p.97), em referência a textos em judeu-espanhol e em caracteres hebraicos *rashi*, afirma:

En principio, la distinción entre transcripción y transliteración parece muy sencilla: la **transcripción** consiste en representar, en nuestro caso por medio de caracteres latinos, la fonología del texto escrito en caracteres hebreos. Por el contrario, en una **transliteración**, se trata de representar exactamente la manera de grafiar un texto, de representar la esencia gráfica del mismo.⁹

Já Lázaro Carreter (1990, p.397) define transliteração como

Transcripción de las palabras escritas en un alfabeto, con letras de otro alfabeto más familiar al lector. La transliteración se efectúa **letra a letra**, según la correspondencia de los sonidos por ella representados. Cuando dicha correspondencia no es exacta suelen emplearse diacríticos auxiliares.¹⁰ (Grifo nosso)

Assim, se fôssemos denominar o que se propõe aqui no Capítulo 3, segundo Busse (2005) e Lázaro Carreter (1990), dever-se-ia utilizar o termo *transcrição*, pois não se está fazendo uma representação letra por letra, o que seria o caso na transliteração. Veja-se exemplo retirado de Minervini (1992)¹¹, que também serviu de incentivo para denominar a edição como uma transcrição:

Transcrição: *i bebran cada unu su vasu i laben las manos e diran [...]*

Transliteração: *î bêbêrâ'n qādā'ûnû šû wā'sû 'î la'bên lāš mā'nôš 'ê dîrā'n [...]*

A transcrição criteriosa do texto aljamiado é uma árdua tarefa para o mais paciente dos lingüistas. Também a leitura é outro grande desafio para qualquer usuário de outra língua que não seja o português arcaico coetâneo ao *De Magia*. Como afirma Hegyi (1981, p.93),

(...) los sistemas alfabéticos no parecen intentar la transcripción fiel y completa del sistema fonológico de una determinada lengua, sino que más bien se limitan a representar subsistemas seleccionados del sistema fonológico completo. Así, en vez de transcripciones exactas, sería más acertado hablar de diversas interpretaciones grafemáticas de la lengua. Cada sistema de escritura tiene, por conseguinte, una estructura propia que determina sus potencialidades inherentes, y predestina, en cierto modo, su desarrollo en nuevas aplicaciones. En la transposición a otra lengua, las idiosincrasias del modelo original imprimen su sello al nuevo sistema grafemático, pese a los reajustes inevitables y las originalidades innovadoras de los adaptadores.¹²

⁹ Tradução nossa: “Em princípio, a distinção entre transcrição e transliteração parece muito simples: a transcrição consiste em representar, no nosso caso por meio de caracteres latinos, a fonologia do texto escrito em caracteres hebraicos. Ao contrário, em uma transliteração, trata-se de representar exatamente a maneira de grafar um texto, de representar a essência gráfica do mesmo.”

¹⁰ Tradução nossa: “Transcrição das palavras escritas em um alfabeto, com letras de outro alfabeto mais familiar ao leitor. A transliteração se efetua letra por letra, segundo a correspondência dos sons por ela representados. Quando tal correspondência não é exata, costumam empregar-se diacríticos auxiliares.”

¹¹ Texto número 5, p. 156, v. I e p. 19, v. II.

¹² Tradução nossa: “os sistemas alfabéticos não parecem objetivar a transcrição fiel e completa do sistema fonológico de uma determinada língua, mas sim se limitam a representar subsistemas selecionados do sistema

A edição da *Crónica Geral de Espanha*, de 1344, foi utilizada como referência de base neste estudo, para a transformação em caracteres latinos de cada vocábulo. Esse texto do século XIV em português arcaico tem Lisboa como origem e é composto de 857 capítulos. Originalmente em castelhano, a tradução da CGE é uma encomenda feita por Dom Dinis, podendo ser encontrada no site <<http://cipm.fcsh.unl.pt>>, sob a responsabilidade de uma equipe do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. O texto da *Crónica Geral de Espanha* do CIPM tem Cintra (1951) como fonte. Maia (1986) também foi referencial constante para a transcrição do códice, assim como Mattos e Silva (1991) e Teyssier (1997). Quando o vocábulo não se encontrava na CGE, foram utilizados o *Vocabulário do Português Medieval* (VPM), Cunha (2001) e Houaiss; Villar; Franco (2001), nessa ordem. Os dicionários de espanhol da RAE (1992) e o de Moliner (1984) também foram consultados, já que alguns vocábulos estão em espanhol.

Quando, na CGE, havia duas ou mais variantes de um mesmo vocábulo, a mais freqüente era a selecionada para servir como modelo para a reconstituição dos vocábulos do *De Magia*. Em nenhum momento, no entanto, as características dos vocábulos do *De Magia* foram anuladas. Assim, caso a grafia do *De Magia* diferisse daquela da CGE, a forma desse último servia apenas de guia.

A ferramenta utilizada para extrair e sistematizar as informações do texto foi a versão 3.0 do programa *WordSmith Tools*, disponível na Faculdade de Letras da UFMG, publicado pela Oxford University Press desde 1996¹³. Trata-se de um conjunto de programas para manipulação e análise de textos que gera listas de palavras de um texto. O programa faz concordância, localiza e identifica qualquer palavra ou parte de uma. Aqui, foi utilizada a ferramenta *Concord*, que faz busca de vocábulos ou partes deles, apresentando, ao final da busca, uma listagem em ordem alfabética de todas as ocorrências encontradas, em seus devidos contextos.

fonológico completo. Assim, ao invés de transcrições exatas, seria melhor falar de diversas interpretações grafemáticas da língua. Cada sistema de escrita tem, conseqüentemente, uma estrutura própria que determina suas potencialidades inerentes.”

¹³ O programa apresentou várias limitações, em especial as relativas aos diacríticos, sendo recomendado com restrições para trabalhos similares.

2.3 GRAFEMAS SIMPLES

A exemplificação dos grafemas será feita através da forma reconstituída, conforme explicado acima, do vocábulo do *De Magia* em caracteres latinos, seguida da(s) forma(s) do vocábulo na CGE. Será dada a localização apenas da primeira ocorrência do vocábulo na CGE, e apenas de uma ocorrência no *De Magia*. Após cada exemplo da CGE, aparecerá, entre parênteses, o capítulo seguido do fôlio onde ele se encontra. No caso do *De Magia*, virá o fôlio seguido da linha.

Deve ser observado que, assim como no hebraico, no *De Magia* não existe a oposição grafema maiúsculo/minúsculo e nem letras geminadas. A ausência destas últimas trará conseqüências para a análise que se fará no Capítulo 4.

Para facilitar o entendimento da transcrição por parte do leitor que, se pressupõe, não conhece o alfabeto hebraico, apresentam-se, sob a forma de Encarte, quadros que resumem a representação e a transcrição dos grafemas, para depois se fazer uma explicação detalhada de cada um deles. Algumas observações se fazem necessárias, em relação ao conteúdo do Encarte:

- A ordem dos grafemas no Quadro 1 é a do alfabeto hebraico
- O diacrítico sobreposto às letras, em hebraico, é chamado de *guersh* (plural *guershayim*); em judeu-espanhol, é chamado de *varika* ('varinha').
- Dois grafemas servem apenas para representar números (cf. Quadro 4).
- No alfabeto hebraico, cinco letras têm formas diferentes em final de palavra: *kaf*, *mem*, *nun*, *pei* e *tsadik*. No *De Magia*, apenas o *nun* apareceu, além da forma padrão, sob a forma final; as demais letras apresentam-se apenas sob a forma comum. O grafema que se apresenta à direita, quando em pares, é o *nun* final.

2.3.1 Grafemas que representam vogais

O que está sendo chamado aqui de vogais são, na verdade, grafemas consonantais na sua origem (cf. seção 2.1), empregados também como vogais no texto aljamiado.



2.3.1.1 Álef

No *De Magia*, o grafema *álef* aparece de duas maneiras. A primeira forma é a mais freqüente delas; a segunda parece ser apenas uma forma mais arredondada da primeira, em que as duas hastes inferiores se aproximam e se tocam:  Tem-se, assim, a impressão de que se trata de um círculo atravessado por um traço.

A transcrição do *álef* é feita de dois modos: <a> ou sem representação grafemática alguma:

- *Álef* transcrito como <a>. Exemplo:

CGE *as* (8-6d) → DM  ¹⁴ <as> (84v-2)

- *Álef* sem transcrição na edição

Álef pode não ter representação fônica, sendo denominado aqui de silencioso. Kohring (1991, p.107) prefere o termo “*álef* portador de vogal”, que aparece no texto aljamiado nos seguintes casos:

(I) em início de vocábulo para introduzir as vogais

O *álef* está sempre presente diante de *vav* e *yud* simples em início de vocábulo e, de um modo geral, diante de *hei* final. Exemplo:

CGE *os* (1-1^a) → DM  <os> (5r-3)

No caso de um vocábulo iniciado por um único *álef*, o *álef* silencioso não se aplica.

(II) estiver com a função de separar os dois sons de um encontro vocálico. Exemplo:

CGE *roubado* (352-132d) → DM  <roubado> (84v-28)

A maioria dos encontros vocálicos apresenta um *álef* silencioso entre as vogais e as semivogais. No entanto, se a segunda vogal de um encontro vocálico for um *álef*, não haverá um outro para separá-lo, já que não há *álef* silencioso diante de outro *álef*.

(III) antes de vogal antecedida pelo prefixo *des*¹⁵.

¹⁴ Atenção: toda seqüência de letras em hebraico deve ser lida da direita para a esquerda.

Haverá, na edição, em nota de rodapé, a indicação da presença do *álef*, que não será transcrito, caso não apareça na CGE. Há muita falta de consistência no uso do *álef* silencioso, não sendo possível transcrever este grafema com certeza absoluta, mesmo com a ajuda da CGE. Quando *álef* é silencioso, funciona diferentemente em relação a cada vogal e cada contexto. Nas Normas de transcrição adotadas (seção 3.1), haverá indicação dos critérios empregados.

2.3.1.2 *Hei*



O grafema *hei* aparece, na grande maioria dos casos, em final de vocábulo e antecedido por *álef* silencioso. Sua transcrição será sempre <a>. Exemplo:

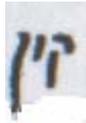
CGE *a* (1-1^a) → DM  <a> (84v-24)

Foram encontrados poucas ocorrências de vocábulo com *hei* no meio ou iniciado por ele. Essa baixa frequência de *hei* no meio de vocábulo poderia levar a pensar que a única diferença entre *álef* e *hei* seria a posição no vocábulo. No entanto, alguns vocábulos que em português terminam em *a* apresentaram duas possíveis grafias, com *hei* e com *álef*. Assim, preferiu-se manter a diferenciação entre *hei* e *álef*. Apesar de o fenômeno não ter sido analisado com a profundidade que parece necessária, espera-se, em outra ocasião, poder fazê-lo.

2.3.1.3 *Vav* vocálico



Nas aljamiadas hebraicas e no hebraico, o grafema *vav* pode ser tanto consonantal quanto vocálico. No *De Magia*, na grande maioria dos casos, quando *vav* é vocálico, virá antecedido por *álef* e será transcrito como <u> ou <o>. Exemplo:

CGE *con* (1-1^a) → DM  <con> (84v-5)

¹⁵ As ocorrências foram: <desejad<a>s> (11r-31); <desejar> (63r-8); <desentendemos> (58r-25); <deseredado> (15v-14); <desigual> (42v-21); <desonra> (14r-26; 22r-20; 26v-27; 36r-20; 49r-15; 76r-6); <desonradas> (58v-10) (2 ocorrências, trecho repetido); <desonrad<a>s> (58v-10); <desonrado> (76r-4); <desonras> (26v-6; 34v-13; 36r-20; 36v-4; 49r-15; 51r-25; 53v-14; 55v-15; 58r-24; 58v-9; 60v-28; 66v-2; 67v-23; 81v-9); <desonr<a>s> (74v-31; 77v-3); <desuβelde(z)as> (70v-11). Kohring (1991, p.108) aponta a presença do *álef* nesse contexto, também nas aljamiadas em judeu-espanhol.

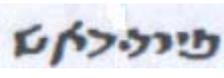
Foram encontradas algumas ocorrências de dois *vavs* em início de vocábulo¹⁶. Também foram encontradas três ocorrências de *vav* que foi representado por <u>, mesmo não estando antecedido por *álef* silencioso (o que é indicado em nota de rodapé): <causa> (1r-11); <causara> (6r-20; 7v-1). Esses vocábulos assemelham-se, nesse aspecto, às formas encontradas por Maia (1997, p. 425) na Galícia. No entanto, tal fenômeno grafemático não se encontra representado na CGE, levando a transcrever estes vocábulos com <u>.

A possibilidade de o *vav* ser empregado tanto para representar <u> quanto <o> é um grande problema da vocalização linear. Como afirma Kohring (1991, p.8), “o processo de vocalização linear nada mais oferece do que uma indicação para a vogal longa correspondente.” Um leitor que não conheça o vocábulo específico com *vav*, não tem pistas grafemáticas que indiquem se se deve entender o *vav* como <o> ou <u>.

Assim, em relação à aljâmia, é difícil de se fazer qualquer afirmação categórica em relação a esse aspecto: há que se conhecer a palavra, o que não era um problema para um usuário nativo do português do texto, mas o é para os usuários do português do século XXI.

2.3.1.4 *Yud* simples

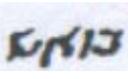
Yud simples apresenta o mesmo problema do *vav*, conforme a seção anterior: nos textos aljamiados, pode ser transcrito tanto como <i> quanto como <e> (BUNIS, 1975, p.5, KOHRING, 1991, p.8, MINERVINI, 1992, p.15). O leitor necessita conhecer o vocábulo.

Exemplo: CGE *perdidias* (81-32d) → <perdidias>  (52r-7)

2.3.2 Grafemas que representam consoantes

2.3.2.1 *Bet*

No *De Magia*, *bet* será sempre representado por . Exemplo:

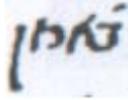
CGE *boas* (8-6d) → DM  <boas> (52r-10)

¹⁶ As ocorrências foram: <vontade> (2v-5; 2v-10; 75r-29; 77v-16); <voan> (2v-27); <desvontarados> (9v-29); <voontade> (12v-13); <voluntayr<a>s> (12v-19); <vosalos> (52r-10); <vodas> (52r-12); <avoreença> (60r-18); <(voy)> (79v-18); <voazamento> (80v-9); <vuazios> (9v-29).

Bet, *bet* com diacrítico (*vet*) e *vav* serão estudados detalhadamente no Capítulo 4.

2.3.2.2 *Vet* (*Bet* com diacrítico)

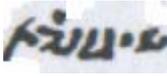
No *De Magia*, *bet* com um diacrítico sobreposto, que pode ser um risco ou um ponto, será sempre representado por <β>. Exemplo:

CGE varon (197-78b) → DM  <βaron> (51v-18)

2.3.2.3 *Guímel*

Guímel será transcrito de duas formas diferentes:

- <g> diante de <a> (*álef*), <o, u> (*vav* vocálico) e <r> (*resh*)

Exemplo: CGE *segunda* (3-2b) → DM  <segunda> (69v-4)

- <gu> diante de <e, i> (*yud* simples)

Exemplo: CGE *guerras* (4-3c) → DM  <guerras> (62r-29)

Ao contrário dos textos não aljamiados em português, o grafema *vav*, no *De Magia*, sempre tem representação no plano fonológico, não sendo um grafema vazio, como em palavras como *preguiça* e *cheguem* (CGE, 1-1^a). Isso porque o fonema /g/ é sempre representado por um único grafema, *guímel*, e nunca um dígrafo, como é o caso do português, tanto medieval quanto moderno, em que pode ser empregado *gu* diante de *e* e *i* (MAIA, 1997, p.437)¹⁷. Porém, para não causar estranhamento ao leitor do português, já habituado com o uso de *g* diante de *a*, *o*, *u* e *gu* diante de *e*, *i*, decidiu-se pela mesma regra para a transcrição do *De Magia* (Atente-se para a ausência do *vav* depois de *guímel* nos exemplos da aljamia).

Foram encontrados, contudo, alguns casos em que o <u> não “deveria” existir, podendo se tratar de um fenômeno de ultracorreção gráfica¹⁸: <guados> (22v-12); <preguamentos> (68r-17); <guançar> (15v-14) e todos os seus derivados (<guanço> (44r-4),

¹⁷ Não há diferença no caso de /k/: é sempre representado por um único grafema, *kuf*, e nunca por um dígrafo como *qu* diante de *e* e *i* (Ver seção 2.3.2.20 referente ao *kuf*.)

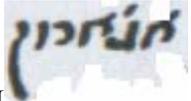
¹⁸ Fenômeno semelhante foi verificado por Maia (1986, p.437) nos documentos em galego-português por ela estudados.

<guançoso> (59v-5), etc); <guanhar> (12v-17, etc) e todos os seus derivados (<guanhadores> (79r-24); <guanhado> (80v-6), etc.)

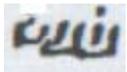
2.3.2.4 *Guímel* com diacrítico

No *De Magia*, o grafema *guímel* com diacrítico será transcrito de três modos, tendo-se como parâmetro de transcrição a CGE:

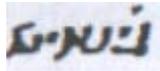
- <ch>

Exemplo: CGE *acharon* (1-1^a) → DM  <acharon> (9r-20)

- <j> diante de <a, o, u> (*álef* e *vav* vocálico)

Exemplo: CGE *jogos* (7-6c) → DM  <jogos> (6v-5)

- <g> diante de <e, i> (yud simples)

Exemplo: CGE *gentes* (22-13b) → DM  <gentes> (52r-9)

Em relação a estes grafemas, o sistema da aljâmia é bastante opaco, por apresentar três possibilidades de transcrição para um único grafema¹⁹.

2.3.2.5 *Dálet*

O grafema *dálet* será sempre transcrito como <d>. Exemplo:

CGE *de* (1-1^a) → DM  <de> (31r-9)

¹⁹ O problema é típico de toda aljâmia, ou melhor, de qualquer sistema de escrita. Kohring (1991, p.121) afirma, em relação ao *guímel* com diacrítico do judeu-espanhol, que “é impossível saber (...) se ‘*ḡ*’ deve ser lido como [ʧ] ou [dʒ], sendo a questão ainda mais complicada em textos mais antigos, nos quais ‘*ḡ*’ representa também o som [ʒ]”.

2.3.2.6 *Dálet* com diacrítico

Dálet aparece também com um traço transversal para a direita ou um ponto acima dele. Ele será transcrito como <ḏ>. Exemplo:

CGE *desave~tuira* (422-173^a) → DM  <desaventuras> (70r-4)

De um modo geral, os vocábulos em que o *dálet* aparece com um diacrítico sobreposto também existem no texto sem a presença do diacrítico.

2.3.2.7 *Vav* consonantal

Vav consonantal no *De Magia* será sempre representado por <v>. Grafematicamente, não apresenta nenhuma diferença em relação ao vocálico. Entretanto, distingui-los é muito simples em início de palavra: o *vav* vocálico, nesse contexto, sempre vem antecedido por um *álef* silencioso, ao contrário do consonantal. Exemplo:

CGE *vencer* (7-6c) → DM  <vencer> (51v-24)

2.3.2.8 *Zain*

Zain será transcrito como <z>. Exemplo:

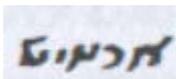
CGE *razon* (251-96^a) → DM  <razon> (5r-12)

2.3.2.9 *Het* com diacrítico

O grafema *het* ocorre no texto apenas duas vezes, com um ponto sobreposto, ambas representando o número oito (21r-17 e 21r-26). Assim, sua transcrição será <8>.

2.3.2.10 *Tet*

Tet será transcrito como <t>. Exemplo:

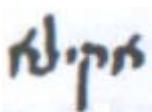
CGE *artes* (1-1b) → DM  <artes> (51v-28)

2.3.2.11 *Kaf* com diacrítico

O grafema *kaf* ocorre no texto sempre com um ponto sobreposto, representando o numeral dois que inicia os números de 20 a 29 (ver exemplo na seção dos numerais 1.6.2.4). Assim, sua transcrição será sempre <2>.

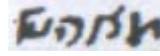
2.3.2.12 *Lámed*

Lámed será sempre transcrito como <l> (quando não for seguido por *yud* duplo; ver seção 2.5.2). Exemplo:

CGE *aquela* (3-2b) → DM  <aquela> (33r-2)

2.3.2.13 *Mem*

Mem será sempre representado por <m>. Exemplo:

CGE *mares* (3-2c) → DM  <mares> (51v-3)

O texto não apresentou nenhum vocábulo terminado em <m>, inexistindo, conseqüentemente, o *mem* na sua forma final.

2.3.2.14 *Nun* e *nun* final

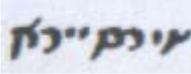
Nun apresenta-se sob duas formas: , geralmente no início e no meio dos vocábulos e , geralmente no final de vocábulos. *nun* foi o único grafema que apresentou o alógrafo de final de vocábulo. Não será indicado, na transcrição, se se trata de *nun* comum ou final, ambos serão representados por <n>.

Exemplo: CGE *non* (1-1a) → DM  <non> (69v-4)

2.3.2.15 Samech

Samech será sempre transcrito de duas formas:

- <c>, diante de <y>, <i> e <e> (*yud* duplo e simples). Exemplo:

CGE *terceira* (11-8b) → DM  <terceyra> (9r-1)

- <ç>, nos demais contextos, inclusive em final absoluto de sílaba ou vocábulo. Exemplo:

CGE *força* (3-2c) → DM  <força> (5r-23)

2.3.2.16 Ain

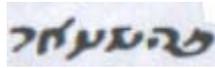
O grafema *ain* foi encontrado apenas uma vez, tendo sido transcrito como *álef*, isto é,

<a>, iniciando o nome próprio <ali ab<e>n ravdan>: <ali>  (21v-9).

Bunis (1975, p.9) afirma, em relação ao judeu-espanhol, que o *ain* é empregado apenas em vocábulos de origem hebraico-aramaica ou em empréstimos do árabe e do turco, o que justifica a única ocorrência no *De Magia*. Usualmente sem representação fônica em hebraico moderno, é primariamente um som gutural. Minervini (1992, p.26), nos 26 textos aljamiados (judeu-espanhol²⁰ em caracteres hebraicos) estudados, encontrou uma única ocorrência de *ain* no vocábulo *al'[a]nb[a]r*, transcrito pela autora como <^>.

2.3.2.17 Pei

Pei será transcrito como <p>. Exemplo:

CGE *prestar* (162-61c) → DM  <prestar> (51v-22)

No entanto, há vocábulos em que, no ponto em que se esperava um *pei*, há um *fei* (*pei* com diacrítico, ver próxima seção). Ele será transcrito como <(p)>, sem indicação em nota de que se trata de um *fei*.

²⁰ “varietà linguistiche parlate dagli Ebrei durante il medioevo in Castiglia e Aragona” (p. 9). (Tradução nossa: “variedade lingüística falada pelos judeus durante a Idade Média em Castela e Aragão.”)

2.3.2.18 *Pei* com diacrítico (*Fei*)



Fei, transcrito como <f>, aparece, geralmente, com um diacrítico sobreposto, que pode ser tanto um traço transversal quanto um ponto. Não é incomum o diacrítico encontrar-se sobre a letra seguinte ao *fei*, o que não será indicado na transcrição. Exemplo:

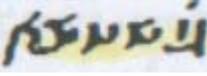
CGE *for* (193-76b) → DM  <for> (31r-20)

No entanto, há vocábulos em que, no lugar em que se esperava um *fei*, há um *pei*. Em outros termos, a letra aparece sem diacrítico sobrescrito. Todos os vocábulos que aparecem com *fei* sem diacrítico também apresentaram ocorrência(s) de *fei* com diacrítico, o que justifica a decisão de transcrever *fei* sem diacrítico como <(f)>. Os parênteses, em todo caso, representam leitura duvidosa ou letra mal-traçada, estando conforme as normas (seção 3.2).

2.3.2.19 *Tsadik*



Grafema de baixíssima frequência, cuja transcrição é <Ç>. As dez ocorrências foram: <eÇtorlab> (14v-20; 15r-3); <justiÇas> (58r-11) e <justiÇa> (29v-2; 31r-26; 44v-21; 54v-8; 57v-18; 58v-17; 61v-29)

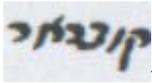
Exemplo: CGE *justiça* (10-8^a) → DM  <justiÇa> (31r-26)

2.3.2.20 *Kuf*

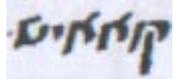


O *kuf* feito pelo copista do texto principal do *De Magia* será transcrito de três maneiras:

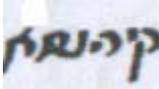
- <c> diante de <a, o, u, r, c> (*álef*, *vav* vocálico, *resh* e *samech*). Exemplo:

CGE *cobrar* (1-2^a) → DM  <cobrar> (61v-31)

- <q> diante da seqüência <ua>, em que estes dois os grafemas constam do texto aljamiado original. Exemplo:

CGE *quaaes* (1-1b) → DM  <quaaes> (52r-7)

- <qu> diante de <e, i> (*yud* simples), em que o grafema <u> não consta do texto aljamiado original. Exemplo:

CGE *querença* (186-71d) → DM  <querencia> (37v-9)

Kuf representa o fonema /k/. Este é sempre representado por esse único grafema e nunca um dígrafo, como é o caso do português, tanto medieval quanto moderno, em que se emprega *qu* diante de *e* e *i*. Mais uma vez, para diminuir o o estranhamento que poderia ser sentido pelo leitor, optou-se pela transcrição <qu> diante de <e, i>.

2.3.2.21 *Resh*

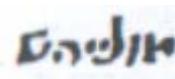
Resh aparece apenas sob a forma simples, não tendo sido encontrado nenhum caso de geminação gráfica²¹. Na grafia hebraica, nunca ocorre a geminação do *resh*. Assim, o escriba do *De Magia* estaria seguindo a tradição hebraica. *Resh* será transcrito apenas por <r>. Exemplo:

CGE *mares* (3-2c) → DM  <mares> (51v-31)

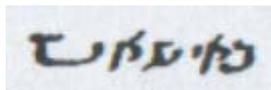
2.3.2.22 *Sin*

Sin, que nunca aparece geminado, será transcrito de duas maneiras, de acordo com a grafia encontrada na CGE:

- <s>. Exemplo:

CGE *molheres* (2-2^a) → DM  <molheres> (52r-3)

- <x>. Exemplo:

CGE *baixas* (420-172a) → DM  <baixas> (8v-25)

²¹ Também nas aljamas em judeu-espanhol, *resh* é sempre grafado em sua forma simples (KOHRING, 1991, p.128). Apenas no século XX é que se encontrará a grafia רר.

2.4 *ÁLEF E LÁMED EM NEXO*

Segundo Lambert (1946, p.8), este é o único nexa encontrado no hebraico da Idade Média²². O nexa acima será transcrito como <al>, da mesma maneira que se transcreve *álef* seguido de *lámed*, não havendo especificação em nota de rodapé: verificou-se que não há diferenças de uso entre eles. Em um mesmo contexto, o copista utiliza tanto um grafema quanto outro, mas preferencialmente o nexa. O <a> do nexa pode fazer ou não parte da mesma sílaba que <l>. Exemplo:

CGE *alegrias* (11-9a) → DM  <alegrias> (52r-13)

2.5 DÍGRAFOS E TRÍGRAFOS

2.5.1 *Yud duplo*

O *yud* duplo é um dígrafo bastante problemático, pois pode ser transcrito de quatro modos: <y, ey, ye, ee>, sempre de acordo com a forma mais freqüente encontrada na CGE. Nos casos de <ey> e <ye>, a vogal *e* não é representada graficamente no texto aljamiado. Por essa razão, nesses contextos, aparecerá sempre em itálico>.

Exemplos:

- *yud* transcrito como <ey>:

CGE *feyto* (5-4c) → DM  <feyto> (31r-27)

- *yud* transcrito como <y>:

CGE *rey* (1-1d) → DM  <rey> (8v-1)

Yud duplo transcrito como <ee> é muito pouco freqüente, aparecendo apenas nos seguintes vocábulos:

²² Bernheimer (1924, p.92-95) indica outros nexos de menor freqüência.

<deeron> (9r-7, 8 (2), 9)

<baldameento> (26v-7)

<queer> (48r-28)

<meetade> (48v-11)

<dee> (82v-21)

Para que o leitor saiba que se trata de um *yud* duplo, não confundindo com a seqüência *yud* simples + *álef* + *yud* simples, será indicado em nota de rodapé.

Em geral, não há *álef* silencioso entre o *yud* duplo e o *vav* ou o *álef* que o precede ou que vem depois dele. Os casos que não seguirem a tendência geral, serão indicados em nota de rodapé.

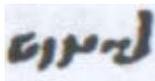
Por outro lado, há sempre um *álef* silencioso entre o *yud* duplo e o *yud* simples, entre o *yud* duplo e outro *yud* duplo e entre o *yud* simples e o *yud* duplo. Evita-se, dessa forma, a seqüência de três ou quatro *yuds* seguidos: “on évite d’accumuler le ך [yud] dans un même mot [...]; on ne met pas à la suite [...] deux ך”²³ (LAMBERT, 1946, p.17).

Nos casos em que um *yud* duplo fizer parte de um encontro vocálico com *álef* ou *vav*, geralmente não haverá *álef* silencioso entre eles. Sempre haverá um *álef* entre o grafema *yud* simples e o dígrafo *yud* duplo, para evitar a seqüência de três *yuds*.

2.5.2 *Lámed* seguido de *yud* duplo



Trígrafo também problemático, por apresentar seis possíveis transcrições - <lh, lhe, lhi, lhei, ly, ley> -, com a possibilidade de <i, e, y> não serem grafados. Há que saber o vocábulo porque não há pistas grafemáticas que ajudem o leitor a decidir pelas várias possibilidades de interpretação do trígrafo. Exemplo:

CGE *leitos* (371-144^a) → DM  <leytos> (31r-4)

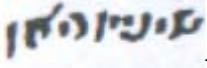
2.5.3 *Nun* seguido de duplo



Nun seguido imediatamente por *yud* duplo é um trígrafo polivalente como o *lámed* seguido de *yud* duplo. Suas representações grafemáticas na transliteração são <nh, nhe, ney,

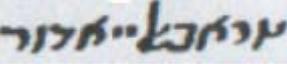
²³ Tradução nossa: [Em hebraico,] “evita-se acumular o *yud* em uma mesma palavra; não se coloca seguidamente dois *yuds*.”

nhei, ny>. Mais uma vez, não há qualquer tipo de pista grafemática para auxiliar o leitor na decodificação do vocábulo, sendo a CGE o guia para reconstruir o vocábulo.

Exemplo: CGE *senhorio* (6-5c) → DM  <senhorio> (52r-9)

2.5.4 *Álef e lámed em nexos seguidos de yud duplo*

A seqüência de grafemas composta de *álef* e *lámed* em nexos (ver seção 2.4) seguidos de *yud* duplo, será transcrita de três maneiras: <alh, alhe, alhei>. Exemplo:

CGE *trabalhador* (691-190v) → DM  <trabalhador> (7r-30)

Não haverá diferenciação entre a transcrição deste trígrafo e *álef* seguido de *lámed* e *yud* duplo, já que não há diferenças de uso entre eles.

3 EDIÇÃO DO *DE MAGIA*

3.1 A ESCOLHA DO TIPO DE EDIÇÃO

A Crítica Textual reconstitui um texto e esclarece aspectos relevantes à sua tradição manuscrita e impressa, direta e indireta, e à sua escrita, tendo em vista a busca da sua genuidade. Assim, levam-se em conta questões como autoria, datação, autenticidade e linguagem do texto. O uso de disciplinas auxiliares como a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia para bem explicar um texto é imprescindível (SPINA, 1977, p.75-76).

Conforme Cambraia (2005, 91-107), de acordo com a forma de estabelecimento do texto, as edições podem ser:

(1) *Monotestemunhais*

(1a) *Fac-similar*: reprodução do texto com grau zero de mediação por parte do editor crítico, feita por procedimentos mecânicos (fotografia, fototipia, xerografia). Apesar de reproduzir o texto com muita fidelidade, exige, em geral, interpretação paleográfica.

(1b) *Diplomática*: reprodução tipográfica do texto, com baixo grau de mediação feita pelo crítico textual, sem alteração na grafia, nas abreviações, nas ligaduras e nem mesmo nos erros. Implica em uma interpretação do texto nas suas características paleográficas.

(1c) *Paleográfica* (ou *semidiplomática* ou *diplomático-interpretativa*): interpretação do original, eliminando as dificuldades paleográficas. Há divisão das palavras, desdobramento das abreviaturas e mesmo pontuação. Há um grau médio de mediação pelo crítico textual: são realizadas mudanças que tornam o texto mais acessível para um público sem condições de decodificar certas características originais.

(1d) *Interpretativa*: além das operações desenvolvidas na edição paleográfica, o texto sofre uniformização gráfica e o editor intervém com grau máximo de mediação admissível, na tentativa de aproximar o texto da sua forma genuína.

(2) *Politestemunhais*

(2a) *crítica*: reprodução com o objetivo de alcançar, com a maior fidelidade possível, a última forma desejada pelo seu autor, estabelecida segundo as leis e as normas da Crítica Textual. Há um confronto de mais de um testemunho, em geral apógrafos. É o mais complexo e completo tipo de edição.

(2b) *Genética*: comparação entre mais de um testemunho, geralmente autógrafos e/ou idiógrafos. O objetivo é registrar todas as diferenças entre as redações de um texto e a sua forma final, dada pelo autor.

Além do estudo fônico e grafemático do texto, o outro ponto de chegada desta pesquisa é uma edição cujo público-alvo é o lingüista diacronista desconhecedor dos caracteres hebraicos, que deseja ter condições de estudar o *De Magia*. Por essa razão, decidiu-se por uma edição paleográfica conservadora.

A edição paleográfica tem como vantagem respeitar ao máximo as características do original, mas com pequenas intervenções – como o desenvolvimento de abreviaturas, sempre assinaladas, com o objetivo de ampliar o espectro de possíveis leitores do texto. Em razão de suas características, a edição paleográfica contempla um público-leitor mais amplo do que a edição mecânica ou a diplomática atingiria: enquanto estas parecem ter como público fundamental os paleógrafos e filólogos (estudiosos capazes de lidar com a complexa questão da escrita e das abreviaturas), aquela também permite ter acesso ao texto os lingüistas, que, como outros interessados, não estão habituados a lidar com questões paleográficas e codicológicas (CAMBRAIA, 2000, p.149).

3.2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO ADOTADAS

- 1) A transcrição será conservadora.
- 2) A escrita será da esquerda para a direita, ao contrário do original.
- 3) O critério para recomposição do sistema gráfico de vocábulos será conforme o texto da *Crónica Geral de Espanha*. Caso o vocábulo não se encontre na CGE, serão utilizados o *Vocabulário do Português Medieval* (VPM), Cunha (2001) e Houaiss; Villar; Franco (2001), nessa ordem. Os dicionários de espanhol da RAE e o de Moliner (1984) também foram consultados, no caso de vocábulos em espanhol.
- 4) Caracteres alfabéticos:
 - 4.1) Não serão utilizadas letras maiúsculas, porque no original a capitalização inexistente.
 - 4.2) Não haverá indicação de alongamento ou diminuição do tamanho de letras, recursos comuns no final das linhas, para que a linha chegue até a mancha.
 - 4.3) Transcrição dos encontros vocálicos:
 - Quando ʿæ for transcrito como <ae> ou <ai>, haverá indicação em nota (em geral, é transcrito como <aae>).

- Quando os vocábulos <ainda, mais, sair> apresentarem a seqüência ם, haverá indicação em nota (em geral, a seqüência é םם).
- Quando <au> e <ao> forem a representação de ן, haverá indicação em nota (em geral, são a representação de ןן).
- Quando <ao, cercao> estiverem com *álef* silencioso, haverá indicação em nota (em geral, são mais freqüentes sem *álef* silencioso).
- A seqüência םם será transcrita como <eaa> ou <iaa> apenas nos contextos de terminações do tipo <-eaaes, -iaaes, -eaaos>.
- Quando <ia> for a representação de ם, haverá indicação em nota (em geral, é a representação de םם).
- Quando <ai> for a representação de ם, haverá indicação em nota (em geral, é a representação de םם).
- Quando <ee> for a representação de ם, haverá indicação em nota (em geral, é a representação de םם).
- Quando <oi> e <oe> forem a representação de ם, haverá indicação em nota (em geral, são a representação de םם).
- Quando <io> for a representação de ם, haverá indicação em nota (em geral, é a representação de םם).

4.4) Grafemas que se encontram em final de linha para indicar o primeiro grafema da linha seguinte serão transcritos, mas não serão indicadas as eventuais alterações neles ocorridas (caudas, diacríticos sobrepostos, alongamento, etc). No entanto, quando este grafema for um *álef* silencioso, ele será apenas indicado em nota de rodapé.

4.5) Quando o *álef* silencioso estiver manchado ou mal traçado, mas identificável, não haverá indicação do problema, já que, pela própria forma arredondada do *álef*, o fato tende a ser muito comum.

5) Acentuação: as palavras não serão acentuadas, já que no original há ausência de acentos.

6) Diacríticos:

6.1) Quando os diacríticos de *guímel*, *fei* e *vet* aparecerem em letra posterior a eles, não haverá indicação do fato.

6.2) Freqüentemente, em um número composto por dois numerais, os dois pontos recaem sobre o segundo numeral, mas não haverá indicação desse fato na edição.

6.3) O grafema que for transcrito como *fei* que não apresentar diacrítico no original será apresentado na edição entre parênteses, já que se trata de uma conjectura.

6.4) O grafema que for transcrito como *pei* que apresentar diacrítico será apresentado na edição entre parênteses, já que se trata de uma conjectura.

7) Pontuação:

7.1) Os sinais de pontuação presentes no manuscrito serão transcritos.

7.2) Haverá um espaço separando o sinal de pontuação dos vocábulos que o circundam, mesmo que isso não ocorra no original.

8) Separação vocabular:

8.1) Os vocábulos conglomerados e os elementos separados de um só vocábulo serão mantidos.

8.2) Os espaços intervalares entre os vocábulos, maiores ou menores do que o padrão, não serão indicados.

9) As palavras grifadas no original não estarão grifadas na edição. No entanto, haverá indicação em nota de rodapé.

10) Os pontos que aparecem antecedendo o reclamo não serão indicados. O reclamo aparece geralmente a uns 20 mm do final da mancha do texto, podendo haver variação de alguns milímetros. Na transcrição, no entanto, será colocado logo em seguida à mancha, sem espaçamento.

11) Quando um encontro vocálico for partido pelo final da linha, não será indicado na transcrição em que linha o *álef* silencioso se encontra, caso ele exista.

12) Quando se indicar em nota de rodapé sobre qualquer signo ou anotação “de traço (mais) fino”, o ponto de referência é o traço dos grafemas do texto principal.

13) Quando a correção de vocábulo ou grafema for feita através de pontos ou traços acima ou abaixo deles, haverá o uso de {{ }} no corpo da edição, mas também indicação em nota de rodapé. Caso o vocábulo também tenha sido riscado, apenas se fará o uso de {{ }}.

14) Eventuais erros do copista serão mantidos; caso contrário, haverá indicação da correção em nota.

15) Linhas:

15.1) A divisão das linhas do documento original será preservada. No caso de linha totalmente em branco ou apagada, esta não será mantida, mas será indicada em nota de rodapé.

15.2) Não haverá indicação de linhas que terminem antes de se alcançar o final da mancha.

15.3) A linha do original que não couber na linha da transcrição será condensada.

16) Fólios:

16.1) A divisão dos fólios do documento original será preservada.

16.2) No *recto* de todos os fólios, à esquerda da margem de cabeça, foi escrito um vocábulo em caracteres latinos e tinta marrom claro. Quando esse vocábulo não tiver sido cortado pela encadernação, ele será indicado na nota de rodapé (cf. seção 1.6.2.11).

17) A numeração dos fólios aparecerá na margem de cabeça entre colchetes e em itálico, com a indicação da face.

18) As linhas serão numeradas de 5 em 5, página por página, para facilitar a localização de palavras e passagens às linhas. Essa numeração será encontrada à esquerda da mancha.

19) Os recursos especiais utilizados serão os seguintes:

Quadro 10 - Recursos utilizados para a transcrição

Recurso	Valor
[[]]	supressão homeotelêutica: repetições a serem desconsideradas
< >	inserção por conjectura
<{ }>	texto na margem: letras ou palavras escritas fora da mancha pelo próprio copista
()	leitura duvidosa, letra mal-traçada
[.]	trecho ilegível (número de pontos = número estimado de letras)
{{ }}	texto riscado e/ou corrigido pelo próprio copista
VERSALETE	letras de 4 mm de altura
<< >>	texto na entrelinha: letras e palavras sobrescritas ou subscritas pelo próprio copista

3.3 TEXTO DA EDIÇÃO PALEOGRÁFICA

Na versão digitalizada, tem-se apenas parte da edição paleográfica, correspondente aos 5 primeiros fólios do manuscrito transcrito. O trecho referente às páginas 98 a 255 foi suprimido, encontrando-se a edição completa na versão impressa desta tese.

AVENDO VISTO P<A>RTIDA dos libros dos sabedores que trotan¹
 enos juizos dos adebdamentos² que
 adebdan as pranteas³ e as outras estrelas fisas sobre os
 omees e sobre os tenperoes e das cous<a>s enque se poden os omees
 5 aprobeytar da astrologia⁴ per razon que eu non falhei uun libro
 que nenhun dos <<o>>utros que trotasen⁵ conprida mente sobre todas as⁶
 u(ni)bersidades das in(f)ulaicias que comprenden sobre todas estas
 cous<a>s · acomecei de conpoer este libro dos ditos dos outros
 e das cous<a>s que eu sobe e prob(e)y por razon e por proba de (f)eyto en
 10 todos os juizos unibersaaes de aquesta ci<<a>>nça e conhecendo e c
 crey<<e>>ndo que e deus uun verdadeyro · e causa⁷ primeyra e que el[.]
 pos virtudes naturaes en<a>s pranet<a>s e en<a>s outras estrelas
 (f)isas⁸ virtudes obradeyras enos alimentos e en todas cousas
 criadas e conpostas delas · e outro se que pos virtudes n<a>turaaes
 15 enos alimentos e en<a>s cous<a>s criad<a>s delas pera receber as in(f)rule
 ncias das pranetas e das outras (e)strelas e que pos virtudes
 obradores de suas calidades dos alimentos que obran os uus enos
 outros · e que pos virtudes obradores enos alimentos que obran en<a>s
 cous<a>s conpostas delas e outro se creendo que e en (s)u podere ode
 20 (f)azer milagres quando el por been tener (f)ora⁹ das razoes de toda es¹⁰
 tas cousas · e asi se segue que deu¹¹ fez cous<a>s enque os omees
 podesen saber e entender algo de seus ordenamentos e dos seus po¹²
 derios segundo natura · e que retebe en si poderios escondudos de nos
 p{{o}}<<e>>ra¹³ fazer obras de milagres fora de todas as razoes que os
 25 omees podesen alc<a>nçar por seus sentidos nen enos entendimento<<s>>
 deles caber · e en(p)ero por que os omees avemos almas¹⁴ da razon
 e po<<e>>r petuas do que non an as <<o>>utras animalias devemos nos tr<a>balhar
 por entender n<a>s obr<a>s da natura quanto nos ma<<i>>s p(ode)remos por
 razon umanal¹⁵ por as cous<a>s que alcançan os cinco sisos que son
 30 enos omees segundo a graça que de deus nos for enbiada e con
 esto saberemos algo¹⁶ das obras de deus e faremos (on)r<a>s almaas¹⁷

¹ No final da linha, há um *álef* silencioso com um traço horizontal sobreposto. Na margem de cabeça, encontra-se escrito em letra humanística cursiva: <Joannes Dee 1562 Louanij emit. / Januarij ·8>. <J> e <L> foram cortados no topo no momento da encadernação. Apenas neste fôlio, à direita do número <1> escrito à esquerda da margem de cabeça, há um signo semelhante a um H maiúsculo, com um círculo entre as suas hastes verticais inferiores.

² <juizos dos adebdamentos> encontra-se grifado com tinta preta e traço fino.

³ O contexto demanda *pranetas*.

⁴ Há uma rasura abaixo do *tet*.

⁵ Há um traço horizontal acima do *resh*.

⁶ No final da linha, há um *álef* silencioso com um traço horizontal acima dele.

⁷ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *vav*.

⁸ Há um ponto forte acima do *pei*, que parece ter sido riscado diagonalmente para a direita (traço fino).

⁹ Há um traço horizontal acima do *pei* e do *vav*.

¹⁰ Está grafado <=> logo após o *sin*, fora da mancha.

¹¹ Após o *vav*, há um *sin* sobrescrito, cuja mão pode não ser a mesma que a do texto principal.

¹² Está grafado <=> logo após o *vav*, fora da mancha.

¹³ Há um ponto acima e outro abaixo do *vav*.

¹⁴ <a>, um nexa, encontra-se grifado com traço fino.

¹⁵ <a>, um nexa, encontra-se grifado com traço fino.

¹⁶ <a>, um nexa, encontra-se grifado com traço fino.

¹⁷ Na margem de pé, encontra-se escrito em letra humanística redonda: <Liber Guilielmi Laud Archiepi Cantuãr: / et Cancellarij Vniuersitatis Oxõn: / 1633>

[fól. 1v]

cerca as dos angios que saben alguas cous<a>s das obras de deus e as
 obras da natura poderl(a)s emos entender por as estrelas que vemos
 que an colores divers<a>s e cursos diversos e alturas diversas e por o que
 veemos que as pranet<a>s an conjunções diversas ou espeytos diver
 5 sos segundo jom<e>triã que obran demudamento enos tenpor<<a>>es e eno ayre
 enque se demudan os estabelicimentos e os estados dos omees
 sinalada mente que por o curso do sol soo avemos veraaos e inße<r>nos
 e estios e autonomos e avemos os frutos da tera en tenpos s
 10 sabudos e os dias grandes e pequenos en tenpos sabudos e a
 friura e a caentura en tenpos sabudos · e enos dias pequenos ave
 mos a (f)riura por que mora o sol pocas or<a>s sobre tera · e enos dias
 grandes avemos a caentura por que mora o sol muyt<a>s oras sobre tera¹⁸
 enpero que aas vezes veemos¹⁹ enos dias grandes muy grande (f)riura e
 en os dias pequenos muy grande caentura poy[.] d(e)sto entendemos
 15 que outras son en oceo que anh<<a>>den ena caentura da luz do sol e
 que ay outr<a>s estrelas que enbargan a caentura da luz do sol · e²¹
 pera²² esto saber devemos seguir as careyras dos sabyos antigos das
 [[das]] cous<a>s que eles viron e probaron e das cous<a>s que nos vemos e
 podemos probar por vista de nosos olhos · e quero fazer este libro
 20 sete p<a>rtes ·²³ ena parte pr(im)eyra²⁴ trotarey quantos son os
 ceos e que ay estrel<a>s e as propedades dos signos · e dos termi<<os>>
 e dos grados que son ena es(f)era estrelada · e das estrelas fis²⁵
 as grandes que son ena es(f)era out<a>ba que e a es(f)era estrelada
 e as propedades das pr<a>netas e das cas<a>s e das conjunções e
 25 dos espeytos e das trasmudações e dos recebimentos e dos {{c}}
 rips{{t}}es²⁶ delas · e das partes que son s<a>çadas por elas · e das
 propedades das estrelas nobas que parecen alguas vezes e das com<e>ta<<s>>
 e das cintildações e dos arcs que parecen en da redor dos lumearas
 e sobre tera · e das propedades das crimas que son enos sitos da
 30 tera · e o que adebdan c<a>da uã planeta en cada signo <<e>> en cada c
 casa · e os juizos geeraaes e as p<a>laßras e as proßas dos
 sabios²⁷

¹⁸ Entre as linhas 12 e 22, na margem de corte, está escrito em letra gótica cursiva, em latim < · · · é mjiã dū / comodo cū / auget^o ūl / Tpedi(tú) tg / solís aba(b) / pla (ne)t [.] [.]st / cū (h)abe(at) / tā(t)a [...] / (ê) gî ata (o) / [.]s)etibilit pa[.] / abeís / · / { { [...] } } p^oma (p)>. Esta nota foi preservada no momento da encadernação, ultrapassando os limites da página.

¹⁹ Há < · · > acima do *vav*.

²⁰ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

²¹ Entre as linhas 16 e 19, na margem interior, está escrito em letra gótica cursiva, em latim < · · [.]eto / (J) · po Ramos / [.] · c / (cl)usicis / cioè(ia) / (salesti ·)>. O punho é o mesmo que o da margem de corte.

²² Há < · · > acima do *pei* e do *yud*.

²³ Há algo escrito acima de <sete partes>, que também se encontra grafado de tinta preta. Depois dos pontos, está grafado <γ>, com traço fino.

²⁴ Acima deste vocábulo, está escrito <primera>, em letra gótica cursiva, em espanhol.

²⁵ Está grafado <=> logo após o *sin*, fora da mancha.

²⁶ Em frente ao *resh*, encontra-se <(c)>, mas fora da mancha. Conjectura-se que ele pode ter sido adicionado por outra mão, já que o *kuf* não aparece no texto principal com essa forma, apenas nas margens (ver seção 2.3.2.20). Há um ponto abaixo e outro acima do possível *tet*, que se encontra riscado.

²⁷ Não há *álef* silencioso entre o *yud* simples e o *vav*. Na margem de pé, está escrito em letra gótica cursiva, em latim < radý solís f(ù)tuó solís ño mjñ(g) máifestant' q' opant' sal[.....] / caliditate sr (so) alý pla(e) p oppo[.]tū (qīū) cor[.] [.] radý luñe (n[.]f[.]nis) / [...] (rot) [.] gpat[.]je cor (effecto)>. O punho é diferente que o das demais notas. Parte da nota foi cortada no momento da encadernação.

[fól. 2r]

sabyos :²⁸ e ena parte segunda trotarey enos tenporaes dos²⁹
anos e en<a>s rebolações dos anos · e enos adebdamentos dos cri(p)ses³⁰
e das conjunções e dos ofigoções e dos outros espeytos das
pr<a>net<a>s enos tenporaes de cada tempo do ano · e das tenpestas e das
5 pr<a>netas en c<a>da ano e en c<a>da tera · e en<a>s rebolações dos reis ·
e <<e>>(n)a parte terceyra trotarey das nacenças dos omees e
das vidas e das mortes e das riquezas e d{{a}}<<o>>s³¹ estados dos mestere<<s>>
e dos o(f)ícios e das propedades deles · e das rolações que an os
uus con os outros³² e en a parte quarta trotarey enos ade
10 bdamentos das rebolações dosol sobre cada omen e das venturas
que lhes an de veer en cada tempo e os enderençamentos e dos casa³³
mentos e das gueras e das³⁴ lides o bralhas e das pa{{c}}³⁵<<z>>es e das
avenças e das gan<a>nças e das doenç<a>s e dos gozos e dos panos
e das armas e dos gados · e dos b<a>salos · e dos tenpos e que se an
15 de conprir os adebdamentos que adebdaron as pranetas en<a>s nacenç<a>s
aos omees por seus enderençamentos · e ena parte quinta
trotarey das tremudações dos reygnos e das le<<y>>s e de outros
estebelicimentos geeraaes e as pobramentos das vilas e das
estroições dest<a>s cous<a>s de das gueras (j)ereaaes e dos estiramen
20 tos e os peleganções e se eredan os (f)ilhos dos reys · o se ~
seran dese{{ree}}redados e as rebolações deles e os boos e os males
que veen en deles ·³⁶ e ena p<a>rte sesena trotarey en terogações
e enos escolhimentos das oras pera fazer as obras e as
cous<a>s fisicales e en<a>s sabedorias das cous<a>s se son verdade o<<u>>
25 mentira e o que pode seer obrado e o que se seguira das cous<a>s que
son en dubida ·³⁷ e ena parte setena trotarey p(o)ra tolher doenç<a>s
celestriaaes asi como febres e as doenç<a>s lunaticas e outra<<s>>
doenças e pera avenças de mal querenças · e pera tolher as sanhas
ernias a os poderosos e pera abonegar as compresoes dos omee<<s>>
30 e pera tolheras tenpestas do ayre e pera m<a>tar a lagosta e as
outras serpentes danosas ou (f)azer as (f)u(j)ir³⁸ do logar que quigermo<<s>>

²⁸ Logo após os dois pontos, está grafado <ḥ> com traço fino.

²⁹ Na margem interior, diante das linhas 1, 6 e 9, encontram-se escritos os algarismos arábicos <2>, 3 e 4, respectivamente.

³⁰ Na margem de corte, em frente a esta linha, há um vocábulo ininteligível em caracteres latinos, de tinta marrom claro.

³¹ Há um ponto acima e outro abaixo do *álef*.

³² Logo após este vocábulo, está grafado <ḥ> com traço fino.

³³ Há um ponto acima do *sin*.

³⁴ Há um traço acima do *álef*.

³⁵ Há um ponto acima do *samech* e outro abaixo dele.

³⁶ Logo após o ponto, está grafado <ḥ> com traço fino.

³⁷ Logo após o ponto, está grafado <ḥ> com traço fino.

³⁸ Há um traço horizontal, fino, acima dos quatro primeiros grafemas do vocábulo.

[fól. 2v]

e poys³⁹ que eu porpus de trotar das virtudes n<a>turaaes que deu<<s>>
 pos en<a>s pernet<a>s⁴⁰ e en<a>s outras estrelas conben primeyra mente
 de saber de cousa ou quaaes cous<a>s son n<a>tura · e desi⁴¹ trotarey
 das propedades ecenciales que deus pos en<a>s pr<a>netas e en<a>s austr<a><<s>>
 5 estrelas segundo as naturas delas · e non segundo vontade nen enten
 dimento que ajan elas fazanos senon tan sola mente por virtudes⁴²
 naturaaes que ay enelas as quaaes virtudes obedecen os elemen<<tos>>
 e as cous<a>s conpost<a>s deles asicomo e ob<e>dente o fero pera alegar
 se ala pedra adiam<a>nte sen que o fero nen a pedra diam<a>nte avian en
 10 temento nenhun que se as pr<a>net<a>s obrasen por vontade e non por n<a>tura
 neseçarya poys nos non poderemos seer certos de (s)eus adebdamentos
 que non saberemos se queren obrar o que nos por elas cuydamos que obr
 an por⁴³ natura⁴⁴ [...] ou se [...] non · mais⁴⁵ porque todos somos certos⁴⁶
 que obran · por natura e non por bo<<o>>ndade⁴⁷ poys acertificamos n{e}os
 15 que seus adebdamentos son necesarios⁴⁸ e que non (p)oden⁴⁹ falecer · se
 gundo a natura sabuda · salbo por os milagres de deus que son sobre
 aquestes adebdamentos naturaes · poys conbe<<e>>n que tenhamos mente<<s>>
 e entendamos as propedades e as naturas dest<a>s pranet<a>s e des
 t<a>s estrel<a>s fisas e das outras cous<a>s sobre ditas · e mai<<s>>⁵⁰
 20 conprida mente que nos pudermos que se nos non caermos en ero de parte
 das o<>ras minguadas dos nosos entendimentos certoe que non caere
 mos en ero por parte de demudamentos que acaean en<a>s sustanç<a><<s>>
 das pr<a>netas o das outr<a>s estrelas fisas · que en<a>s {{u(ç)tçn}}⁵¹
 de seus corpos non acaecen⁵² nenhuus demudamentos mais el<e>s con
 25 suas propedades n<a>turaaes e con suas conjuções e con suus es
 peytos e con suas tremudações e con seus mobimentos que se {{e velhen}}⁵³
 de uas estrelas fisas e voan a outras e con seu estar
 en cer(t)os sobre a tera eo sobre aguã demudan os alimentos e
 as cous<a>s criad<a>s del<e>s · e fazen geraçon es e coronpições n<a>turae<<s>>
 30 eneles : TODO o que e n<a>tural e en duas maneyras · a primeyra
 n<a>tura n<a>turante e aquesta n<a>tura e deus oqueda o see<<r>>
 das

³⁹ Há um *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

⁴⁰ O contexto demanda *pranetas*.

⁴¹ Há um *álef* silencioso antes do *yud* final.

⁴² Na margem de corte, em frente às linhas 6 e 9, está escrito em caracteres hebraicos, de punho diferente da do texto principal, <penso joan gil que toda voluntad era mudable i variable i nengora perpetua>. O *kuf* de <que> não é o utilizado no texto principal (ver seção 2.3.2.20). Esta nota foi preservada no momento da encadernação, ultrapassando os limites da página.

⁴³ Pode haver um *vav* antes do *pei*. Há <·> acima do *pei*.

⁴⁴ Há <·> acima do *tet*.

⁴⁵ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁴⁶ Na margem de corte, em frente à linha 13, está escrito em caracteres hebraicos, provavelmente de punho diferente da do texto principal: <n nolo so>. O primeiro vocábulo foi cortado no momento da encadernação.

⁴⁷ <<o>> pode ter sido inserido por um leitor. A tinta é mais fraca, de cor marrom claro.

⁴⁸ Não há *álef* silencioso entre o *yud* simples e o *vav*.

⁴⁹ Há um traço diagonal para a direita, fino porém forte, acima do *pei*.

⁵⁰ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁵¹ Outro punho sobrescreveu a este vocábulo <sustanç(u)as>.

⁵² Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁵³ Outro punho sobrescreveu a este vocábulo <par(ten)>.

[fól. 3r]

das⁵⁴ cous<a>s : a natura segunda e n<a>tura n<a>turada e eos ceo<<s>>
 e as estrel<a>s e as pr<a>net<a>s e os alimentos e as cous<a>s cria
 d<a>s deles · e todo o que e obrado e e n<a>tural · ou e n<a>tural segundo
 os secretos da n<a>tura n<a>turante · asi como os milagres de deus o<<u>>
 5 e n<a>tural segundo o que e mani(f)esto ena natura n<a>turada asi como a
 gerenaçon e a coronpiçon e as <<o>>utras cous<a>s que veemos en c<a>da
 dia onde non ay cousa nen obra que seja fora de natura ca ou se
 ra ena n<a>tura n<a>turante ou sera ena n<a>tura n<a>turada · e <<o>>utro se
 non ay cousa que seja contra n<a>tura n<a>turante · porque nenhum non pode
 10 dizer que ay cousa que seja contra n<a>tura { [.] } alb<<o>> ende que poden dizer
 que ay cous<a>s que son a o contrayro do que nos sabemos ena n<a>tura
 n<a>turada · mais⁵⁵ non ay cousa que seja contra a n<a>tura n<a>turante · ca
 deus o poderoso non a contrayro e se contrayro oubese non seria
 poderoso eno que el fose contreyrado el e o poderoso e todo
 15 e enel sen nenhum contr<<a>>yador · el e criador e autor e dador
 del seer todo oquee · e el crio os ceos e as estrelas eas
 pr<a>netas que nos veemos e entendemos seus moßimentos e suas
 obras por que chegamos a entender algo das cous<a>s geeraaes que
 son de veer · e el crio os alimentos enque nos veemos demudame
 20 ntos por as infulencias destes corpos celestri aas quando
 eles son en conjunções ou en espeytos certos por jometria
 e que entendemos o que a de acaecer⁵⁶ enos alimentos quando as
 pr<a>netas foren en semelhaßeis conjunções ou espeytos out
 ras vezes · esta verdadeyra sabedoria dos estrolegos que sa
 25 bemos algo en<a>s cous<a>s que son de veer sabemolo por tres razoes ·
 por quanto de irism<a>tica dos moßimentos dos ceos e das pr<a>net<a><<s>>
 a segunda por medidas de jometria das feguras dos ceos edo<<s>>
 espeytos das pr<a>net<a>s · a t<<e>>rceyra razon sabemos o por as conpre<<so>>
 es das pr<a>n(e)tas e das outras estrelas segundo as n<a>tura<<s>>
 30 de suus colores segundo que as veemos por a vista do olho e se
 gundo o probaron de (f)eyto dos sabios que son p<a>sados como que as

⁵⁴ Há um ponto acima e outro abaixo do *dálet*.

⁵⁵ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁵⁶ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

estrelas que son vermelias de color entenderon que eran caentes e
secas de n<a>tura · asi como mares e entenderon por sua color que ade
bda sobre as cous<a>s fugaaes e sobre os termios e sobre as
s<a>ngres e o que semelia a esto e acharon o asi por proba de feyto
5 e outro se entenderon os sabios que as estrelas br<a>ncas asi
como mercurio ou a lua que eran frias e que adebdan aguas e
nebes e todos achegamentos de uas cous<a>s con outr<a>s · e ou
tro se entenderan os sabyos que as estrelas amarelas de color
10 de oyro asi como o sol ou jupiter <<o>>u venus queson de n<a>tura caente⁵⁷
con umidade e que adebdan sobre os metaaes e sobre o ayre · e o
tro se entenderon os sabyos que as estrelas negras asi como
s<a>turno que son frias e secas e que adebdan sobre a tera e os
outros estercoes e as cous<a>s mort<a>s asi⁵⁸ que por est<a>s quat<<ro>>⁵⁹
15 colores p<a>saron a entender e que adebdan as pr<a>netas sobre os
alimentos e sobre as cous<<a>>s criadas d(e)les e⁶⁰ acharono asi por
proba de feyto (·) e ainda entenderon que as pr<a>netas que son de n<a>tura
de ayre e de agua que adebdan governaçom asi como jupiter ou sol
o venus e mercurio e a lua ·⁶¹ e ainda vemos o asi que todos⁶²
os animales son enos logares do ayre e da agua · e entenderon
20 que as pr<a>netas que son de n<a>tura de fogo ou de tera que adebdan corupçom
asi como s<a>turno e mares e ainda vemos o asi enos logares da
tera onde non entera ayre nen agua nen se cria e ningun animal · e
segundo esto asi eno fogo · e por taaes razoes como est<a>s
p<a>saron a entender os sabyos algo das cous<a>s que son de veer ·
25 ende digo eu que todas as cous<a>s da n<a>tura n<a>turada son apraça⁶³
d<a>s e an apra⁶⁴ çamento as uas con as outras por ua de
quatro cous<a>s ou por as duas delas ou por as tres delas o<<u>>
por todas quatro : A COUSA primeyra e propo { { [.] } } <<(r)>>çon · a⁶⁵
cousa segunda e a relaçon · a cousa terceyra
30 e conposiçon · a cousa quarta e compreson · e digo que os alimento<<s>>
e as cous<a>s criadas deles en estes apraçamentos⁶⁶ con as
estrelas⁶⁷

⁵⁷ Na margem de corte, em frente às linhas 9 e 10, está escrito em letra gótica cursiva, <ñ q q q su[.....]>.

⁵⁸ Há < ∴ > acima do *sin*.

⁵⁹ Na margem de corte, em frente às linhas 13 a 15, está escrito em letra gótica cursiva, em latim <sate d(e)bdis / noticiā ĉ (q) / (h)abet d(e) [..]ba / (fatū) (p) colona>. A nota ultrapassa o corte feito pela encadernação.

⁶⁰ Há < ∴ > entre o *yud* e o próximo vocábulo. Na margem interior, o mesmo sinal encontra-se acima do vocábulo escrito em caracteres hebraicos, <dubito>, aparentemente de punho diferente do texto original.

⁶¹ Acima do ponto medial, há três ° em forma de triângulo.

⁶² Na margem de corte, em frente às linhas 18 a 21, está escrito em letra gótica cursiva, em latim < ∴ sate d(e)bilía / p•ncipīā (sūt) / (i)sta se(q)ciā / ad gelud[.jd[.] / futura>. O punho é o mesmo da nota em frente às linhas 13 a 15 e a nota ultrapassa o corte feito pela encadernação.

⁶³ Há um fino traço vertical acima do *álef* que vem depois do *resh*.

⁶⁴ Parece haver um fino traço vertical acima do *álef* que vem depois do *resh*.

⁶⁵ Na margem de corte, a partir da linha 28 até a linha 31, há duas serpentinas, de traço fino, em seqüência.

⁶⁶ Abaixo deste vocábulo, em caracteres hebraicos e de punho diferente daquele do texto principal, está escrito <(ć)onveniencias>.

⁶⁷ Na margem de pé, à direita do reclamo, encontra-se escrito em letra gótica cursiva, em latim <(guinīcá[.]) / (ūlsigrico) / ulco[.] / pporció 2 / relació 1 / conpōicio 3 / [.]plexio 4 / ī (minio) ul (q)[.]titat(e) ul duraci(one) / ūl d(e)spusi[.] / actione / ūl pasion(e)>. O punho é o mesmo da nota em frente às linhas 13 a 15 e a nota foi preservada no momento da encadernação, ultrapassando os limites da página.

[fól. 4r]

estrelas moor mente con as pr<a>netas por que elas son mais cer⁶⁸
 caas a os alimentos moor mente a luã que e mais cercaã a
 os alimentos como vemos que as conjunções e as opogições e a
 os quartos das lunações que se demudan os temporaes e que se reno
 5 ãan ventos e chubias e nebes e yelos e solanos · e⁶⁹ asi e entendido que⁷⁰
 os alimentos an apraçamentos⁷¹ con as pr<a>net<a>s e que {{(e len)}} son obedente<<s>>
 a elas por as quatro cous<a>s ditas · e que os alimentos son recebido
 res das in(f)ulnecias das estrelas e aquelas estrel<a>s con sua<<s>>
 infulebenças son obradores enos alimentos · onde se segue que qualquer
 10 dest<a>s cous<a>s desta n<a>tura n<a>turada pode fazer ou en ela seer
 feyta demonstraçon das cous<a>s que an de veer per qualquer das quatro
 cous<a>s sobre dit<a>s por as quantias das propooes que an uas
 cous<a>s con as outr<a>s en suas conpogici {{o}}<<e>>s⁷² o en suas conpre
 soes e por as conpresoos que an en propeçoos de suas conpreso
 15 es moor mente podemos tomar demonstraçoos das cous<a>s que an
 de veer en<a>s cous<a>s desta n<a>tura n<a>turada en aquelas aquen os ali
 mentos obedecen per n<a>tura asi como e dito do fero que e mobido e so
 ntraido⁷³ per a virtude da pedra diam<a>nte e por as quatro cous<a>s
 dit<a>s en aquelas que son a cousa primeyra segundo a vista do olho
 20 e cousa terceyra sucedente a n<a>tura n<a>turante e que por ela<<s>> se
 demudan segundo n<a>tura · quero dizer os alimentos e todas as cous<a>s
 criadas deles ca por certo veemos que as in(f)ulnecias das estre<<l>><a><<s>>
 e das pr<a>net<a>s que demudan os alimentos por necesayra cousa e
 que en algo demuden as animalias que son compostas e criadas dos
 25 alimentos moor mente enos corpos dos omees por que ay en eles
 mais⁷⁴ virtudes relatibas aas virtudes das pr<a>netas que en nenhuu<<s>>
 das outras animalias e por razon que os omees son ap<a>relhado<<s>>
 pora receber demudamentos mas aginha que outr<a>s animalias por
 quaaes quer das muyt<a>s virtudes que son enos omees · ende digo que toda
 30 cousa necessarya cous<a>s leys adebdan segundo as n<a>turas del<a>s suas
 in(f)ulnecias e segundo as n<a>turas de aquil(o) que poden os omees receber

⁶⁸ Na margem de corte, a partir da linha 1 até a linha 4, há duas serpentinas em seqüência.

⁶⁹ Há < ∴ > acima do *álef*.

⁷⁰ Entre as linhas 5 e 17, está escrito na margem de corte, em caracteres hebraicos e de punho diferente daquele do texto principal: < ∴ no entendo / como tan / alongada relaço / e tan penenya / propor(ç)ion / como son antre / las cosas / alimentales / ecelentes / sean causa / del generacion / i corocion / pues en / conpañion ni / en conposicion / no çonvenen >.

⁷¹ Acima deste vocábulo, com punho diferente daquele do texto principal e em caracteres hebraicos está escrito <çonveniencias>.

⁷² Há um ponto acima e um abaixo do último *vav*.

⁷³ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁷⁴ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

[fól. 4v]

das in(f)ulnecias e ende en<a>s pernet<a>s e en<a>s outr<a>s estrel<a>s
 podemos tomar demostrações dos demudamentos que acaecen enos
 corpos conpostos dos alimentos por que as pr<a>net<a>s e as outr<a>s
 estrel<a>s causan renoßamentos e demudamentos que acaecen enos
 5 alimentos por as p<a>r cieras que an en uun por as quatro cous<a>s so<<bre>>
 dit<a>s ou por qualquer delas poys que asi e trot<<a>>rey dos ceos e das
 outr<a>s cous<a>s que perimeyro per pos :

DEZ son os ceos en que achamos virtudes · o primeyro ceo eo
 da luã · por que e o mais⁷⁵ cercao⁷⁶ a nos · o segundo ceo
 10 e o de mercurio e e sobre o ceo da luã · o terceyro ceo eo
 de venus e e sobre ceo de mercurio : o quarto ceo e o dosol e
 sobre o ceo de venus : o quinto ceo e o de mares e e sobre ceo do
 sol · o seysto ceo e o de jupiter e e sobre ceo de mares · o sete<<no>>
 ceo e o de s<a>turno e e sobre ceo de jupiter · o oytabo ceo e
 15 o da es(f)era estrel<a>da en que estan as estrel<a>s fisas e e so
 bre o ceo de s<a>turno · o nobio ceo e a es(f)era que e nomeada
 primeyra mobibel e e aque trae tod<a>s as es(f)eras dit<a>s de orien<<te>>
 ata occidente · e faze amanecer e anoytecer en<a>s sete querema<<s>>
 e ao entendimento de todos os sabyos e crara e sen estrel<a><<s>>
 20 ou con suas estrel<a>s non sus vistas e nos non podemos traut<<ar>>⁷⁷
 se non de aquil(o) que alcançamos por a vista de nosos olhos ou
 por razon n<a>tural · e o dezeno ceo e a es(f)era fisa en que son fiso<<s>>
 os ayses da es(f)era primeyra nobre en cuujo centro desta es
 (f)era dezena e fiso o centro da tera e c<a>da uun dos nobe ceos no bib
 25 les en outros ceos craros en que eles son encetrentos e os
 ceos en que ay estrel<a>s · e os ceos enque ay estrel<a>s teen o<<s>>
 aysos diversados dos aysos dos ceos en que non ay estrel<a>s · e
 os ceos en que non ay estrel<a>s os mais⁷⁸ deles moben se a o contr
 ayro que os ceos estrelados · e os ceos estrelados que an
 30 <<o>>utros ceos craros mui⁷⁹ mobibles son a es(f)era oytaba e a
 es(f)era de mercurio e a es(f)era da luã que an outros ceos cr
 craros

⁷⁵ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁷⁶ Há um *álef* silencioso entre o *álef* e o *vav*.

⁷⁷ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *vav*.

⁷⁸ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁷⁹ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

[fól. 5r]

craros que se moben deles a o contrayro que os ceos estrelados e del<e>s se moben asi como os ceos estrelados · e a es(f)era nobena e os outros ceos sen os tres que disemos todos an ceos craro<<s>> que non ay estrelas e os ceos estrelados son [...]centros enos

5 ceos craros · e a es(f)era nobia e encent<a>da do centro da tera que e eno centro da es(f)era dezena · e ena es(f)era nobia e a es(f)era oyt<a>ba estrelada outro si encentra do centro da es(f)era dezena e do centro da tera · e porque a tera e alimento muy⁸⁰ espeso e duro e derebolverse mantense cerca de en suas propias virtudes e

10 centro da es(f)era dezena afirme fisa infinida · e por que a agua e alimento mais⁸¹ cra ro que a tera e e (f)ria e umida en suas propias calidades compresionales e por razon que toda luz e caente e~ por que a agua se manteen en sua forma con a friura e se desol<<be>> con a caentura⁸² e perde sua forma e <<se>> torna en forma de ayre por⁸³

15 todas est<a>s razoes a de fugir a agua [...] o logar mas alongado de todas as luzes das estrelas fisas e o logar mais⁸⁴ alongado delas e o centro da esfera nobena asi esta a agua eno centro da es(f)era nobena porque esta igual mente alongada de todas as estrelas fisas queson ena es(f)era oyt<a>ba · e a

20 es(f)era oyt<a>ba e a nobia son encentras ena es(f)era dezena fis<<a>> e a tera esta eno centro da es(f)era dezena por que e a tera de t<<al>> propiedade que non lhe tolhe muyto a caentura⁸⁵ sua forma e⁸⁶ asi a de seer por forza encentro da agua do encentro⁸⁷ da tera · e por que a tera e a agua an os centros diversos e a tera descuberta

25 de agua de ua parte · e a tera cuberta da agua da p<a>rte que e se<<u>> {{(en)}} centro fora do centro da tera · casi a tera e a agua ambos oubesen uun centro ou cercaria a agua enos bales da tera · e se a agua chobese enos bales da tera po<<y>>s⁸⁸ a tod<a>s p<a>rtes da redondeza da tera acharan aislas descubert<a>s e seria a agua meu<<s>>⁸⁹

30 da tera e e⁹⁰ falado por certo que non e escuberto de tera mais⁹¹ de 172⁹² graaos de sua redondeza e que a agua a mayor supor(f)iiçi(o)n⁹³ que a

⁸⁰ Na margem interior, a partir da linha 8 até a linha 12, há uma serpentina. Em frente às linhas 9 e 10 está escrito em letra gótica cursiva, em latim <ñ d(e)cét' / teře>.

⁸¹ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁸² Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁸³ Na margem interior, a partir da linha 14 até a linha 17, há uma serpentina e está escrito em letra gótica cursiva, em espanhol(?) <ñ lacansa / del d(e)stu[.] (ti) / to dela tier / del (cét) de / sp(er)a d(e)lag>.

⁸⁴ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁸⁵ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁸⁶ Há três círculos distribuídos sob a forma de triângulo acima do *álef* e do *yud*.

⁸⁷ Acima deste vocábulo, está escrito em caracteres hebraicos, mas com de punho diferente daquele do texto principal, <escentaçõ>.

⁸⁸ Um dos *yud* do *yud* duplo encontra-se acima do vocábulo.

⁸⁹ Há um traço horizontal seguido de um círculo (↻) acima do vocábulo <meus>. Na margem de corte, está escrito em letra gótica cursiva <[...] lo(me)o>. O início do vocábulo foi cortado no momento da encadernação.

⁹⁰ Há um círculo seguido de um traço horizontal acima deste vocábulo.

⁹¹ Não há um *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples.

⁹² Na margem interior, em frente à esta linha e à próxima, pode haver dois vocábulos, mas estes se encontram ininteligíveis.

⁹³ Logo depois deste vocábulo, está inserido <<a>> com punho diferente daquele do texto principal. <i(o)n> foi borrado pela mão que escreveu o <<a>>.

[fól. 5v]

tera · asi entendi que o centro da agua e fora do centro da tera como
 probarey eno libro das es(f)eras e non e aqui pera que alongar en esto :⁹⁴
 E A ES(F)ERA oytaba e estrelada de muytas estrelas
 fisas que alguas parecen grandes e alg(u)as
 5 pequenas a vista do olho e alguus sabyos disseron que as grandes que
 son cercaos⁹⁵ anos e as pequen<a>s que son alongadas denos eno gordo desta
 es(f)era · e outros ouberon ou peninhon que cada estrela fisa
 e en seu ceo ap<a>rtado e que seu mobimento de cada uã e tan poco
 10 asi como son alongadas de nos toda via meus que en longos tempos non vee
 mos diversidade nenhua ou poca en elas e anos e asi como se
 toda estevesen en uun ceo e sequer seja o uun verdade ou
 outra que poco demudamento nos pode nacer dos pequenos mobimento · e⁹⁶
 esta es(f)era oytaba⁹⁷ partirona os sabios⁹⁸ en 1(3) partes igua
 15 is en suas imaginações (f)orao⁹⁹ cerco enque coren as pranetas
 e nombraron le zod(i)aco e veeron en cada uã dest<a>s doze partes
 estrelas diversas cores e ajuntandoas as uas con as outr<a><<s>>
 en cada uã dest<<a>>s doze partes fazen feuras diversas e nomeara
 acada parte segund{ {a} }<<o>>¹⁰⁰ o nome das animalias ou cous<a>s que en elas
 20 imaginaron · e tuberon mentes en suas naturas e en suas propedade<<s>>
 e acharon que aquelas feuras ce(l)<e>st<<r>>inaaes que eles imaginaron que
 avian virtude sobre as animalias que son semelhabes a aquelas (f)eguras
 onde dise tolomeu eno centilogeu · as caras deste mundo son · some
 tidas aas car<a>s celestriaaes e nomearon a est<a>s doze partes
 signos¹⁰¹ e começaram acontar des da rooda oquinçal contra parte
 25 de sentreton doze p<a>rtes iguaaes eno zodiaco e nomearon asi ayres
 tauro gemini cancer leon virgo libra escorpion sa(j)yt<a>rio c<a>picornio
 acayro picis · e probaron en estes signos propedades ap<a>rtad<a>s
 e en pelenças diversas que dividan as pr<a>net<a>s e nos uus signos que en
 os otros e probaron que eran de tres en tres como de uã natura ·
 30 asi¹⁰² · como que ayr<e>s e leon e sagitayro¹⁰³ que son caentes de natura de
 (f)ogo

⁹⁴ Há uma linha em branco após esta.

⁹⁵ Há um *álef* silencioso entre o *álef* e o *vav*.

⁹⁶ < e > encontra-se separado por um sinal semelhante a < 7 >, de traço fino.

⁹⁷ Apenas um *yud* do *yud* duplo encontra-se sobrescrito.

⁹⁸ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

⁹⁹ A seqüência é de apenas um *álef* e um *vav*.

¹⁰⁰ Há um ponto abaixo e outro acima do *álef*.

¹⁰¹ Há um traço fino em forma de cruz entre este vocábulo e o próximo.

¹⁰² Há < 7 >, feito com traço fino, antes deste vocábulo.

¹⁰³ Há um ponto acima do *resh*.

4 ESTUDO LINGÜÍSTICO: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *BET*, *VETE* E *VAV*

Antes do estudo de *bet*, *vet* e *vav* no *De Magia*, será feita uma exposição sobre o posicionamento dos autores consultados em relação aos valores fônicos de e <v> no latim e no português arcaico não-aljamiado, e em relação à evolução dos sons representados por esses grafemas. Análises às opiniões arroladas serão feitas apenas na seção 4.4.

4.1 [b] E [u] NO LATIM

4.1.1 [b]

Para Grandgent¹⁰²⁹ (1928, p.200-202), no latim vulgar, quando [b] não era intervocálico, mantinha-se regularmente inalterado. Diante de [s] ou [t], [b] se transformava em [p], apesar de se escrever regularmente : *absens* ~ *apsens*; *scribtum* ~ *scriptum*...

Especialmente no século II, <b-> e <v-> iniciais se confundiam entre si com frequência nas inscrições: *botu*, *vene*; *Baleria*, *Bictor*; *bivere*...

Depois das líquidas também havia nas transcrições certa confusão entre e <v>, sendo <v> substituído por com mais frequência do que o contrário: *salbum*, *serbus*, *solvere*... Como grande probabilidade, [v] se transformou em [b] depois de líquidas e [b] se manteve.

[b] intervocálico converteu-se em [β]:

latim [VbV] > [VβV]

A evolução parece ter começado no século I, consolidando-se no II e completando-se no III. Como também <v> representava [β], o resultado foi uma confusão na escrita, como o uso de e de <v> indistintamente: *ivvente* = *jubente*, *cabia* = *cavea*, *habe* = *ave*... Quando [β] torna-se contíguo a uma consoante seguinte, vocaliza-se em [u]: **faula*, **paraula*...

¹⁰²⁹ Faria (1957) também foi consultado, o qual nada teve a acrescentar ao estudo.

4.1.2 [u]

De acordo com Grandgent (1928, p.203-206), o grafema <v> representava, sem dúvida, originariamente [u]. No entanto, ao perder seu elemento velar, seu som se reduziu, provavelmente no princípio do Império, a [β]. Durante o Império, as inscrições redigidas em grafemas gregas apresentam <ou> ou <β> por <v>. <β> no lugar de <v> é comum a partir do século I. Daí aparece uma completa confusão entre e <v> intervocálicos: *cvrabit, ivbentvtis...* Isto resultou em uma confusão gráfica de e <v> iniciais nas inscrições: *biginti, bixit, botu...* Mais tarde, na maior parte do Império, [β] se converte em [v]:

latim [-u-] > [-β-] > [-v-]
--

O som [β] depois de líquida parece ter se convertido regularmente em [b] (romeno). Porém, em algumas partes, o som [β] ou [v] foi reestabelecido pela influência das escolas: *cerbvs, cvrbati, vervex > *verbex > berbex...* Daí provém uma incerteza na escrita e uma desigualdade dos resultados nas línguas românicas.

Lausberg (1981, p.165) confirma: a semivogal [u], num período mais antigo pronunciada arredondada, [u], era desde o séc. I d.C. [β] - fundindo-se com o resultado do -b- latino -, que evoluiu para [v]. “Assim, o latim vulgar já não conhece qualquer diferença entre -v- e -b- latinos, que se pronunciam ambos [β]” (LAUSBERG, 1981, p.191). <v> mantém-se como [u] apenas nos grupos <qu> e <gu>.

O mesmo autor afirma (p. 166) que, dependendo da região, verifica-se em latim vulgar a tendência, em início de palavra, da transformação de <v-> [β] em som oclusivo [b] (betacismo). Este fenômeno leva a uma coincidência fonológica total entre os fonemas [b] e [v], já realizada em interior de palavras pela mutação [-b-] > [-v-].

4.2 [b] E [v] NO PORTUGUÊS ARCAICO

4.2.1 [b]

[b] inicial, em geral, não sofre modificação na passagem do latim para o português, assim como as demais consoantes iniciais (LAUSBERG, 1981, p.165, GRANDGENT, 1928, p.200)¹⁰³⁰. Assim:

lat. [b-] > port. [b-]

A confusão gráfica entre [b] e [v] deveu-se à pronúncia de e <v> intervocálicos. A troca de [v] inicial por [b] se encontra no espanhol, no português do norte, em gascão, em italiano meridional e em romeno antigo. O sardo, o italiano do sul, o espanhol, o catalão e o gascão não diferenciam <b-> e <v-> em início de palavra. Essa coincidência fonológica pressupõe para o <v-> latino [β]. As áreas que apresentam a pronúncia [v] para o <v-> latino, evitando a confusão dos dois sons no começo de palavra são: centro e norte da Itália, reto-romano, franco-provençal, francês, provençal, português do sul, romeno. Exemplos do português: *bodo* < *votum*; *vaca* < *vacca*, *verde* < *vir(i)de*, *vinho* < *vinu*.

As consoantes mediais estão sujeitas a freqüentes quedas ou modificações. Em geral, as consoantes mediais surdas latinas, quando intervocálicas, sonorizam-se em português nas suas homorgânicas, e as vozeadas geralmente caem. Assim,

lat. [-p-]; [-bb-]; C[b] > port.[-b-]

O [-b-] latino também se mantém depois de consoante (exceto <r> e <l>) e no grupo <br->, depois do acento tônico (HUBER, 1986, p.101).

Em português europeu, o [-b-] derivado do [-p-] latino tende para o afrouxamento da oclusão, permanecendo, no entanto, distinto de [v], este último derivado de [-b-] e [-v-] latinos.

¹⁰³⁰ Bueno (1958) e Câmara Jr. (1976) foram consultados, sem nada a acrescentarem ao estudo.

A presença do [-b-], grafado <b->, em português justifica-se de três maneiras: ter sido a forma vernácula refeita segundo o latim; ser a palavra de introdução culta; influência do espanhol (COUTINHO, 1984, p.73 e 111).

No português arcaico e no galego-português, e <bb> são a transcrição de /b/, oclusiva bilabial vozeada (MAIA, 1986, p.431; TEYSSIER, 1997, p.32).

Para Lausberg (1981, p.189), o [-b-] latino confundiu-se na pronúncia, como fricativa, com o [-v-] latino, já muito cedo, o mais tardar no início do ano I d.C. Por isso, nas línguas românicas, [-b-] e [-v-] acabam se encontrando.

4.2.2 [v]

No galego-português, <v> podia representar os sons vocálicos /u/ e /u̥/, ou não ter qualquer equivalência no plano fonológico (MAIA, 1986, p.425). Aqui, o interesse se voltará para <v> com referência consonantal.

<v> inicial, em geral, não sofre modificação na passagem do latim para o português:

lat. [u̥-] > port. [v-]

A nova consoante /v/ inicial provém da consonatização da semivogal posterior /u/, pelo fenômeno de intensificação ou de maior tensão articulatória (MATTOS E SILVA, 1991).

No caso de [v] intervocálico, observa-se o que já foi citado na seção anterior. Em geral,

lat. [-u̥-; -f-; VbV] > lat. [-β-] > port. [-v-]

Segundo Maia (1986, p.473), no galego-português, o uso de <u> é mais freqüente do que o de <v> para representar /β/, fricativa bilabial vozeada. Já Teyssier (1997) afirma que <v, u> consonantais seriam a representação de /v/, fricativa labiodental vozeada, o que será discutido na próxima seção.

4.2.3 Evolução dos valores fônicos dos grafemas e <v> no português

De acordo com Teysier (1997)¹⁰³¹, a língua galego-portuguesa vai ser levada do norte em direção ao sul, através da Reconquista¹⁰³². Com a mudança da corte para Lisboa, essa língua se espalha pelo sul, que até então falava dialetos moçárabes. Até meados do séc. XIV, a língua comum é esse galego-português nascido no norte. Por volta de 1350, o eixo Lisboa-Coimbra passa a formar o centro do domínio da língua portuguesa. É a partir daí que o português moderno vai se constituir, de onde partirão as inovações e onde se situará a norma.

No galego-português, /b/ e /v/ eram então fonemas distintos (TEYSSIER, 1997, p.32), o que foi mantido na pronúncia atual do centro-sul de Portugal. No entanto, no centro-norte do país, hoje, há um único fonema /b/, como em espanhol. Ele é realizado de duas formas, [b] e [β], conforme as suas posições.

Para a maior parte dos estudiosos, toda a Península teria conhecido primeiro a distinção entre um /b/, oclusiva bilabial vozeada, e um /v/, fricativa labiodental vozeada. Depois a confusão entre os dois teria se generalizado e atingido todas as regiões, com exceção do centro-sul de Portugal.

Essa não é a opinião de Maia (1986, p.472). A distinção primitiva não teria sido entre /b/ e /v/, mas entre duas bilabiais, /b/ e /β/. A oposição fonológica seria um traço extremamente frágil; na maior parte da Península, esse traço acabaria por desaparecer. A autora tenta explicar a inexistência de /v/ no norte de Portugal. Segundo ela, a neutralização dos fonemas representados por e <v> já se verificaria na época do galego-português, fato anterior à Reconquista. Com os movimentos demográficos e a Reconquista, essa igualação se propagou com ritmos diferentes, não atingindo o sul de Portugal. Para Maia (1986, p.481), a confusão entre /b/ e /β/ poderia ser resultado da variação que o fonema /b/ apresentaria, a partir de determinado momento: (i) realizava-se como [b], quando precedido de vogal; (ii) realizava-se como [β] em posição intervocálica. Alonso (1962, p.207) também aponta que

Hay [...] una serie de indicios que parecen asegurar para todo el N. de la Península (y no sólo para el castellano) el desconocimiento de la labiodental desde época antigua; que era así en la Edad Media sale de los testimonios de gramáticos del siglo XVI [...], puestos esos testimonios en contacto con los datos de los documentos

¹⁰³¹ Ali (2001) e Melo (1967) foram consultados e não forneceram informações diretamente ligadas ao estudo proposto.

¹⁰³² Movimento cristão com início no século VIII que visava à recuperação das terras perdidas para os árabes durante a invasão da Península Ibérica. A reconquista de todo o território peninsular vai durar cerca de oito séculos. Em Portugal, terminaria com a conquista definitiva de Silves pelas forças de D. Afonso III, em 1253.

medievales; refuerza el contraste con el N., el mismo hecho de que sólo el SE., el S. y el E. (sin el NE.) de la Península nos conserven de v.¹⁰³³

Por que o fenômeno da perda da distinção entre /b/ e /β/ não se propagou no sul de Portugal? Ali, haveria distinção entre /b/ e /v/, antes mesmo da Reconquista. Como /b/ era sempre realizado como [b], e nunca como [β], a confusão não era possível.

Maia (1986, p.474) e Teyssier (1997, p.33) citam a hesitação existente entre <u, v> e no galego-português (*baron/varon*, por exemplo), que seria resultante de infiltrações da língua falada no texto escrito. Palavras que deveriam apresentar apenas <v, u> revelam, às vezes, a presença de e vice-versa, o que poderia indicar uma neutralização dos fonemas que esses grafemas originariamente representavam (MAIA, 1986, p.476). Coutinho (1984, p.73) também comenta o fato em relação ao português arcaico: nos antigos manuscritos, <v> era substituído por <u> (*liurar = livrar*) e vice-versa (*lauorados = lavorados*).

Teyssier (1997, p.48) afirma que, em 1576, Duarte Nunes de Leão (no seu *Ortographia*) menciona a confusão do *b* e do *v* entre os galegos e os portugueses do norte. Maia (1986, p.431) faz a seguinte pergunta: A partir do século XV, palavras com [b-] (<[b-]) ou [-b-] (<[-p-]) aparecem grafadas com <u>. Por sua vez, /b/ e /β/ - Teyssier (1997) diria /v/ - estariam perdendo a oposição fonológica ou se estaria diante de uma ultracorreção das pronúncias?

Pode-se fazer a seguinte esquematização dos dois principais posicionamentos apresentados:

Quadro 11 - Evolução de /b/, /v/ e /β/ no português

Portugal	Autor	Galego-português	Evolução ao longo do período arcaico
		Distinção entre os fonemas	Neutralização da oposição entre os fonemas
Norte	Maia (1986)	/b/ e /β/, já com tendência à neutralização	/b/
	Teyssier (1997)	/b/ e /v/	/b/
Centro-sul	Maia (1986) e Teyssier (1997)	/b/ e /v/	/b/ e /v/

¹⁰³³ Tradução nossa: “Há uma série de indícios que parecem assegurar para todo o Norte da Península (e não somente para o castelhano) o desconhecimento da labiodental desde época antiga; que era assim na Idade Média sai dos testemunhos dos gramáticos do século XVI, colocados estes testemunhos em contato com os dados dos documentos medievais; reforça o contraste com o Norte, o mesmo fato de que apenas o Sudeste, o Sul e o Leste (sem o Nordeste) da Península nos conservem resquícios de v.”

4.3 ANÁLISE DE *VAV*, *BET* E *VET*

Conforme visto em 2.3, *vav* é transcrito aqui como a consoante <v> e as vogais <o> e <u>. Exceto nos casos em que ele for o segundo elemento de um encontro vocálico, vindo assim antecedido por um *álef* silencioso, não há marcação gráfica que distinga o vocálico do consonantal, sendo necessário ao leitor do texto conhecer os vocábulos. Para tal distinção, a CGE serviu de base, como já explicado. Na mesma seção, convencionou-se que *bet* é sempre transcrito como e *vet* como <β>.

Ao se fazer a transcrição do *De Magia*, entre outros estranhamentos, observou-se, nesse texto aljamiado, a existência de três grafemas equivalentes a apenas dois grafemas em um texto não-aljamiado. Trata-se do *bet* (cf. 2.3.2.1), *vet* (cf. 2.3.2.2) e *vav* consonantal (cf. 2.3.2.7) sendo empregados pelo copista em posições equivalentes às de e <v> de um texto em português arcaico em caracteres latinos. Assim, surge o problema que guiará esta análise: Quais são as representações fônicas dos grafemas aljamiados *bet*, *vet* e *vav*, transcritos aqui, respectivamente, como , <β> e <v> (cf. convenções apontadas no Capítulo 2)? De fato, a questão do *b* e do *v* perpassa toda a Península Ibérica¹⁰³⁴, mas aqui apenas o português será analisado.

Face ao problema exposto, a hipótese de trabalho é a seguinte: se há três grafemas na aljâmia, então há três sons no português coetâneo ao texto: *bet*  transcrito como seria a representação grafemática de [b]; *vet*  transcrito como <β> seria a representação grafemática de [β]; *vav*  transcrito como <v> seria a representação grafemática de [v]. *Bet*, *vet* e *vav* foram assim transcritos levando-se em conta as transcrições de aljâmia já existentes. Em judeu-espanhol, principalmente, é esta a relação gráfica. Assim, o objetivo que se impõe é o de identificar as representações fônicas dos grafemas , <v> e <β> no *De Magia*.

O estudo tem como justificativa o fato de não ser possível se fazer a identificação das representações fônicas de e <v> no português não-aljamiado, que apresenta dois grafemas, e <v>, para três sons. Segundo Quintana (2006),

mientras que todos los hombres cultos cristianos y algunos de sus escribanos sabían latín, y muchas veces no escribían de acuerdo con la pronunciación de su tiempo, sino que respetaban la grafía etimológica latina, los judíos no sabían latín y entonces

¹⁰³⁴ Entre outros, veja-se, por exemplo, para o espanhol, Entwistle (1982), Menéndez Pidal (1994) e Lleal (1990).

solían escribir como pronunciaban. Es decir, que en la manera de escribir una misma palabra entre un cristiano y un judío medieval, se pueden dar diferencias.¹⁰³⁵

Já Huber (1986, p.43) informa que “muitas vezes são precisamente as variantes (orto)gráficas de uma e da mesma palavra que permitem determinadas conclusões acerca da pronúncia.” Ademais, a questão ainda não apresenta explicações definitivas dos especialistas do tema, como se verá em seguida. Autores como Grandgent (1928, p.201) afirmam que nas línguas românicas, existem poucos vestígios grafemáticos, ou talvez nenhum, da confusão primitiva entre [b] e [v], o que será revisto aqui.

Iniciou-se o estudo através de uma pesquisa bibliográfica relativa à caracterização, etimologia e evolução fônica de e <v> no latim e no português arcaico, e de *bet*, *vet* e *vav* no hebraico.

A partir do *De Magia* já transcrito, os vocábulos com *bet*, *vet* e *vav* foram localizados, contados e organizados em ordem alfabética, através da ferramenta *Concord* do *WordSmith*. Em seguida, as variantes de um mesmo vocábulo foram agrupadas e sua etimologia foi buscada em Cunha (2001). Caso o vocábulo não fosse encontrado no autor citado, consultava-se Houaiss; Villar; Franco (2000). A etimologia dos vocábulos foi coletada para que se pudesse saber qual a representação grafemática de *bet*, *vet* e *vav* nos vocábulos em latim dos quais derivaram. Os vocábulos em língua estrangeira (espanhol e latim), os de etimologia duvidosa, ou aqueles derivados de outra língua que não o latim – todos os três casos restritos – foram arrolados mas não levados em consideração no momento da análise quantitativa e nem aqui apresentados. Em relação ao geral, seu número é reduzido.

Em um segundo momento, os vocábulos arrolados foram distribuídos em sublistas, utilizando-se dois critérios principais: localização no vocábulo dos grafemas em questão – *vav* inicial e medial, *bet* inicial e medial, *vet* inicial e medial – e sua etimologia. *Vet* e *vav* final inexistem no texto¹⁰³⁶.

A justificativa para o critério da localização do grafema no vocábulo é que, para se entender a evolução dos sons, há que levar em conta sua posição e seu ambiente fônico: começo de palavra, interior de palavra, final de palavra (LAUSBERG, 1981, p.165). Como afirma Huber (1986, p.98),

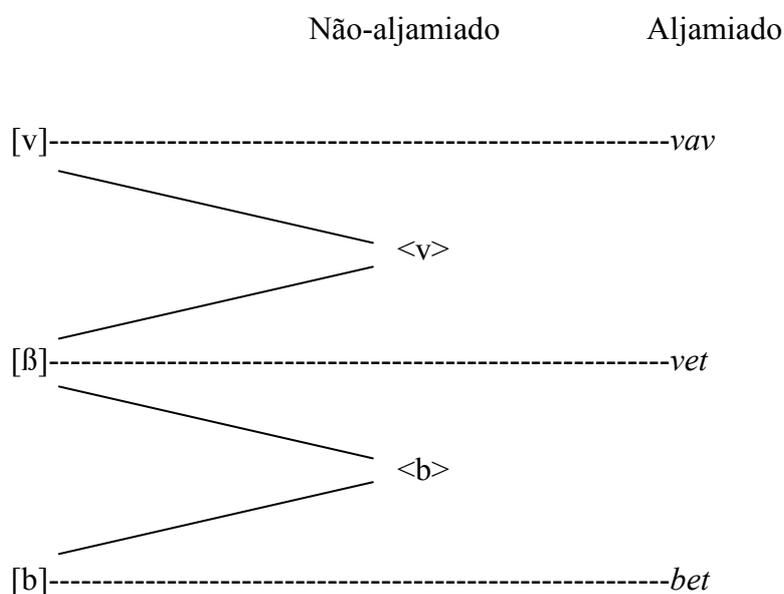
¹⁰³⁵ Tradução nossa: “enquanto todos os homens cultos cristãos e alguns de seus escrivães sabiam latim, e não escreviam de acordo com a pronúncia do seu tempo, mas sim respeitavam a grafia etimológica latina, os judeus não sabiam latim e então costumavam escrever como pronunciavam. Isto é, pode haver diferenças entre a maneira de escrever o mesmo vocábulo entre um cristão e um judeu medieval.”

¹⁰³⁶ *Bet* final foi encontrado apenas no vocábulo <eÇtorlab>, que possui apenas duas ocorrências (14v-20 e 15r-3), que deriva de um *b* medial (latim *astrolabium*). Ele não foi levado em consideração para este estudo.

No início de palavra as consoantes não são tratadas da mesma forma que no interior, caso em que se deve ter em conta se se encontram entre vogais, antes de, depois de ou entre consoantes, ou em ligação com as semiconsoantes *i* e *u*. É ainda outra a sorte das consoantes no final de palavra.

Em seguida, foram feitas análises tanto grafemática e fônica, quanto quantitativa e qualitativa, de *bet*, *vet* e *vav*. Essas análises foram compostas, também, de um paralelo entre os grafemas aljamiados e os não-aljamiados.

A hipótese que guia as análises que se seguem é a seguinte, em relação ao português da primeira metade do século XV:



A seguir, serão analisados os grafemas equivalentes ao e ao <v> dos textos não-aljamiados do português arcaico. Em outras palavras, através do sistema grafemático ternário da aljamia, será flagrada a co-ocorrência de [b], [v] e [β] no português arcaico, impossível de ser apontada no sistema binário tradicional dos textos não-aljamiados, que apresenta apenas e <v>.

4.3.1 [ụ-] latino

Os sons derivados do [ụ-] latino são representados grafematicamente na aljamia da seguinte maneira:

Quadro 12 - Representações grafemáticas dos sons derivados do [ụ-] latino

Grafema inicial categórico e grafema inicial e variante(s)	Lexias	%	Lexemas	%
<i>Bet</i> categórico 	13	1,46	4	5,55
<i>Vet</i> categórico 	19	2,29	9	12,5
<i>Vav</i> categórico 	697	84,28	51	70,83
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	64	7,74	4	5,55
<i>Bet ~ vet</i>	28	3,38	3	4,13
<i>Bet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Vet ~ vav</i>	7	0,85	1	1,38
Total	827	100	72	100

O fonema resultante do [ụ-] latino é, na grande maioria dos casos, representado por *vav* (84,28% do número total de ocorrências e 70,83% dos lexemas). A porcentagem aumenta quando se leva em conta apenas os grafemas categóricos (79,68% dos itens lexicais e 95,75% das ocorrências). Esta alta ocorrência de [ụ-] latino sendo representado por *vav* era de se esperar, já que, geralmente, latim [ụ-] > português [v-]. *Vet* inicial representa [ụ-] em 9 lexemas (12,5%) com 19 ocorrências (2,29%). Os índices são baixos, provando a estabilidade maior dos sons em início de vocábulo.

Os sons derivados do [ụ-] latino apresentam-se em vocábulos com grafemas iniciais que variam entre si em apenas 11,14% dos lexemas e 11,97% das lexias. Nestes casos, observa-se que há maior variação entre *bet ~ vet ~ vav* (4 lexemas, 64 lexias). Não há nenhuma ocorrência de *vav ~ bet*, o que era de se esperar, pois *bet*- < [b-] e *vav* < [ụ-].

O quadro acima pode ser desmembrado em subquadros:

Quadro 13 - Lexias em variação iniciadas por grafemas derivados do [u̥-] latino

Bet, vet e vav iniciais e variante(s)	Bet	Vet	Vav	Total
Bet ~ vet ~ vav				
basala, basalos; Basalo/s; vosalos	7	10	1	18
bazamentos; Bazamento/s, vuazamentos	2	7	1	10
bodas; Bodas; vodas	12	4	1	17
bontade/s, bondade/s; Bontade/s; vontade, voontade	12	2	5	19
Bet ~ vet				
bagarosas, Bagarosos	1	1	-	2
balentia; (B)alentia, Balentias	3	5	-	8
bazan; Bazar, Bazan	1	3	-	4
Bet ~ vav	0	-	0	0
Vet ~ vav				
Ba, Baa, Ban; vay (verbo <i>ir</i>)	-	6	1	7
Total	38	38	9	85

As lexias *bodas* e *vontade* apresentam bet derivando de [u̥-] na maioria dos casos (12 ocorrências), tendo ambas um <o> (*vav*) como segunda letra. O *bet* pode ter sido aí empregado (e o *vet* também) para se evitar uma seqüência de dois *vav*, que poderiam tornar a leitura do texto menos clara.

Quadro 14 - Vocábulos com *bet* inicial categórico derivados de [u̥-] latino

Vocábulos¹⁰³⁷ com bet inicial categórico	Lexias
banos, baas (<i>vão</i>)	2
baria	1
boamentos	1
boz/es	9
Total	13

Bet inicial categórico é a representação de [b-] que, por sua vez, seria a evolução mais comum do <b-> latino, mas foi encontrado também em vocábulos derivados de [u̥-]. De fato, as ocorrências de *bet* derivadas de <u̥-> latino são apenas 13 (5,55%) e com poucos lexemas cada (4 ou 1,46% - *vão*, *variar*, *voamento*, *voz*), o que poderia fazer crer que se trata de um erro do copista. No entanto, *boz/es* apresentou 9 ocorrências, não podendo se tratar de um erro. Esse fato não enfraquece a hipótese, mas poderia indicar a confusão recorrente entre [b] e [v], até mesmo em início de vocábulo, no latim, no português e nas línguas românicas em geral.

¹⁰³⁷ Por economia, não serão indicados detalhes da transcrição, tais como espaços, grafemas duvidosos, sobrepostos ou inseridos, etc.

Quadro 15 - Vocábulos com *vet* inicial categórico derivados de [u-] latino

Vocábulo com <i>vet</i> inicial categórico	Lexias
Bodos (<i>votos</i>)	1
Baao, Baas (<i>vão</i>)	4
Balentes	2
Bales	2
Baliã, Balias	4
Basos	1
Baziamento/s	3
BiBo	1
Bozeriã	1
Total	19

A presença, ainda que baixa, de [β-] não é surpreendente, já que a evolução latim [u-] > [β-] > português [v-] pode não ter chegado até [v] em alguns lexemas. Verificou-se também se [β-] não estaria sendo condicionado pelo contexto fônico do vocábulo anterior a ele, o que não se confirmou. Os sons anteriores a [β-] são os mesmos que precedem [b-] e [v-], representados pelos grafemas <a, a, e, n, o, s, y>.

Quadro 16 - Vocábulos com *vav* inicial categórico derivados de [u-] latino

Vocábulos com <i>vav</i> inicial categórico	Lexias
vazias, vuazios	2
vender	1
vestidura/s	23
veados	2
vedada	5
veen, vieran, venhan, vinha, vira, viran (verbo <i>vir</i>)	34
veer (verbo <i>ver</i>)	61
velho/s, velha/s	9
velhice	4
vencedores	1
vencer, vence	17
vencido/s, vençudos	16
vencimento/s	18
venda/s	3
vender, vendere	28
vendida/s, venduda	27
venenos	1
venereles	1
vento/s	6
ventre	2
ventura/s	17
venus	185
veraaos	1

verdade/s	5
verdadeyro	2
verde	1
vergonça	1
vermelha/s, vermelias	5
vertimentos	1
vezes	31
viã	10
vida/s	9
viingança	1
vilaaos	1
vilas, vilyas	14
vileesos	1
viles, vilys	1
vileza	1
vingan	2
vinho/s	22
vinte	1
virgo	26
virilias	1
virtude/s	61
virtuosa/s, virtuosa, virtuosos, virturasas, virtosas, virtudosas	19
visiβles	2
visoes	2
visto, vista/s	7
viubo, viuba	2
voan	2
voluntayras	2
Total	697

Enquanto *vav* não se assemelha quanto à forma nem com *bet* e nem com *vet*, *bet* e *vet* são idênticos. A única diferença entre os dois é a presença de um diacrítico - um ponto ou um risco na diagonal para a direita - sobre o grafema. Há, então, alguma possibilidade de o diacrítico não ser colocado pelo copista ou não ser visualizado pelo leitor. Sabe-se que, em 15% dos casos, o copista omite o diacrítico sobre o *pei* - idêntico na forma ao *fei* - para indicar que se trata de um *fei*. Assim, pode existir 15% de *vet* sem diacrítico, que estão sendo analisados aqui como *bet*.

Conclusão: o [u̲-] latino, que geralmente gera [v-] no português, é representado na aljama por *bet*, *vet* e *vav*. Na grande maioria dos casos, é representado por *vav*, sendo o uso de *bet* o menos freqüente de todos.

4.3.2 [-ụ-] latino

O [-ụ-] latino é representado, na aljamia, da seguinte maneira:

Quadro 17 - Representações grafemáticas dos sons derivados do [-ụ-] latino

Variantes	Lexias	%	Lexemas	%
<i>Bet</i> categórico	72	13,17	26	29,55
<i>Vet</i> categórico	30	5,48	21	23,86
<i>Vav</i> categórico	68	12,43	13	14,77
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	94	17,18	3	3,41
<i>Bet ~ vet</i>	272	49,73	22	25
<i>Bet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Vet ~ vav</i>	11	2,01	3	3,41
Total	547	100	88	100

A representação dos sons derivados de [-ụ-] latino é feita, na sua maioria (69,17%), por grafemas que variam entre si. Dentre estes, observa-se que a maior variação acontece entre *bet* e *vet*, com 78,58% (tomando-se como referência os grafemas que variam entre si, e não os categóricos).

Os grafemas categóricos correspondem a apenas 30,82% do total. Em relação aos grafemas categóricos, *bet* é o mais recorrente (41,67% das ocorrências e 42,37% dos lexemas). Se se tomam as lexias como parâmetro, verifica-se grande semelhança entre *vav* (68) e *bet* (70), contra apenas 30 ocorrências de *vet*. No entanto, se o parâmetro for os lexemas, há paralelo entre *bet* (25) e *vet* (21), contra 13 itens com *vav*.

O quadro acima pode ser desmembrado em subquadros:

Quadro 18 - Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de [-ụ-] latino

<i>Vav</i> medial e variante(s)	<i>Bet</i>	<i>Vet</i>	<i>Vav</i>	Total
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>				
abeença; aßeenças; avenças, aveencia, avenecias, avenença	1	3	30	34
conber, conbeen, conben, conbyen, conbyen; conßeen, con ßeen, conßyen, conßyene, conven	8	6	1	15
serbenta, serbentes, serßenentes, serßenta, serßentes; servente/s	13	30	2	45
Subtotal	22	39	33	94
<i>Bet ~ vet</i>				
cabar; caßar	1	1	-	2

catibidades; catiβidade/s, cati(β)idades	2	5	-	7
catibo; catiβo/s	1	2	-	3
grabes, graβes	1	2	-	3
lebantar, lebanta, lebantaran; leβantar, leβantan, lebantran	4	7	-	11
moben; moβe/n	2	4	-	6
mobimento/s; moβimentos	4	9	-	13
mobibel/es; moβibles	2	1	-	3
nobas, noβas	10	6	-	16
nobio, nobia; noβio, noβia, noβia	33	20	-	53
nabes; naβe/s	3	8	-	11
nobena; noβeno, noβena	5	4	-	9
oytabo, oytaba, outaba, oytabos; oytaβo, oytaβa	53	5	-	58
pabores; (p)aβor, paβores	4	2	-	6
pribados; priβados	4	2	-	6
pribança/s, pribença; priβança/s	6	14	-	20
remobe; remoβe	1	1	-	2
remobimentos; remoβimento/s	1	2	-	3
renoba; renoβa/n	1	3	-	4
salbo; salβo	5	7	-	12
serbas, serbo/s; serβa/s, serβo/s	8	12	-	20
aboo; aβoo/s	1	3	-	4
Bet ~ vav	0	-	0	0
Vet ~ vav				
conβenentes; convenentes	-	2	1	3
diβinaβles; divinales, divinhales, diviniales, divinhaaes	-	1	5	6
serβiços; serviços	-	1	1	2
Total	174	163	40	377

Dos 22 lexemas de *bet ~ vet*, há 152 ocorrências de *bet* e 120 de *vet*. Em 13 lexemas, há maior ocorrência de *vet*, contra 7 com maior ocorrência de *bet* e apenas dois itens em que o número de ocorrências de *bet* é igual ao número de ocorrências de *vet*. Não há nenhum caso, assim como ocorreu com [ụ-], de *bet ~ vav*.

Quadro 19 - Vocábulos com *bet* medial categórico derivado de [-u-] latino

Vocábulos com <i>bet</i> medial categórico	Lexias
catibado	1
catibeyro	1
chobese	1
chubias	10
cibdades	2
conbersa, conberso (<i>convertido</i>)	3
derebolverse	1
dibinhar	1
desolbe	1
enbiar, enbia	3
enbiamentos	1
enbiuβamento	2
viubo, viuba	2
freboor (<i>fervor</i>)	1
inbejas, inbegias	3
jubentut, jubentud	4
lebiaas (<i>levianas</i>)	1
lobinhos	1
mobido	1
nobe	1
paborosos, poborosas	2
rebolaçon, rebolações, rebolaoes	24
reboltas	1
relatibas	1
serbiçaaes	1
serbidome, serbidobre	2
Total	72

Quadro 20 - Vocábulos com *vet* medial categórico derivado de [-u-] latino

Vocábulos com <i>vet</i> categórico	Lexias
aβoricia	1
breβes	1
conβenible	1
coβos, coβa/s	4
desolβimento	1
enβiada	1
leβantamento/s	2
oβinos	1
noβenta	1
noβiceaaes	1
noβo/s	2
priβações	1
renoβamento/s	3
reβersion	1
rebolβen	1

rebolβimentos	2
selβas	1
serβir	2
silβestres	1
solβer	1
uβas	1
Total	30

Quadro 21 - Vocábulos com *vav* medial categórico derivados de [-u̯] latino

<i>Vav</i> medial categórico	Lexias
a(v)ersarios, aversarios, aversayros, avesarios, aveseyros	7
averigua	3
aversidades	1
aves, avees	3
aviltamentos	2
derebolverse	1
desventura/s, desventura	9
divinhações	3
desviar	1
diversidade/s	2
diversos, diversas	33
dividan	2
divinos	1
Total	68

A primazia de *bet* para a representação do resultado de [-u̯] latino surpreende. O *vav* poderia estar sendo evitado em vocábulos nos quais ele aparece antes ou depois de <o, u>, ambos representados por *vav*. Nos 22 lexemas com *bet* ~ *vet*, em 15, <o, u> se encontra antes ou depois de *bet* e *vav*. Nos 26 lexemas em que *bet* é categórico, em 12 <o, u> aparece logo em seguida ou logo antes dele. No caso de *vet* categórico, há 8 lexemas dos 21 em que <o, u> se encontram contíguos a *vet*. Poderia-se supor que *bet* e *vet* acabam mascarando a real representação fônica derivada do [-u̯] latino, ficando difícil afirmar com certeza como era a sua pronúncia.

Conclusão: os dados levam a crer que [-u̯] latino teria gerado principalmente *bet*, representação de [b], de acordo com a hipótese de trabalho, contrariando a tradição, que afirma que [-u̯] latino >[-v].

4.3.3 [b-] latino

Os sons derivados do [b-] latino são representados na aljamia, da seguinte maneira:

Quadro 22 - Representações grafemáticas dos sons derivados do [b-] latino

Grafema inicial categórico e grafema inicial e variante(s)	Lexias	%	Lexemas	%
<i>Bet</i> categórico 	546	96,13	21	87,5
<i>Vet</i> categórico 	0	0	0	0
<i>Vav</i> categórico 	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet</i>	22	3,87	3	12,5
<i>Bet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Vet ~ vav</i>	0	0	0	0
Total	568	100	24	100

Os dados relativos ao [b-] latino são bastante transparentes. Em relação aos grafemas categóricos, é sempre, sem exceção, representado por *bet* categórico (96,13% das ocorrências e 87,5% dos lexemas), isto é, gerou [b-]. Quando há variação, ela existe entre [b] (*bet*) e [β] (*vet*), com 3,87% das ocorrências e 12,5% dos lexemas. Assim, é seguro afirmar que o [b-] latino gerou uma grande maioria de [b], representado por *bet*, com muito pouca variação.

O quadro acima pode ser desmembrado em subquadros:

Quadro 23 - Vocábulo com *bet* inicial categórico derivado de [b-] latino

Vocábulo com <i>bet</i> categórico	Lexias
abastamento	5
abaxamento	1
barqueyros	1
baesta (<i>arma</i>)	1
baixas	1
banios (<i>banho</i>)	1
barcas	2
bastecen	1
batedores	1
been, bees, ben, beyn, beys (contrário de <i>mal</i>)	47
bees, ben, been, beyn, beys	47

<i>(propriedade)</i>	
been, bees, bein, beyn, beys <i>(convenientemente)</i>	52
benaficio/s, beneficio/s	7
bendiz, bendize/s	5
benignidades	1
besta/s <i>(animal)</i>	41
boa, boas, boas, bon, boon, (b)oon, boos	318
boca, boca	2
bondade/s, boondade	10
braços	1
brebes <i>(breve)</i>	1
Total	546

Quadro 24 - Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de [b-] latino

<i>Vav, vet e bet</i> iniciais e variante(s)	<i>Bet</i>	<i>Vet</i>	<i>Vav</i>	Total
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	0	-	-	0
<i>Bet ~ vav</i>	0	-	-	0
<i>Bet ~ vet</i>	0	-	-	0
<i>Vet ~ vav</i>	0	-	-	0
beesteyro/s; ßaesteyros	2	1	-	3
bandos, ßandos	15	1	-	16
beninas; ßeninas	1	2	-	3
Total	18	4	-	22

Apenas três lexemas variam: *besteiros*, *bandos* e *benignas* (Quadro 24). Os dois primeiros apresentam maioria de *bet*, enquanto *benigna* tem maioria de *vet*. Essa presença pouco significativa de *vet* nesse contexto poderia ser indicação da confusão sempre presente, ao longo de toda a evolução do latim e do português, entre três sons muitos semelhantes.

Conclusão: [b-] latino é representado na aljamia, na grande maioria dos casos, por um *bet*. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de *vav* representando som derivado de [b-] latino e poucas ocorrências de *vet* representando o resultado de [b-] latino no português.

4.3.4 V[-b-]V latino

Os sons derivados de V[-b-]V latino são representados, na aljamia, da seguinte maneira:

Quadro 25 - Representações grafemáticas dos sons derivados do V[-b-]V latino

Variantes	Lexias	%	Lexemas	%
Bet categórico	64	7,47	34	52,25
Vet categórico	11	1,25	6	8,95
Vav categórico	108	12,22	1	1,49
Bet ~ vet ~ vav	373	42,19	4	5,97
Bet ~ vet	261	29,52	18	26,87
Bet ~ vav	4	0,45	1	1,49
Vet ~ vav	61	6,9	2	2,98
Total	882	100	66	100

V[-b-]V latino gerou representações grafemáticas bastante diversificadas na aljamia, com 63,78% dos lexemas representados por grafemas categóricos e os demais 36,22% pelas quatro possíveis combinações de variações entre os três grafemas. A situação se inverte se se tomar como parâmetro o número de lexias: 22,76% delas são representadas por grafemas categóricos e os demais 77,24% por variações entre eles. Em relação aos grafemas categóricos, *bet* corresponde a 81,08% dos lexemas e 31,21% das ocorrências.

O quadro acima pode ser desmembrado em subquadros:

Quadro 26 - Vocábulo com *bet* medial categórico derivados do V[-b-]V latino

Vocábulo com <i>bet</i> medial categórico	Lexias
achaban	1
anublador	1
cataba	1
começaban	1
contaba	1
daba	1
dubida/s	4
dubidosas	1
ennobrece, ennoblece	2
estaban	1
trabutos	4
estabelecer, estabelece, esbeleceron	5
estabelecedores	1
estabilidades	1
governaçon	1
labores	5

liberaaes	1
liberdade/s	2
labrados	1
labradores	4
labrados	1
librar	1
nobreza/s	5
nomeaba	1
obedente	2
obedecen	2
pertubações, (p)ortubações	2
poboados	1
poboar	1
sobidos	1
sobir, sooben	2
subitadas	1
tablas, taboas	4
tomaba	1
Total	64

Quadro 27 - Vocábulos com *vet* medial categórico derivado do V[-b-]V

Vocábulos com <i>vet</i> categórico	Lexias
inβernos	1
libre	1
proβa/s	4
reβelias	2
soβente	1
taβernas	2
Total	11

Vet categórico corresponde a apenas 6 lexemas (16,22%) e 11 lexias (6,36%). Sua presença se justifica pelo fato de, no latim, V[-b-]V > V[-β-]. Estes lexemas ainda não teriam sofrido a mudança de [-β-] para [-v].

Quadro 28 - Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de V[-b-]V latino

Vav medial e variante(s)	Bet	Vet	Vav	Total
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>				
adebda, adebdan, adebdaron, adeβdan, ade(β)da, ade(β)dan, adeβdaran; adevida	254	49	2	305
adebdamentos, adebidamentos, adeβdamentos, adevidamentos	27	2	1	30
devido, deβido, devido/a	1	2	2	5
dibidas; diβido, diβida/s; dividas	2	5	26	33
<i>Bet ~ vet</i>				
cabalarias, cabaleryas; caβalarias	4	1	-	5
cabaleyros, cabalheyros; caβalheiros	8	1	-	9
cabalgar; caβalgar	2	1	-	3

chamaban; chamaβan	1	1	-	2
diabros, diaβros	2	1	-	3
escribaao, escribaaes, escribaes; escriβaaao	4	1	-	5
escribania, escribaniaꞤ, escribanyas; escriβania/s, escriβaniaꞤ, escriβanya/s	8	17	-	25
escreber; escreβer	6	4	-	10
estabelicimentos; estaβelicimentos	18	1	-	19
governos; goβernos	2	9	-	11
labrar, labran; la(β)rar	5	1	-	6
libro/s; liβro/s	46	9	-	55
nobre/s; noβres	39	4	-	43
mobles; moβeis	3	2	-	5
ouber, ober, ouberon, oubese, oubesen; ouβer, oβeren, ouβeren	5	11	-	16
palabra/s; palaβra/s	5	3		8
probaron, probey, probarey; proβar, proβaron	6	4	-	10
receber, recebe, recebera; receβer, receβe	22	4	-	26
<i>Bet ~ vav</i>				
marabiliosas; maraviliosa/s	1	-	3	4
<i>Vet ~ vav</i>				
aβer; aver, avera, avemos, avendo, avian, aveyr	-	1	53	54
deβe; deve, devemos, deven	-	1	6	7
Total	469	136	90	694

O substantivo *haver/es* é o único item lexical com *vav* categórico medial derivado de um V[-b-]V latino (2,70%). No entanto, seu número de ocorrência é alto (108), equivalendo a 62,43%. Assim, o grafema derivado de V[-b-]V latino em *haver* era pronunciado [v].

Tenta-se entender, aqui, a presença de *bet* e *vet* representando o som derivado de V[-b-]V latino. Existe a possibilidade de o grafema *vav* consonantal estar sendo evitado antes e/ou depois de *vav* vocálico, para se evitar uma seqüência de dois grafemas iguais, mas com representações fônicas diferentes. Em outras palavras, os grafemas *vet* e *bet* poderiam estar sendo usados no lugar do grafema *vav*, quando próximo de <o> e <u>, mascarando a real representação fônica dos grafemas derivados de [-b-] entre vogais. Dos 35 lexemas com *bet* medial categórico, em 16 há <o, u> antes ou depois de *bet*. No caso de *vet* categórico, há 2 lexemas em 6 com <o, u> contíguos a *vet*. Quando *bet ~ vet*, há 5 casos em 18 com <o, u>. Mas, de um modo geral, a maioria dos grafemas derivados de V[-b-] latino representam [b].

Conclusão: encontrou-se na maioria dos casos, *bet* representando o resultado de V[-b-]V latino. Esse fato contraria a tradição, que afirma que, em geral, V[-b-]V latino > [-v-] no

português. Sabe-se que houve a etapa intermediária V[β]V, que justifica a presença de *vet*, mas não de *bet*.

4.3.5 C[-b-] latino

O C[-b-] latino é representado na aljamia, da seguinte maneira:

Quadro 29 - Vocábulo com *bet* inicial categórico derivado do C[-b-] latino

Vocábulo com <i>bet</i> medial categórico	Lexias
canbar	1
chunbo	1
enbargan	2
enbargo/s	18
enbargamento	1
lonbos	1
Total	24

A consoante que antecede [-b-] é sempre <n>. [-b-] vem sempre seguido por uma vogal. Como se pode ver, o número de lexemas e de lexias de grafemas derivados de C[-b-] na aljamia é pequeno, em relação aos demais contextos. Não foi encontrado C[-b-] representado nem por *vav* e nem por *vet* mediais categóricos; ele é sempre representado por *bet*, sem exceção. Pode-se afirmar, então, que o som derivado de n[-b-]V latino é sempre [b], de acordo com a aljamia.

4.3.6 [-bb-] latino

Apenas um vocábulo foi encontrado: *abarca/n* < latim [-bb-], com três ocorrências, sempre com *bet* medial categórico. Pode-se afirmar que o som derivado de [-bb-] latino do item lexical *abarcar* era [b], de acordo com a aljamia.

4.3.7 [-b]r latino

O [-b]r latino é representado na aljamia, da seguinte maneira:

Quadro 30 - Representações grafemáticas dos sons derivados do [b-]r latino

Vocábulo com <i>bet</i> medial categórico	Lexias
celebro	1
sobrinho	1
teebras (<i>tênebra</i>)	2
<i>Bet ~ vet</i>	
febres (20); feßres (2)	22
libra (26); lißbra (1)	27
Total	53

Como se pode observar, tanto o número de ocorrências quanto o número de lexemas é baixo, em comparação com os demais casos. Apesar de haver uma maioria de casos com *bet ~ vet* (92,45%), a ocorrência de *vet* é muito baixa: em *febres*, há 20 casos com *bet* e apenas 2 com *vet*; em *libra*, há 26 casos como *bet* e apenas um com *vet*. Concluindo, os dados mostram que o principal som derivado de [-b-]r latino era [b] (*bet*), mas também havia vocábulos com [β] (*vet*).

4.3.8 V[-p-]V latino

O V[-p-]V latino é representado na aljama, da seguinte maneira:

Quadro 31 - Representações grafemáticas dos sons derivados do V[-p-]V latino

Variantes mediais	Lexias	%	Lexemas	%
<i>Bet</i> categórico	212	20,76	40	67,8
<i>Vet</i> categórico	2	0,2	1	1,7
<i>Vav</i> categórico	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet</i>	807	79,04	18	30,5
<i>Bet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Vet ~ vav</i>	0	0	0	0
Total	1021	100	59	100

Os sons derivados de V[-p-]V latino, em relação aos grafemas categóricos são [b] (*bet*) e [β] (*vet*), jamais [v] (*vav*). Apenas um item lexical apresenta um *vet* categórico derivado de V[-p-]V: *despoßoamento/s* (2 oc.). Em 99,06% dos categóricos, V[-p-]V gerou um *bet*, evidenciando que os grafemas derivados do [-p-] latino, nesse contexto, eram pronunciados [b], em sua grande maioria, e [β] em restritos lexemas.

O quadro acima pode ser desmembrado em subquadros:

Quadro 32 - Vocábulo com *bet* inicial categórico derivados do V[-p]V latino

Vocábulo com <i>bet</i> medial categórico	Lexias
cabecelaria, cabecelarias	2
cabeçoso	1
caber	1
cobiçadas	1
cobiça, cobicia	3
cobiçadeyras	1
cobiçara	1
costrar; cobro	25
cubas (<i>vasilhas grandes</i>)	1
cuberta	2
deribados	1
deribamentos	1
descuberta/s, descoberto	3
descobrimentos	2
encobrir	3
encubertamente	1
escuberto	1
obradeyra/s	1
obradoras, obradores	8
obrar, obran, obrasen	39
obrado/s	4
pobrados	1
pobre/s	7
pobreza/s	19
quebra	1
quebrantar, quebranta	6
quebrantadas	1
quebrantador	1
quebrantamento/s	9
quebranto/s	17
recebudo, recebuda	3
recebudoras	1
recobramentos	1
saber, sabe, sabemo/s, saben, saberemos, soube, sobe, sabades	26
sabedoria, sabedorias	6
sabencias	1
sabuda, sabudos	7
sobrado	1
trabalhar	1
trabalhooso	1
Total	212

Quadro 33 - Vocábulos em variação iniciados por grafemas derivados de V[-p-]V latino

<i>Bet ~ vet</i>	Bet	Vet	Vav	Total
cabeça/s; cabeças	12	1	-	13
cabido/s; caβido	6	1	-	7
deribar, deriban; deriβar	2	1	-	3
encubertas; encuβertos	4	1	-	5
sobre, soβre	623	6	-	629
manceba, mancebos; manceβa, manceβos	3	4	-	7
mancebia, mancebiã; manceβiã	3	1	-	4
pobo, poboos/s, pobos, poβo; poβoos/s, poβo	19	16	-	35
poblamentos, pobramentos, poβoamentos	3	1	-	4
obras; oβras	28	2	-	30
pobreco/s, pobreca/s; poβreco/s, poβreca/s	11	5	-	16
sabedores; saβedor	1	1	-	2
sabios, sabyos; saβios	22	1	-	23
sabor; saβor	4	1	-	5
soberbiã; soberβiã, soberβas, soberβias, sorbeβiã, soβerβias	1	9		10
trabalhador, trebelhador; traβaliador	3	1	-	4
trabalho/s, trebelhos; traβalho/s, treβelhos	4	4	-	8
abeturias, aβerturas	1	1	-	2
Total	750	57	-	807

A variação entre os grafemas derivados de V[-p-]V apenas ocorre entre *vet* e *bet*. Dos 18 lexemas, 13 têm predominância de *bet* e 10 apresentam uma única ocorrência de *vet*.

Conclusão: na aljama, o resultado de V[-p-]V latino é representado por *bet*, na maioria dos casos, em alguns poucos casos por *vet* e nunca por *vav*.

4.3.9 [-f-] latino

O [-f-] latino é representado na aljama, da seguinte maneira:

Quadro 34 - Representações grafemáticas dos sons derivados do [-f-] latino

Variantes mediais	Lexias	%	Lexemas	%
<i>Bet</i> categórico	2	11,11	1	14,28
<i>Vet</i> categórico	1	5,56	1	14,28
<i>Vav</i> categórico	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Bet ~ vet</i>	15	83,33	5	71,44
<i>Bet ~ vav</i>	0	0	0	0
<i>Vet ~ vav</i>	0	0	0	0
Total	18	100	7	100

Todos os lexemas com grafemas derivados do [-f-] latino apresentam <o, u> em seu entorno, o que pode ter feito o copista evitar o uso de *vav*. Assim, a real pronúncia destes lexemas é difícil de ser percebida, porque os sons derivados do [-f-] latino nunca são representados por *vav*. Em relação aos grafemas categóricos, há apenas um item lexical com *vet* categórico, *oribez* (1 oc.) e dois lexemas com *bet* medial categórico: *orobeziq* (1 oc.), *oribezérias* (1 oc.).

Em 83,33% das ocorrências, *bet* e *vet* variam para representar [-f-] latino, que por sua vez nunca apresenta variação entre *bet ~ vet ~ vav*, *bet ~ vav* e *vet ~ vav*.

O quadro acima pode ser desmembrado no subquadro abaixo:

Quadro 35 - Vocábulo em variação iniciados por grafemas derivados de [-f-] latino

<i>Bet ~ vet</i>	Bet	Vet	Vav	Subt.
probeyto; proßeytos	3	4	-	7
probeytoso, probeytosas; proßeytosa/s	2	2	-	4
aprobeytar, aprobeytan; aproßeyta	2	2	-	4
Total	7	8	-	15

Há bastante equilíbrio entre o número de ocorrências e de lexemas de *bet* e de *vet* quando *bet ~ vet* e também quando são categóricos.

Conclusão: O resultado de [-f-] latino no português nunca é representado por *vav*, na maioria das vezes por *bet* e pouco por *vet*.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações acima podem ser resumidas da seguinte maneira, em que + = mais freqüente; - = pouco freqüente; -- = muito pouco freqüente; Ø = inexistente:

Quadro 36 - Comparação entre o português aljamiado e o não-aljamiado

Latim	Português aljamiado			Português conforme os autores até então
	[b] - <i>Bet</i>	[β] - <i>Vet</i>	[v] - <i>Vav</i>	
[u _ɾ -]	--	-	+	[v-]
[-u _ɾ -]	+	-	-	[-v-]
[b-]	+	--	Ø	[b-]
V[-b-]V	+	-	--	[-v-]
C[-b-]	+	Ø	Ø	[-b-]
[-bb-]	+	Ø	Ø	[-b-]
[-b]r	+	-	Ø	[-b-]
V[-p-]V	+	--	Ø	[-b-]
[-f-]	+	-	Ø	[-v-]

O quadro acima permite fazer as seguintes afirmações, em relação ao português arcaico do século XV representado pela aljama do *De Magia*:

- (i) [u_ɾ-] latino, de um modo geral, é representado por *vav*, confirmando o que afirma a tradição
- (ii) [-u_ɾ-] latino, de um modo geral, é representado por *bet*, o que contraria a tradição que afirma [-u_ɾ-] > [-v-]
- (iii) [b-] latino, de um modo geral, é representado por *bet*, confirmando o que afirma a tradição
- (iv) V[-b-]V latino, de um modo geral, é representado por *bet*, o que contraria a tradição que afirma V[-b-]V > V[-v-]V
- (v) C[-b-] latino é sempre, sem exceção, representado por *bet*, confirmando o que afirma a tradição
- (vi) [-bb-] é sempre, sem exceção, representado por *bet*, confirmando o que afirma a tradição

(vii) [-b]r latino, de um modo geral, é representado por *bet*, confirmando o que afirma a tradição

(viii) V[-p-]V latino, de um modo geral, é representado por *bet*, confirmando o que afirma a tradição

(ix) [-f-] latino, de um modo geral, é representado por *bet*, o que contraria a tradição que afirma [-f-] > [-v-]

A partir da análise feita, foi possível confirmar a hipótese inicial de que *vav* = [v], fricativa labiodental vozeada, *bet* = [b], oclusiva bilabial vozeada e *vet* = [β], fricativa bilabial vozeada. As análises anteriores, como as de Maia (1986) e Teyssier (1997), que levaram em conta apenas textos não-aljamiados, não permitiam perceber a existência de três sons nos contextos analisados, já que havia apenas dois grafemas para representá-los, e <v>.

Alguns fatos dificultaram a comprovação da hipótese, no entanto, mas sem enfraquecê-la: (i) já no latim, [v], [b] e [β] serem representados, como no português não-aljamiado, por apenas dois grafemas, causa confusão no momento da representação grafemática; (ii) *vav* representar, além de <v>, <o> e <u> faz com que se evite o uso “natural” de *vav*, para não se escrever dois grafemas iguais consecutivos; (iii) o copista se esquecer de marcar o diacrítico sobre o *vet* pode ter colaborado para dificultar a diferenciação entre *bet* e *vet*; (iv) a influência da fala sobre a escrita.

Este estudo contribuiu, assim, para uma visão mais próxima da realidade fônica do português arcaico da primeira metade do século XV. Como este foi o primeiro texto aljamiado em português editado e analisado, a continuidade dos estudos das aljamias portuguesas, desta e de tantas outras mantidas inéditas nas estantes das bibliotecas, se faz necessária.

CONCLUSÃO

Esta tese teve vários resultados decorrentes dos dois objetivos gerais propostos e alcançados: a edição do *De Magia* e a análise dos grafemas *bet*, *vet* e *vav*.

Realizou-se a edição paleográfica dos 84 fólios iniciais do outrora inédito *Ms. Laud Or. 282*, cujo original se encontra na Bodleian Library, chamado aqui de *De Magia*. Esta parte do códice foi transcrita dos caracteres hebraicos para os latinos, assim como as notas marginais e interpolações feitas por outros punhos ao longo dos séculos. As descrições codicológica e paleográfica detalhadas permitiram inserir a linguagem do texto no século XV, provavelmente na sua primeira metade. Verificou-se que o texto está em português arcaico e que seus caracteres são o hebraico semicursivo do século XV. Não foi possível fazer-se uma afirmação segura quanto à sua autoria: mesmo com a citação do nome de Juan Gil de Burgos como copista em seu colofão, não foram encontrados dados suficientes que comprovassem tal afirmação. Pôde-se observar, no entanto, que o copista do *De Magia* não é o mesmo copista do *Ms. Laud Or. 310*, apesar de aparente semelhança grafemática, codicológica e paleográfica.

Para uma consistente transcrição do texto, foi necessário sistematizar sua representação grafemática. Separaram-se os grafemas simples dos dígrafos, trígrafos e nexos encontrados. Distinguiram-se as vogais das consoantes, sendo permitido confirmar a presença de todos os caracteres do alfabeto hebraico, exceto o *tav*. O sistema grafemático do *De Magia* pouco difere das aljamiadas mais conhecidas, as em judeu-espanhol. Problemas típicos das aljamiadas foram aqui também encontrados, tal como o uso de um grafema para a representação de sons distintos (*álef*, *yud* simples, *vav*, *yud* duplo, etc). Em seguida, com os critérios de transcrição organizados, fez-se um corpo de normas e justificou-se a opção pela edição paleográfica: deseja-se, principalmente, facilitar a leitura do texto e torná-lo acessível ao linguista que desconhece os caracteres hebraicos e que tampouco terá acesso ao texto original aljamiado.

A partir do *De Magia* transcrito, partiu-se para o estudo dos grafemas *bet*, *vet* e *vav*. Para a análise comparativa de *bet*, *vet* e *vav*, trabalhou-se com a hipótese a seguir: *bet*, transcrito como , seria a representação da consoante oclusiva bilabial vozeada [b], *vet*, transcrito <β>, representaria a fricativa bilabial vozeada [β] e *vav* <v> a fricativa labiodental vozeada [v]. Os trabalhos de Teyssier (1997) e Maia (1986) serviram de ponto de partida para

a construção de uma nova perspectiva em relação ao e <v> do português arcaico. Concluiu-se que, enquanto os textos não-aljamiados representam os três sons [b, β, v] através de dois grafemas <b, v>, a aljâmia do *De Magia* representa estes mesmos três sons através de três grafemas: <b, β, v>, respectivamente.

Os conhecimentos aqui sistematizados - a edição do excerto inicial do *De Magia* e o estudo de *bet*, *vet* e *vav* - e seu ineditismo são uma real contribuição desta tese para o progresso da Linguística Histórica, da Filologia, da Crítica Textual e dos Estudos Judaicos e Medievais.

REFERÊNCIAS

- ALCHEMY Electronic Dictionary. Disponível em: <<http://www.alchemylab.com/dictionary.htm>>. Acesso em: 17 set. 2006.
- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Melhoramentos; Brasília: UNB, 2001.
- ALMEIDA, M. Lopes de. *Obras dos príncipes de Avis*. Porto: Lello & Irmão, 1981.
- ALONSO, D. B = V, en la Península Ibérica. In: *Enciclopedia Lingüística Hispánica*. Madrid: CSIC, 1962. v. 1. Suplemento. p. 155-209.
- BECHARA, E. *As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização*. 92f. Tese (Concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.
- BEIT-ARIÉ, M. M. Les premiers résultats codicologiques de l'enquête sur les manuscrits hébreux médiévaux. In : COLLOQUES INTERNATIONAUX DU C.N.R.S., 547, 1972, Paris. *La paléographie hébraïque médiévale*. Paris: [s.n], 1972. p. 45-50.
- BEIT-ARIÉ, M. M. *Unveiled faces of Medieval Hebrew books*. Jerusalém: Magnes Press, 2003.
- BEL BRAVO, M. A. *Sefarad: los judíos de España*. Madrid: Sílex, 1995.
- BEREZIN, R. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp, 1995.
- BERNHEIMER, C. *Paleografia ebraica*. Firenze: Leo S. Olschki, 1924.
- BLONDHEIM, D. S. *Les parlars judéo-romans et la Vetus Latina*. Paris: Librairie Ancienne Édouard Champion, 1925.
- BRASSINGTON, W.S. *Historic bindings in the Bodleian Library*. London: Sampson Low, Marston and Company, 1891.
- BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- BUNIS, D. *A guide to reading and writing Judezmo*. New York: Adelantre!, 1975.
- BUNIS, D. *Judezmo: an introduction to the language of the Sephardic Jews of the Ottoman Empire (em hebraico)*. Jerusalém: Magnes Press, 1999.
- BUSSE, W. Rashí. Transliteración, transcripción y adaptación de textos aljamiados. *Neue Romania - Judenspanisch IX*, Berlim, 34, p. 97-107, 2005.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1976.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac: edição e glossário (CÓD. ALC 461)*. 2000. 753f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua portuguesa) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CAMBRAIA, C. N. Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do Livro de Isaac: estudo lingüístico comparativo das versões existentes. In: MIRET, F. S. *Actas del XXIII Congreso*

Internacional de Lingüística y Filología Románica, Salamanca, 2001. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003. Vol. IV: Sección 5 – Edición y crítica textual / Sección 6 – retórica, poética y teoría literaria, p. 53-67.

CAMBRAIA, C. N. *Punho* [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por alexiateles@hotmail.com em 5 dez. 2006.

CARDEIRA, E. *Entre o português Antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

CARVALHO, J. de. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. vol. 1, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1949 (Acta Universitatis Conimbrigensis). Disponível em: <www.casareal.co.pt>. Acesso em: 15 jun. 2006.

CINTRA, L. F. L. (ed.) *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: I.N.C.M., 1951. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 7 dez. 2005.

COHEN, M. A., GUIMARÃES, A., MENACHE, L. Remanescentes do judeu-espanhol na comunidade de Belo Horizonte. *Revista de Estudos Judaicos*. Belo Horizonte, n. 1, p. 30-36, 1998.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, A. G. da (Coord.) *Vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. 1 CD-ROM : color. ; 4 ¾ pol + encarte (4 p.)

DAN, J. *Jewish mysticism and Jewish ethics*. Seattle: University of Washington Press, 1986.

DICCIONARIO general de las obras de Gonzalo de Berceo. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/vocabulario.htm>. Acesso em: 24 set. 2006.

ENCICLOPEDIA Judaica Castellana. México: Ed. Enciclopedia Judaica Castellana, 1950. v. 7 e 8.

ENCYCLOPAEDIA Britannica. Cambridge: CUP, 1910. v. VII.

ENCYCLOPAEDIA Judaica. Jerusalem: Keter, 1971. v. 3, 12, 16.

ENGLER, E. *ms. Laud Or. 282 (Bodleian Library)* [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por alexiateles@hotmail.com em 10 dez. 2006.

ENTWISTLE, W. J. *Las lenguas de España: castellano, catalán, vasco y gallego-portugués*. Madrid: Istmo, 1982.

ESCOLAR, H. (dir.) *Los manuscritos españoles*. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1993.

FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

GONZÁLEZ LLUBERA, I. A transcription of MS C of Santob de Carrión's *Proverbios morales*. *Romance Philology*, p. 217-256, 1951.

GONZÁLEZ LLUBERA, I. Two old astrological texts in Hebrew characters. *Romance philology*, p. 267-272, 1952.

GRANDGENT, C. H. *Latín vulgar*. Madrid: Revista de Filología Española, 1928.

GREENBERG, M. *Introduction to Hebrew*. Prentice-Hall, 1965.

- GUIMARÃES, A. T. *Reanálise de estruturas locativas no judeu-espanhol oriental*. 198p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- GUIMARÃES, N. S. *O judeu-espanhol – uma língua neolatina em extinção*. 2 vol. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- HEGYI, O. Reflejos del multiculturalismo medieval: los tres alfabetos para la notación del iberroromance. *Nueva Revista de Filología Española*, 30, p. 92-103, 1981.
- HILTY, G. (ed.) *El libro conplido de los iudizios de las estrellas*. Madrid: Real Academia Española, 1954.
- HILTY, G. A versão portuguesa do “Livro cunprido”. *Biblos*, v. LVIII, p. 207-267, 1982.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.
- KAUTZSCH, E. (ed.) *Gesenius' Hebrew Grammar*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- KAYSERLING, M. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- KOHRING, H. Judenspanisch in hebraischer schrift. *Neue Romania*, Berlim, n.12, p. 95-170, 1991. (Tradução)
- LAMBERT, M. *Traité de grammaire hébraïque*. Paris: PUF, 1946.
- LAUSBERG, H. *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- LÁZARO CARRETER, F. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos, 1990.
- LEÃO, D. N. de (1576). *Ortographia da lingua portuguesa*. Lisboa: João de Barreira, s/d.
- LEVI, J. A. Afonso X, o Sábio, as ciências “islâmicas”, o papel de Afonso X na difusão dessas ciências e o “Liuro conplido en o[s] juizos das estrelas”. *Torre de Papel*, n. 5, p. 119-191, 1995.
- LLEAL, C. *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova, 1990.
- LOPES, D. *Textos em aljamia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- MAIA, C. de A. *História do galego-português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MANIACI, M. Alla fine della riga: divisione delle parole e continuità del testo nel manoscritto bizantino. *Scriptorium* 51 (1997) apud BEIT-ARIÉ, M. M. *Unveiled faces of Medieval Hebrew books*. Jerusalém: Magnes Press, 2003.
- MATTOS E SILVA, R. V. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Caderno de estudos lingüísticos*, 20: 59-74, Campinas, IEL, 1991. apud MATTOS E SILVA, R. V. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n. especial, p. 247-276, 1994.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa*. *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo XXIX, v. II, p. 129-151, 1984.

- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo; Salvador: Contexto; Editora UFBA, 1993.
- MAY, R. A. *Catalogue of the Hebrew Manuscripts in the Bodleian Library: supplement of addenda and corrigenda to vol. I (A. Neubauer's catalogue)*. Oxford: Clarendon, 1994.
- MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- METZGER, T. *Les manuscrits hébreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières décennies du XV^e siècle*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- MEYER, R. *Gramática de la lengua hebrea*. Barcelona: Riopiedras, 1996.
- MINERVINI, L. *Testi giudeospagnoli medievali*. Napoli: Liguori, 1992.
- MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1984.
- NEUE ROMANIA: Judenspanisch VII. Berlim: BUSSE, W., 28, 2003.
- OLINDA, S. R. **Pois e ca: mudanças semânticas e sintáticas no português arcaico**. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1991. (Dissertação, Mestrado) *apud* Mattos e Silva (1994).
- PAGE, S. *Astrology in medieval manuscripts*. Toronto: University of Toronto Press, 2002.
- QUINTANA RODRÍGUEZ, A. *Bet, vet, vav* [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por alexiateles@hotmail.com em 31 ago. 2006.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: RAE, 1992.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE). *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em: 24 set. 2006.
- ROSENBERG, R. A. *Guia conciso do judaísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ROTH, C. Illuminated manuscripts of medieval Hebrew Spain. In: BARNETT, R. D. (Ed.) *The sephardi heritage*. Londres: Valentine, Mitchell, 1971. p. 69-80.
- ROTH, N. Jewish Collaborators in Alfonso's Scientific Work. In: BURNS, R. I. *Emperor of Culture*. cap. 5. Disponível em: <<http://libro.uca.edu>>; The Library of Iberian Resources Online. Acesso em: 21 ago. 2006.
- SÁ, A. Moreira de. A próxima edição de três traduções portuguesas inéditas do século XV. *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-brasileira*. Lisboa, v.1, n.1, 1960. p. 562-585.
<<http://www.sacredspiral.com/Database/alchemy/alky10.html>>. Acesso em: 16 set. 2006.
- SAMPSON, G. A escrita consonantal. In: _____. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 80-104.
- SCHEINBEIN, C. *Línguas em extinção: o hakitia em Belém do Pará*. 2006. 335 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SCHMELZER, M. Hebrew manuscripts and printed books among the Sephardim before and after the expulsion. In: GAMPEL, B. R. (Ed.) *Crisis and creativity in the Sephardic world*. New York: Columbia University Press, 1997. p. 257-266.
- SILVA NETO, S. da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

- SILVA, L. P. da. O astrólogo João Gil e o “Livro da Montaria”. *Lusitânia: Revista de Estudos Portugueses*, Lisboa, v. 2, p. 41-49, 1924.
- SIRAT, C. *Hebrew manuscripts of the Middle Ages*. Cambridge: CUP, 2002.
- SPINA, S. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- STROLOVITCH, D. *Old Portuguese in Hebrew script: convention, contact and convivência*. (tese de doutorado em Filosofia, Cornell University, agosto/2005) Disponível em: <<http://www.jmrg.org/strolovitch/disspage/>> Acesso em: 16 mar. 2006.
- STROLOVITCH, D. Selections from a Portuguese treatise in Hebrew Script: o livro de como se fazem as cores. *Cornell Working Papers in Linguistics*, 17, p. 185-196, 2000.
- TELLES, C. M. *Argüição ao exame de qualificação de Aléxia Teles Duchowny*. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2006. Digitado.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TEYSSIER, P. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.
- TEYSSIER, P. Les textes en ‘aljamia’ portugaise; ce qu’ils nous apprennent sur la prononciation du portugais au début do XVIe siècle. *Atti XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Napoli: Gaetano Macchiaroli, p.181-196, 1977.
- VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1995.
- VALENTINE, B. *Last will and testament*. London, 1671. Disponível em: <http://www.levity.com/alchemy/val_symb.html>. Acesso em: 16 set. 2006.
- WEINGREEN, M. A. *A Practical Grammar for Classical Hebrew*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- YATES, K. M. *Nociones esenciales del hebreo biblico*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1970.
- ZUCKER, G. K. Problems of transcribing Sephardic texts into the Roman alphabet. In: STILLMAN, Y. K.; ZUCKER, G. (Eds.) *New horizons in Sephardic studies*. Albany: State University of New York Press, 1993. p. 215-220.

APÊNDICE

1. *Abeddar e adebdamento*

O verbo *abeddar* é um dos lexemas mais freqüentes do manuscrito, ocorrendo 1866 vezes. Em geral transitivo direto, algumas vezes seguido pela preposição *sobre*, descreve a ação ou domínio dos planetas ou signos do zodíaco sobre pessoas, ações e objetos. Exemplos:

*e ainda entenderon que as pr<a>netas que son de n<a>tura / de ayre e de agua que **abeddan** gobernaçon asi como jupiter ou sol / o venus e mercurio e q luq (3v-16)*

*se foren ena casa nobia **abeddan** vencer preyto ou / (f)azer ley ou estabelicimento ou g<a>nança de maestra digo / ou de caminho ou de viagem longo por mar ou por tera (39v-20)*

*e q pr<a>neta que for eno signo / oytabo do sol **abedda** sobre q morte do omen e sobre os negoc(i) / os dos mortos (82v-5)*

O substantivo *adebdamento* ocorre, por sua vez, 86 vezes. Exemplo:

e os / adebdamentos das cas<a>s son segundo os signos e as pr<a>net<a>s que son en / elas (21v-1)

Para Strolovitch (2005:187), *abeddar* seria equivalente ao *adeudar* do espanhol que, segundo o Dicionário da RAE (1992), significa (i) contrair um dívida, (ii) tornar alguém devedor de uma dívida ou favor e (iii) assinalar relações de parentesco, origem comum ou afinidade, entre outros. O *Diccionario general de las obras de Gonzalo de Berceo* define *abeddar* como “Obligar, hacer a uno grato, ganar su amparo. (S. Mill. 424.)”.

Abeddar e *adebdamento* também foram encontrados em textos espanhóis datados entre 1250 e 1491, incluindo textos de Astrologia (RAE-CORDE).

2. Transcrição dos três primeiros fólhos do códice 5-2-32 da Biblioteca Colombina (Sevilha, Espanha), apenas para conhecimento do conteúdo:

[fól. 1]

La parte terceira del libro de Juan gil que
 fabla en los nascimentos delos hombres (A) .
 en sus estados . A porquel hombre es mas :
 virtuoso animal se señoreador de todos :
 los otros animales de la tierra se ha negocios
 en la mar conviene de fazer mas mjen çion dl hombre
 q d los otros anj males se conviene saber su vi
 da segund su natura A su estado en el mundo
 se ha quello que le viene por virtud natural
 de las propiedades de las estrellas cavdas
 A de las cometas se de los hombres Ay ali(fn)
 nos dellos que son señores cosieruos por la
 Je A . ay algunos que caen se pierden el estado
 de su linaje su desventura A. por ya de dios
 se por pecado de aquellos donde el viene
 que no qujere dios que aquel linaje ten(f)a
 aquel estado de los señores del mundo A.
 ay algunos hombres que son buenos por q
 dios haz e milagro {{por}} <en> pujar los entes
 buenos estados del mundo en dar les vida

[fól. 2]

se salud a ellos se a otros por amor de ellos
 A ay algunos de los hombres malos por que
 dios haze maravillas en destruyi<l>los en
 matarlos a ellos se a los otros por los peca
 dos de ellos esto faze dios sobre la Razon hu
 manal se sobre la virtud de las estrellas se de
 los elementos Asi como Aquellos A q inen por
 vio la tierra se a aquellos q desçiende fuego de
 çielo en tienpo claro A los mata se aquellos
 que por sus malos merecimientos se levanta
 Los pries se los pueblos Contra ellos co aquellos
 que desesperan de dios a todos les (co)ntece
 cosas que son sobre la Razon humana se sobre
 Las virtudes çelestiales A . sobre las virtudes
 helementales se çie(r)to njnguno no puede
 sobrar el ordenamiento çelestial de dios(P)al
 no por milagro de dios mas (bien) puede el
 hombre menguar del ordenamiento çeles
 tial por sub ye(rr)os copor ya piedos copor
 guel hombre no puedo [.....] mngi[.]

[fól. 3]

Bien eneste m(u)ndo (s)in bevir enel tiengo
 (l)uengo conviene de (ts)aer [.].rimenarente enlos
 años dla vida delos nasçidos se para sabr
 la vida del nasçido conviene a saberel
 punto ela ora (d)l dya (o) dl año en quenas
 çio el nasçido sipudiere ser sabid[...].n
 astro labio esto sera cosa çierta se sino
 pndiere ser tomado con asto labrio sabras
 el año yel mes yel dia en q nasçio (al) nasçi
 do çierta mente cotro si sabras elo(r)a la
 mas çier ta que pudieres por boca dela
 madre dt nas çido codela partera enten
 deras qual pudo ser Al sino Açendente
 dela ora dela nas çençia que te dize (A)
 sepas quel sino Açendente delnasçido
 es Alguno dlos signos en que ovieron
 el padre ol madre dt nascido Algunapla
 neta en siro nasçiençias A primeramente
 sabias senasçio La criatura con dias colino.

3. Transcrição do fólio 416v do *De Magia*, contendo o colofão

Os mesmos critérios para a edição do *De Magia* foram aqui empregados, com poucas e pequenas simplificações.

[fól. 416]

infruenç<a>s non obraden cous<a>s cert<a>s · e asi auã razon destroi a
 otra · e por santo non e de quedaer ·· e se deus a prop(o)sto ordenaçõ
 certa sobre tod<a>s as otr<a>s co(u)s<a>s en sa boontade · e as obr<a>s de
 magica aenhedense ou minguanse sobre aproposiçõ de deus pois mais poder<a>n
 proposiçõ ordenada · mais segundo as obr<a>s que nosfizemos asi (n)os dara
 obeen ou o mal · e se as obr<a>s de magica aprobeytan se ao que deus
 quige m<a>tar ou estroir · pois logo poderan mais as obr<a>s de magica
 e as que deus · e isto e ero e por ende non son de creer · e se deus
 non a c<a>tamento nen uun sobre as cous<a>s mndaa(s) mais que lesou en
 seu (al)βid(r)o edeles · depoyes que as fezo e que fosen guesad<a>s por seus a
 acedentes asi que qemo quando chegase o margarito ao fogo que se queymase
 e quando se alongase del quenon lhe enpecese pois as obr<a>s de magica non
 fazem nenhuus de seus acedentes p(oys) que non chegan nen moben aas cous<a>s
 moraaes epor tanto non son de cr(e)er · e por est<a>s razoes non creio
 eu nenhuã dest<a>s cous<a>s en est<a>s obr<a>s · mais acheguey eu en
 este meu libro alguas dest<a>s obr<a>s dos libros dos sabyos · e por~
 razon que se oubese alguã podol en elo que lhe veen e sen dano nenhuun · e
 por que os que veren este meu libro que non tenham que non soubealgo en tod<a>s
 as m<a>terias que f<a>lan os sabyos da astrologiã · e outrosi
 trautey aesta m<a>teriã en este meu libro por razon que en noso
 direyto manda que aqueles que en esta obra se traḅ<a>lharen en been ou en
 tolher mal con boã intenç(o)n que non dira por ele piã · mais que ajan
 por elo gnardon · e ainda tudo esto que soube de doctores que todo (omen)
 se p(o)de tr<a>b<a>llhar desta obra pedabeen e con itençõ de been e sen fazer~
 dano anenhuun tanto que non f<a>çan inbocaçõ de angios de nen de diabros nen
 defumeyros nen sacrificio nen a domentar nen adobtriã nenhuã · mais
 que se est<a>s figur<a>s ouber alguun probeyto asi senpre(n) mente que esto
 non e se non been · se alguã virtude de been e ouber por razon que nos non lho
 podemos entender sgundo noso entendimento um<a>nal ··

aqui se ac<a>ba o seteno libro de magica que conpos jo(an) gil de burgos lo(β)ado
 s(e)ja dio 'amen · tam venišlam ṭehilá la'el 'olam¹⁰³⁸

¹⁰³⁸ Tradução nossa: “feito e completo, louvado seja o dono do universo.” O trecho em hebraico foi transcrito de acordo com os critérios usualmente empregados em hebraico, e não os criados aqui para a aljama.

4. Transcrição de fólhos do *Ms. Laud Or. 310*

Os mesmos critérios para a edição do *De Magia* foram aqui empregados, com poucas e pequenas simplificações.

[fól. 1r]

EN O NOME DE DEUS AM<E>N ·· AQUI COMEÇA acurta p<a>rtida¹⁰³⁹
do libro conprido
en o juizos d<a>s estrel<a>s¹⁰⁴⁰oque conpos ali (n) g rajal¹⁰⁴¹ outro¹⁰⁴² e aqui conpe(s)a
as n<a>cenças e conteen se en esta p<a>rte d<a>s n<a>cenç<a>s acriança e e eles e
alcode e os juizos d<a>s cinc(·) c<a>sas primeyra que son des nprimeyra ata
aquinta dise ali (n) rajal gradecido seja adeus senh(o)r do poder e do reyno
e do lume ele preça (o) verdadeyro por m<a>ni(f)est<a>s prob<a>s (c)rioas ter<a>s
e os monte se os mares e os ceus circund<a>ntes adaredor pos en
eles estrel<a>s mobentes e po(j)reas en semelh<a>nça de c<a>ndeas luzentes e pos en
el<a>s sinaaes de <<(sr)>> p<a>rtir os tenpos e outr<a>s cous<a>s (e)l seja lobado e (j)r<a>decid
EN este libro (o)a(j)untey cous<a>s estranh<a>s e nobres que (f)oron espr(j)id<a>s
pelos libros <<dos>> antigos e (f)oron dit<a>s en srada mente e por sinaaes en
tod<a>s m<a>neyras de juizos d<a>s estrel<a>s a(j)untey eu con elo cous<a>s¹⁰⁴³ que eu
probey e cous<a>s que eu sonsquey por meu pensamento e cous<a>s que se sero¹⁰⁴⁴
d<a>s raizes verdadeyras desta siançiã e rogo adeus podero { {go} } <<so>> que me ajude e
me guie en as direyt<a>s c<a>reyr<a>s pela sua merce e pela sua piadade
O C<A>PITULO primeyro f<a>la na criança · e digo en este c<a>pitulo
e en os outros c<a>pitulos deste libro as c<o>sas que no(n)
son espldeneyds enos lib(r)os antigos e son dit<a>s por sinaaes e encoberta
mente e lhe suas cous<a>s pldinhas e a(s) que son p<a>recid<a>s enos libros desta
ciançiã · e digo quando n<a>ceren doys n<a>cidos de un p<a>rimento de un ventre
c(t)a am<a>dre da luã e ao n<a>cido que primeyra mente sai do ventre da pr<a>neta
aque en primeyro voy aluã e ao segundo n<a>cido da pr<a>neta aquen (ch)aja aluã
depoys daquela primeyra · se for alguã d<a>s duas fortun<a>s eno acedente e
moor mente se ouber en el alguun trepe¹⁰⁴⁵ testemunho¹⁰⁴⁶ ou (f)or en sua
trepecidade segundo o tempo diurno o noturno isto sinifica que cunprira
sua criança · o lumiar do tempo quando for salvo d<a>senfortun<a>s e de
seus acedentes maaus sinifica que cunprira sua criança · e quando ouber
en adezena c<a>sa ou en a onzenã pr<a>neta diurna de diã ou nocturna
de noyte sinifica que cunprira acriança (· qu)ando os sinaaes¹⁰⁴⁷ senhores da
trepecidade do lumiar do tempo (f)or no acedente o en adeziã casa o en

¹⁰³⁹ Na margem de cabeça está escrito em caracteres latinos e em números arábicos <Joannes Dee 1562 . January / Louany emit>. O punho é o mesmo que escreveu o mesmo trecho no *De Magia*. Na parte superior do fólho, à esquerda, há o numeral 1. Na folha anterior a este fólho está escrito em caracteres latinos <Ali Aben (R)angel. q^(a) pars> e na margem de cabeça à direita está escrito, também em caracteres latinos, <Jacobi Armacha(ni)>. O punho parece ser o mesmo que escreveu *Jacobi Armachani* no *De Magia*.

¹⁰⁴⁰ <juizos d<a>s estrel<a>s> encontra-se grifado por um traço fino.

¹⁰⁴¹ <ali (n) g rajal> encontra-se grifado por um traço fino.

¹⁰⁴² Há um *álef* silencioso entre o *resh* e o *vav*.

¹⁰⁴³ Há um ponto sobrescrito ao último *sin* parecido com o *yud* simples.

¹⁰⁴⁴ Parece haver algo sobrescrito ao *vav*.

¹⁰⁴⁵ Há um traço fino sobre o *resh* e outro sobre o *pei*.

¹⁰⁴⁶ Há um traço fino sobre o *sin*.

¹⁰⁴⁷ Há um traço fino sobre o *nune* outro sobre o primeiro *álef*.

ã oziã e sinificaçon de boa criança de(j)era¹⁰⁴⁸ mente e de boa m<a>neyra
 e se for na setena sinifica maã criança e lazer da e coytoza ·
 quando o graao do acedente o lumiar do tempo foren d<a>nados sinifica que
 non se criara se non se foren os senhores da trepecidade salvos e libre¹⁰⁴⁹ (f)irmes¹⁰⁵⁰

[fól. 1v]

en os angulos · quando an<a>cença for de diã e for o sol no ace<<n>>dente en
 signo aqui o sera auida boa e tenperda ca aquel n<a>cido sera de iguaaes
 compresoes e sera compreson de jupiter · mais se o sol for en esto enos
 signos egnios e boon pera alma mais o corpo sera de ardente compreson
 e m<a>gro e de consumid<a>s c<a>rnes mais asi como era entrando en seus dias
 era tenpera<<n>>do en sua compreson (·) mais se o sol for en signo ayro ou
 tereo e for no grado do ac<<en>>dente o antes delo depoy el (f)or tres grados
 e non ouber con o sol eno grado do acedente alguã d<a>s quinze estrelas
 beevenias que son desde n<a>tura¹⁰⁵¹ <<d(l)[.]>> fortun<a>s o alguã d<a>s fortun<a>s o c<a>tare
 e alguã de trino o de seestil o<<u>> raio¹⁰⁵² de alguã d<a>s fortun<a>s o ap<a>rte fortun(a)
 sinifica que aquel n<a>cido morera antes que recebia o comer porque o sol quando
 soube aos signos ayreos non sinifica senon fogo e outro se enos signos¹⁰⁵³
 tereos ca quando cai o fogo con oayre coronpese oayre e penetra aquela
 queymaçon e non se teen · e outro si quando se ajunta ofogo con atera aju
 nt<a>se suas se querades e dana se acompreson e non sepode sofrer · quando
 for o alpoft[e.]¹⁰⁵⁴ da n<a>cença enfortun<a>do caente { {s} }¹⁰⁵⁵ dos angulos en pero que¹⁰⁵⁶
 aja antre ele a enfortuna alguus graaos sinifica que o n<a>cido dodara
 quando ac<a>ntidade de aqueles grados · quando aluã for enfortun<a>da e
 for no acedente non sinifica criança e se for na setema c<a>sa enfortu
 n<a>da e sen c<a>tamento de fortuna sinifica que aquel n<a>cido non se criara
 quando aluã for naquarta c<a>sa a(j)unt<a>da de corpo con e(f)ortuna ou de
 codradura o de oposiçon sinifica que non se criara e am<a>dre sera en peligro
 e quiça morera e se o sol for na setema casa en esta m<a>neyra { {ou[.]} } o
 outro se sinifica que se non criara · quando ouber enfortuna eno acen
 dente e ouber en el alguã dinidade e for c<a>t<a>da de alguã fortuna sinifi
 ca que se cunprira acriança · que as enfortun<a>s¹⁰⁵⁷ quando son en suas dinidades
 mingua sua m<a>licia e maior¹⁰⁵⁸ mente mares e for de noyte enos signos¹⁰⁵⁹
 femininos e s<a>turno de diã m<a>sculinos mais se for ocontreyro disto (p)u(j)a
 sua enfortuna ecece sua m<a>licia e seu dano · mais¹⁰⁶⁰ afortuna¹⁰⁶¹
 quando for en sua dinidade puja en seu been e en sua fortuna <<e>> non seendo

¹⁰⁴⁸ Há algo incompreensível sobre o *guimel*.

¹⁰⁴⁹ Há um traço fino sobre o *bet*.

¹⁰⁵⁰ Há um traço fino antes do fei. Na margem de pé, encontra-se escrito em caracteres latinos e em números arábicos <Liber Guilielmi Laud Archiep̄ Cantuār: / et Cancellarij Vniuersitatis Oxōn: / 1633· />.

¹⁰⁵¹ Há sobrescrito ao último *álef* algo parecido com um ‘v’ latino.

¹⁰⁵² Não há *álef* silencioso entre o *yud* simples e o *vav*.

¹⁰⁵³ Na margem de corte, em frente a esta linha, está escrito <menos> em caracteres hebraicos.

¹⁰⁵⁴ Há três pontos em forma de triângulo sobre o *vav* e um traço diagonal para a esquerda sobre o *yud* simples.

¹⁰⁵⁵ Há um ponto sobre e outro abaixo do *sin*.

¹⁰⁵⁶ Na margem de corte está escrito <vencedor> em caracteres hebraicos. Há sobrescrito entre o *samech* e o *yud* simples três pontinhos em forma de triângulo.

¹⁰⁵⁷ Há três pontos em forma de triângulo sobre o *vav*.

¹⁰⁵⁸ Não há *álef* silencioso entre o *álef* e o *yud* simples e nem entre este e o *vav*.

¹⁰⁵⁹ Na margem de corte há dois riscos verticais e entre eles há três pontos em forma de triângulo.

¹⁰⁶⁰ Há três pontos em forma de triângulo sobre o *álef*.

¹⁰⁶¹ Há dois pontos sobre o primeiro *álef*.

en¹⁰⁶² sua dinidade mingua en sua fortuna e en seu been ·· quando for
 alguã minguada de luume e absisa e non ouber c<a>t<a>mento nenhun de fortu<<na>>
 morara aquel n<a>cido e non se criara e quiça sera cego e outro se am<a>dre
 sera en peligro e quiça morera ·· quando os senhores d<a>s trepecidades
 dos cinco eleeges¹⁰⁶³ foren apoderad<a>ns e firmes e ouber eno acendente en
 fortuna

[fól. 2r]

fortuna <<e>> o senhor da segunda casa for en fortuna significa que aquel n<a>cido¹⁰⁶⁴
 vibera ecriar(as)a mais en mal e en coyta e en fermidades e en lazeyr<a>s ··
 quando venus e mercurio foren ajuntados eno graao do acendente significa
 que non vibera o n<a>cido que ambos son contreyros <<e>> que non se poden ajuntar en been ··¹⁰⁶⁵
 o ajunt<a>mentod<a>s pr<a>net<a>s non significan um<a>nidade quer dizer que quando se ajun
 tan quatro pr<a>netas o cinque noacendente de alguun n<a>cido que aquel n<a>cido non
 vibera (·) dise o decrarador chamoume el rey da nosa vila e prera uã d<a>s
 suas molheres un filho e foi¹⁰⁶⁶ o acendente oyto graaos de libra termio de
 mercurio e foi¹⁰⁶⁷ en elo jupiter e venus e mares e mercurio e cerca¹⁰⁶⁸ certo
 se e uã conp<a>nhia de estrologos e dise que c<a>da un sua openyon e eu c<a>leyme
 e diseme el rey que as son que non f<a>las e diselhe dame pr<a>zo de tres dias que se
 teu filho p<a>sar o terceyro dia sera del gr<a>nde m<a>r<a>vilha e quando cunpre o
 o moço 24 or<a>s asentouse omoço e f<a>lou e fez sinaaes con amaa e el
 rey esp<a>ntose muyto¹⁰⁶⁹ disto e dise eu que been pudera seer que de dia alguã
 propicia o alguã m<a>r<a>vilha e foi¹⁰⁷⁰ el rey enos aao moço aver o que diria
 e dise o moço eu son on<a>cido desaventurado e n<a>ce por sinal de p<<e>>rde se o
 reyno de as de ser e destroo<<i>>çon{{o}}¹⁰⁷¹ da gente de almajo[.]er e logo caio o moço
 e moreu ca dizen os s<a>bedores que auida dos n<a>cidos e adizer serade dos mobi
 mentos non e signo por esp<a>rzimento d<a>s pr<a>net<a>s mais quando se ajuntan
 e se foren seus lumes uus con otros non viben nen significan vida ·· as
 duas lumeyr<a>s e o acendente e o seu senhor quando foren ajuntados con
 asefortun<a>s de corpoo de codradura ode opogion e sen c<a>t<a>mento de
 fortuna significa que non criara se non se os senhores d<a>s trepecidades foren
 enfortun<a>dos e apoder da mente e been firmes enos angulos entonce
 poderan viber mais maã vida el(z)irda e coytosa ·· quando (f)or alua
 en un dos angulos e actar alguã d<a>senfortun<a>s e moor mente mares de
 codradura o de epogion e alua non sendo recebuda daquela e fortuna
 nen c<a>t<a>ra dinhe(v)ã fortuna significa que aquel n<a>cido non gost<a>ra nenuã cousa
 e se gostar non secriara ·· quando ap<a>rte fortuna e ap<a>rte {{doscias}} <<celte>> foren
 <<e>>nt<<e>>[.] menos de fortuna o en c<a>sa de fortuna o en boos lug<a>res do acendente
 epor alguã con ela e ac<a>tar alguã enfortuna que areceba¹⁰⁷² significa que

¹⁰⁶² Há um ponto sobre o *nun* final. Na margem de corte há dois riscos verticais e entre eles há três pontos em forma de triângulo. Próximo ao segundo risco, há horizontalmente um outro risco em zig-zag.

¹⁰⁶³ Este vocábulo inicia-se com *hei*.

¹⁰⁶⁴ Na parte superior do fólho, à esquerda, há o numeral 2.

¹⁰⁶⁵ Na margem de corte, há dois riscos verticais e entre eles há três pontos em forma de triângulo.

¹⁰⁶⁶ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹⁰⁶⁷ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹⁰⁶⁸ Há um traço sobre o *kuf*.

¹⁰⁶⁹ Há um ponto sobre o *mem*.

¹⁰⁷⁰ Não há *álef* silencioso entre o *yud* simples e o *vav*.

¹⁰⁷¹ Não há *álef* entre os dois *vavs* vocálicos.

¹⁰⁷² Não há *álef* silencioso entre o *bet* e o *ain*.

aquel n<a>cido se criara e aver(a) longa vida e sera fortunado e avera been e gr<a>nde nomeada .. quando o senhor do acendente for queymado non sinifica criança moor mente se o acendente for c<a>picornio o se aquela queymaçon for na oytaba c<a>sa .. quando o senhor da acendente e o almobatez foren¹⁰⁷³

[...]

[fol. 182v]

por en angulo en aquel tempo sera aquela cousa .. e se adem<a>nda for por creyra ou por fugitibo ou cousa encoberta e en cilada julga que quando aquel sinificador entrar enos caimentos de angulo(s) e quando for o sinifica dor ena faz primeyra sinifica ligereza ena cousa e se for ena segunda sinifica mais t<a>rdançaese for ena faz terceyra sinifica mais t<a>rdança .. e quando for ena estaçon primeyra sinifica que sera aginha en<a>s maas sinificações .. e quando for ena estaçon segunda sinifica que sera aginha en<a>s boas sinificações .. e quando for son os raios¹⁰⁷⁴ e for de pe sadumo mobimento ou de libre ou for orental sinifica brebeza do te(npo) .. e quando te dem<a>ndaren por reygnadoou por c<a>samento ou outra cousa [.]o senhor da cousa e sobre alua e cata {{cnal}} <<[.]q[.]n>> almobate(z) enque lug<a>(r) e¹⁰⁷⁵ da figura e que poder a en seu lug<a>r e poon o tempo daquela cousa quanto e o conto de {{doys}} <<se[.]s>> anos meores dias ou meses ou anos segundo seu poder en seu lug<a>r e acert<a>ra(s) con deus ..¹⁰⁷⁶

aqui se acaba asetima p<a>rteda que e d<a>s eleçoes e adeus gr<a>ças ..¹⁰⁷⁷

tam v^enišlam š^evah l^ebor'e 'olam¹⁰⁷⁸ 'al yad yošef bar gedalia franco¹⁰⁷⁹ š^emerehu šuro yom ḥamiši arv'aa

yamim l^eḥodeš marḥeswan š^enat ḥamešet 'alafim ume'a v^ešiv'im uštaim¹⁰⁸⁰ šanim layešira brekh d^eyahev ḥel'a l^e'avde bar 'amite barukh hašem l^e'olam 'amen 'amen, barukh noten laya'ef koaḥ ul'en 'onim 'ošma yarbe z^e'man 'amen 'amen 'amen šela šela šela¹⁰⁸¹

[...]

¹⁰⁷³ Abaixo do *nun* há três pontos em forma de triângulo.

¹⁰⁷⁴ Não há *álef* silencioso entre *álef* e o *yud* simples e nem entre este e o *vav*. Há um ponto sobre o *vav*.

¹⁰⁷⁵ Há um ponto sobrescrito ao *álef* silencioso.

¹⁰⁷⁶ Após esta linha, há um espaço em branco correspondente a uma linha.

¹⁰⁷⁷ Após esta linha, há um espaço em branco correspondente a uma linha.

¹⁰⁷⁸ Nesta linha, há sobre cada um dos vocábulos anteriores a esta nota três pontos em forma de triângulo. <aol<a>m> se inicia por um *ain*.

¹⁰⁷⁹ < yošef bar gedalia franco > encontra-se sublinhado.

¹⁰⁸⁰ < 'alafim ume'a v^ešiv'im uštaim > encontra-se sublinhado.

¹⁰⁸¹ Tradução nossa: “Terminado e completado graças ao criador do mundo pela mão de Yosef bar Gedalia Franco, que Deus o guarde. Quinta-feira, dia 4 do mês de marheswan, ano cinco mil cento e setenta e dois da criação. Bendito Deus para sempre amém, amém. Bendito o que dá força ao cansado e ao que não tem energia, vigor. Que seus dias aumentem, amém, amém.” Sobre cada um dos seis últimos vocábulos, há três pontos em forma de triângulo. O trecho em hebraico foi transcrito de acordo com os critérios usualmente empregados em hebraico, e não os criados aqui para a aljamia.

[fol. 240r]

quigeres saber o lug<a>r d<a>s duas p<a>rtes cata en que signo e saturno de grados e de miudos e cata quanto a docomeç<a>mento de ayr<e>s troaquel miudo direyta mente e deco ralo anaotros [.] e depoys¹⁰⁸² sacao que decoreste dos grado<<s>> de saturno e do que decoraste dos grados de jupiter .. e se os grados de saturno foren mais que os de jupiter e ([.]60) grados uq reboaçon e mingua de todos los grados de saturno e o que fica decora a poredad .. e de poys¹⁰⁸³ t(o)ma do começamento de ayrs troao lug<a>r da conjuçon maior¹⁰⁸⁴ enque começo a l(e)y .. e for en a ley de mat en esc(or)pion de {{{(n)}}} (4) grados e (12) miudos e fazen se os grados iguaaes e segundo os sob(e)me(mentos) (214) grados e (12) miudos ajunt<a>(r)<a>s est<a>s aaos grados que nomea[.] [.] poredade e o que for e for s<a>cado do começamento de ayr<e>s e o (ne)gegare {s} }¹⁰⁸⁵ a conta e o lun<a>r rap<a>rte permey(ray) e se a conta crecer mais de ([.]60) grados scaaos delo e o que ficar saraao do começ<a>mento de ayr<e>s asi como ante desemos e ou chegar a conta e e a p<a>rte primeyra e e ap<a>rte da ley .. e de poys¹⁰⁸⁶ cata a conjuçon enque forense quanto a do começamento de ayr<e>s ata o seu lug<a>r por os grados iguaaes e aquilo que for ajuntaao aaos grados que nomeaste a poredade e o que for se ouber mais de uq reboaçon mingua a delo e o que f(o)nca s<a>caao do começ<a>mento de ayrs . e o chegar a chta e e o lug<a>r da p<a>rte segunda .. e s<a>can se de outra m<a>neyra sabe o acendente do ano da reboaçon do mundo enque se leb<a>ntoo el rey .. e cata os lug<a>res d<a>s pr<a>net<a>s en aquela rebo<a>çon .. e cata qual da quelas pr<a>net<a>s for orental de jupiter ou de saturno . e cata quanto a dela tro ao grado do sol .. e ajunta a elo a conta dos anos meores do senhor da quela ley .. e son a ley dos moyros¹⁰⁸⁷ oyto¹⁰⁸⁸ anos . e o que for da conta saca lo do acendente e ou chegar e e o lug<a>r da p<a>rte primeyra .. [.]oma p<a>rte segund(a) do¹⁰⁸⁹ grado da pr<a>neta que for <<o>> c(c)e(c)ntal d<a>s duas que disemos e o que¹⁰⁹⁰ for saca delo os grados da p<a>rte primeyra ante que lhes enhadises aconta dos anos meores do senhor da ley e o que fica sacaao do acendente e ou chegar a conta e e o lug<a>r da p<a>rte segunda ..

CAPITULO TRINTA NOBE EN saber o signo do chegamento do acendente do c<a>myame(nte) da conjuçon que sinific<<ou>> aley dos moyros¹⁰⁹¹ .. quando isto qui(g)eres saber toma os anos conpridos de e(z)dagenet e ajunta deles (61) anos perseos e doys¹⁰⁹² meses e (12) dias e (16) or<a>s e oque for começa de libra dando ac<a>da ano uun signo e o signo ou chegar aquel e o chegamento do acendente da ley dos moyros¹⁰⁹³ e se quigeres

¹⁰⁸² Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁸³ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁸⁴ Não há *álef* entre o e o *yud* simples e nem entre este e o *vav*.

¹⁰⁸⁵ Há um ponto abaixo e outro acima do *sin*.

¹⁰⁸⁶ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁸⁷ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁸⁸ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁸⁹ Entre o *dálet* e o provável *álef* do vocábulo anterior, há sobrescrito três pontos em forma de triângulo.

¹⁰⁹⁰ Na margem de corte está escrito em caracteres hebraicos <do grado do sol>.

¹⁰⁹¹ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁹² Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁹³ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

[fol.240v]

(s)aber o jugamento do signo do achegamento conjuçon da ley e começa de escorpion .. e se quigeres o signo do achegamento da rebolaçon começa de gemini que dizem que el acendente do ano en que foi¹⁰⁹⁴ aconjuçon que sinifica a ley foy¹⁰⁹⁵ en gemini segundo as (t)<a>blas de tolmeu .. mais por as t<a>blas dacen deent sa(b)<<sa>>(.) oacendente da ley seys grados de ayrs e por as t<a>blas da mol(mo)¹⁰⁹⁶ dalmota (nn) en e c<a>ncer . e e sta e a verdade .. e se quigeres saber o grado da p<a>rtaçon começa del vinte grados de peces dando a c<a>da grado o un ano e ou chegar (o) e o grado da (p)<a>rtaçon .. e quando acertares en o grado da p<a>rtaçon eno entramento do ano (.) ajunta a eles ac<a>da grado que andoder o sol en o circulo dos signos de(n) segundos e fazase ac<a>da signo cinque miudos e con isto alc<a>nç<a>ra con rios .. e dise alquende que o ano da conjuçon que sinific(an) a ley dos moyros¹⁰⁹⁷ [...] troao ano enque se aleb<a>ntou maomd foron (52) anos solares e que oacendente daquela conjuçon que sinifican a ley foy¹⁰⁹⁸ gemini .. e el chegamento do ano en que se leb<a>ntou maomd foi¹⁰⁹⁹ virgo .. e del ano do leb<a>ntamento de maomd troa ezdag(e)reta (36) (24) de(l<a>s) poys¹¹⁰⁰ quando quigeres saber isto torna os anos de eyzedageret todos dias e ajunta a eles os dias que son de maomd troa ezdageret .. e o que for p<a>rte o for ([.]65) dias e quarto de dia e o que achares da p<a>rtaçon sern anos solares e o que finca meses e dias de ano non conprido .. e aqueles anos solares seran os anos que son do leb<a>ntamento de maomd troa aquel ano en obreste e da ac<a>da ano o un signo signo começando de virgo e ou chegar a contados signos aquel signo e o achegamento do ano do mundo do do acendente da ley .. e sabe que o signo do chegamento do acendente da ley .. e sinificador do que contecera ao poboo de aquela ley .. e o signo do chegamento del¹¹⁰¹ da ley e significado<<r>> doque conte(c)era en o reygn daquela ley .. e o signo do achegamento do lug<a>r da conjuçon da ley e sinificador doque¹¹⁰² contece en a ley se a teran been ou non .. e o senhor deste signo sera sinificador delo que contecera ao<<s>> m<a>nteedores daquela ley .. e o lug<a>r da p<a>rtaçon sinificador dos estados de todolos sabedores .. e o chegamento do acendente da conjuçon do mudamento sinifica o que contecera a gente e ao p(o)boo daquela ley .. e o chegamento da sua dezena sinifica oque contecera a elrey daquel mudamento .. e o chegamento da conjuçon do mudamento sinifica o que acontecera ael rey que en reygnar en aquelmudamento de puxamento ou de absamento .. e o senhor daquel {{1}} chegamento sinifica o que contecera aos manteedores e aos conselheros maiorraes del rey que reygnou en aquelmudamento .. c(o)pitulo

¹⁰⁹⁴ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹⁰⁹⁵ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁹⁶ Parece haver dois traços sobre os dois *mem* e um traço sobre o segundo *vav*.

¹⁰⁹⁷ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁹⁸ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹⁰⁹⁹ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹¹⁰⁰ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹⁰¹ Há um espaço branco após este vocábulo.

¹¹⁰² Há um ponto abaixo do *dálet*.

[fol. 241r]

CAPITULO CORENTA EN saber estes chegamentos e esta p<a>rtiçon en a ley de maomd ·· quando isto quigeres saber toma os ano<<s>> de ayzdageret e ajunta a eles (61) ano e torna os solares e depouys da ac<a>da <<ano>> uun signo começ do¹¹⁰³ de libra ou chegar aquel e o chegamento que o acendente do conjunçon da ley for (11) grados de libra ·· e sequigeres saber o chegamento do lug<a>r da conjunçon da ley dos moyros¹¹⁰⁴ (·) começa de escorpion · e ou chegar aquel e o chegamento da conjunçon ·· e se quigeres a p<a>rtiçon começa de vinte grados de peces e ou chegar a conta e e o achegamento ·· e se qui(g)eres o chegamento do mudamento a s<a>jyt ario s(aca) dos (anos) de ayzdageret ajuntados con (61) anos e todos tornados anos solares (31) anos enos dias e o que fi(ca) de c<a>da ano ou signo começando de leo(n) e ou chegar e e o achegamento do acendente do mudamento ·· e¹¹⁰⁵ se quigeres do lug<a>r do mudame(nte) (·) começa de sajyt<a>rio e ou chegar e e o achegamento do sig(no) da conjunço do mudamento ·· e se quigeres o chegamento do acendente deste senhorio desta natura toma os ano<<s>> de ayzdageret ajuntados c(on) os (61) anos e tudo tornados anos solares saca delo (177) anos · e de(z) meses e (27) (das) tornados en anos solares e o que fica da ac<a>da ano uun signo começando de virgo vinte <<ou>> chegar aley e o chegamento doacendente deste reygnado ·· e o senhor deste chegamento sinifica(dor) delo que contecera en os m<a>ntee(dores) deste reygnado ·· e pra mentes en estes feytos e en est<a>s obr<a>s e obra segundo el<a>s · en todos os reygnados e en tod<a>s as ley<<s>> e acert<a>d<a>s con de(us ··)

CAPITULO CORENTA UN EN as vist<a>s d<a>s comet <a>s ·· eu non pois¹¹⁰⁶ en este meu libros este capitulo · se non de poys¹¹⁰⁷ que o probey por verdadeyro en a morte do filho de abenaoceyen ·· e en a morte de [.]eer filho de [.] aazron ·· mais ante que (is)to probase eu non tenha nen creea que avia sinificaçon nen aficace nenhuma ·· poys¹¹⁰⁸ digo que quando alguma estrela cai de ayr<e>s semelha que finde o ceu e lhe sa {{(o)}} seu sinal ·· significa que m(o)rera el rey dos crista aos e que avera m<a>t<a>nsas e guer<a>s en tera de¹¹⁰⁹ babilonya ·· e se aquel caiment(o) for tauro sinifica que s(e) erman muyt<a>s¹¹¹⁰ en ter<a>s de cristaaos e acaecera mort<a>ldade en tera de cristaaos babilonya ·· e se aquel caimento for de gemini sinifica que acaeceran bralhas en tera dos cristaos e morera el rey agipto e {{segurara}} <<endeyra>> se o lug<a>r omen f<<o>>r moso e apoesto e acaecera mort<a>ldade e en efermidades¹¹¹¹ en tera de persi(a)

¹¹⁰³ Há um traço horizontal abaixo do *dálet*.

¹¹⁰⁴ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹⁰⁵ Há um ponto sobrescrito entre o *yud* simples e o *sin* do vocábulo seguinte.

¹¹⁰⁶ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹¹⁰⁷ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹⁰⁸ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹⁰⁹ Há um símbolo semelhante a um 's' sobre o *dálet*.

¹¹¹⁰ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹¹¹ Há um ponto sobre o *álef* inicial e outro sobre o primeiro *yud* simples.

[fol. 241v]

e se aquel caimento for de cancer sinifica que acaecida en tera de meca m<a>t<a>nç<a>s e morera o filho del rey en lode <<e>> apoco de tempo morera el rey .. e se aquel caimento for de leon sinifica que el rey morera e algrarsa(n) [...] seus inimigos e sairán da querlema de babilonya que contralhera a el rey .. e nb(e)aran os bestiones e f<a>ran danos .. e se aquel caimento for de virgo sinifica que el rey doagipto m<a>t<a>ra asi os inimigos e acaeceran e muytos¹¹¹² (gu)e(m) e se (tal) caimento for de libra sinifica que o poboo f<a>ra mal a el rey <<e>> trai ceus encoberts .. e se aquel caimento for de escorpion sinifica que seran muyt<a>s¹¹¹³ queymaços en o ayre e en a tera · e m[...] foi¹¹¹⁴ mingua(n) as aguas dos rios .. e se aquel caimento for de sogit<a>rio sinifica que acaecera en tera de babilonya e en tera b<a>ldaque epedem<a>s e mort<a>ldade e que morera rey .. e se quel caimento for de c<a>picornio sinifica que acaecera en tera d(e) meca e en tera de almoes¹¹¹⁵ al(a)oes¹¹¹⁶ muyto¹¹¹⁷ mal por l(udeç)ai por o que se melo[...] .. e se aquel caimento for de ac<a>rio sinifica que se aleb<a>nt<a>ra omen fraco e apode rasa do reygno e durara en el poco e depoyos¹¹¹⁸ acaeç<a>ran muy¹¹¹⁹ os¹¹²⁰ m<a>t<a>nças e fermidades .. e se aquel caimento for de peces sinifica que el rey [...] en o poboo dereytors e judtiç<a>s e sinifica s<a>lbamento e mingua as aguas .. e deus sabe¹¹²¹ o que a de seer .. aqui se cunpre o libro cunprido d<o>s¹¹²² en os juizos d<a>s estrelas o que conpos abul(ro)cen ali filho de abn rageal¹¹²³ e deus seja loubado e agradecido am<e>n¹¹²⁴ ..

ṭam¹¹²⁵ v^enišlam š^evah l^ebor' e 'olam 'al yad yošef bar¹¹²⁶ gedalia franco š^emerehu šuro yom šiši š^ene yamim miroš ḥodeš 'elul š^enaṭ šiv'im ve'eḥat l^eprat, br[ek] d[^eyahev] ḥ[el'a] l[^eavde] b[ar] 'a[miṭe] 'amen 'amen¹¹²⁷

¹¹¹² Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹¹³ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹¹⁴ Há dois traços verticais, mas inclinados, formando um 'v' sobre o fei. Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* simples.

¹¹¹⁵ Há dois traços sobre o *mem*.

¹¹¹⁶ Não há *álef* silencioso entre o provável *hei* e o *vav*.

¹¹¹⁷ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹¹⁸ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹¹⁹ Não há *álef* silencioso entre o *vav* e o *yud* duplo.

¹¹²⁰ Não há *álef* antes do *vav*.

¹¹²¹ Há um ponto sobrescrito entre o *sin* deste vocábulo e o *sin* do vocábulo anterior. Há um espaço abaixo desta linha correspondente a uma linha.

¹¹²² Parece haver um traço fino sobre o *dálet* e outro sobre o *sin*.

¹¹²³ <abol(ro)cen ali filho de abn rageal> encontra-se grifado.

¹¹²⁴ Há um espaço em branco abaixo desta linha correspondente a uma linha.

¹¹²⁵ Há um traço sobrescrito aos caracteres.

¹¹²⁶ Há um ponto sobre o *resh*.

¹¹²⁷ Tradução nossa: “Terminado e completado graças ao Criador do mundo pela mão de Yosef bar Gedalia Franco, que Deus o guarde. Sexta-feira, dia dois do mês de elul (agosto) ano cinco mil cento e setenta e um (1411); Bendito o que dá força a seu servo, o filho da verdade, amém, amém. O trecho em hebraico foi transcrito de acordo com os critérios usualmente empregados em hebraico, e não os criados aqui para a aljamia. No fólio seguinte, está escrito em caracteres latinos <Abul Ha(se)n Ali (Filius) Ab(e)n Ragel(is).>”